

- todos o pai foi a Pelotas de tarde
 20 de fevereiro Sexta Todo o dia trabalhou
 na casa ao meio dia foram no mesmo
 caminhão o Cleber e o Cleudercio.
 21 de fevereiro Sábado Trabalharam to do
 casa entre 4 pessoas.
 22 de fevereiro Domingo O Cleber e o Cleudercio
 na festa da S. José e Cleudercio as gu
 St. Helena o Aldo e o Clemer cada um
 23 de fevereiro Segunda Trabalharam n
 entre 5 pessoas o pai foi a Pelotas.
 24 de fevereiro Terça O pai foi a Pelotas ce
 de manhã o Aldo foi a canguçu compra
 Clemer e o Cleudercio foram a fazenda
 buscar uns barrates de tarde o Aldo
 foram de caminhão buscar a telha o re
 lharam na casa 3 pessoas.
 25 de fevereiro Quarta Manhã trabalharam
 entre todos de tarde queimamos a roça
 fomos a fazenda tirar folha do milho
 turma menos o Aldo que continuou
 o Cleudercio e o Cleudercio foram a fazenda
 26 de fevereiro Quinta Manhã 3 trabalh
 casa de tarde 4 os outros entre 4 ti

VANIA GRIM THIES



**ARANDO A TERRA, REGISTRANDO A VIDA:
OS SENTIDOS DA ESCRITA DE DIÁRIOS
NA VIDA DE DOIS AGRICULTORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Teresinha Peres

Pelotas, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T439a Thies, Vania Grim
Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores / por Vania Grim
Thies. – 2008.
118f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2008. “Orientação: Profa. Dra. Eliane Teresinha Peres

1. História da Educação. 2. Cultura Escrita. 3. Memória. 4. Diários. 5. Agricultores. I. Título.

CDU: 37 (091)

Catálogo na Fonte: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Teresinha Peres

Orientadora – FaE/UFPeI

Prof^a. Dr^a. Edla Eggert

UNISINOS

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

FaE/UFPeI

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres

FaE/UFPeI

Eu tinha a certeza de existir, simplesmente porque podia contar de noite o que me acontecia de manhã. Mais tarde, bastavam-me alguns registos para me lembrar dos acontecimentos mais importantes. Dizia de mim para mim, quando eu estiver com uma idade avançada – vale dizer, agora – hei de escrever as Gesta Baudolini, tendo por base estas notas. Assim, no curso de minhas viagens, eu trazia comigo a história de minha vida.

Umberto Eco, 2007.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar nos momentos de angústia e indecisão.

À família Schmidt, pela espontaneidade, sinceridade e prontidão, por me emprestarem “suas vidas através das letras”, principalmente ao senhor Henrique e aos irmãos agricultores, Clemer e Aldo. A eles dedico esse trabalho.

À orientadora, professora Eliane Peres, que soube me conduzir nos momentos de ansiedade e de dúvidas. Agradeço pela sua competência e seriedade na orientação do trabalho, pela disponibilidade, amizade e compreensão.

Aos colegas do Grupo HISALES – História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros Escolares–, por compartilhar bons momentos de trabalho e companheirismo.

Ao professor Carmo Thum, que despertou minha atenção para a importância dos registros escritos, acreditando no potencial de meu trabalho já no período da graduação.

Às educadoras e colegas de trabalho, Miriam e Angélica, por respeitarem minhas ausências na escola, pela seriedade e compromisso no trabalho pedagógico, e, principalmente, por ficarem com minhas turmas no período de minha formação.

A minha mãe Edi e ao meu pai Bruno, por aceitarem minhas ausências físicas e temporárias, por saber respeitar meus momentos de agitação, pelas preocupações e, principalmente, pela confiança e incentivo para o trabalho. Por

me ensinarem que a humildade não é submissão, mas um valor essencial para o ser humano.

Aos irmãos Silvia e Eduardo. Sei que a torcida e apoio, mesmo que distante, foi decisiva para chegar aos momentos finais desse trabalho. Com vocês aprendi a acreditar que os nossos sonhos são possíveis.

A Luana e Henrique, que, desde muito cedo, observando minhas ocupações e usos diante de livros e cadernos, aprenderam que a cultura escrita demonstra um modo de organização da sociedade.

A avó Erna, que faz uso da cultura escrita no seu cotidiano, através de seus registros “ordinários” e da prática de leitura. Muito aprendi/o contigo, desde a infância.

Ao Renato, que esteve comigo desde minha entrada na Universidade Federal de Pelotas, acompanhando toda trajetória de estudos: Graduação, Especialização, Mestrado. Palavras nunca serão suficientes para desculpar minhas ausências necessárias para a preparação dos trabalhos. Obrigada por saber respeitar meus silêncios. Importante é que juntos vencemos!

Aos demais familiares e amigos que acompanharam o período do trabalho, dando-me forças mesmo que de um modo inconsciente.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolaridade, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (Rio Grande do Sul, BR). A pesquisa consiste em compreender e analisar a escrita ordinária de diários dos irmãos Aldo Schmidt, 60, e Clemer Schmidt, 56. Aldo iniciou suas escritas em 1972, enquanto era solteiro e morava na casa paterna. Em 1976, casou-se, constituiu família e continuou escrevendo diários com a “nova” família, prática que exerce até os dias atuais. Já o irmão Clemer escreveu diários de 1975, enquanto solteiro, na casa do pai, até 1979, quando se casou e parou de escrever. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a análise conjunta dos cadernos de registros diários e da história oral, obtida através de entrevistas semi-estruturadas. Os registros nos diários se referem à organização do trabalho no cotidiano rural, bem como a aspectos referentes ao clima, ao lazer e a acontecimentos sociais da vida dos agricultores. A pesquisa mostra que a motivação para as escritas era o trabalho na lavoura, embora o conteúdo dos cadernos diga respeito à vida privada e pública da família, demonstrando que os registros ultrapassam a esfera do trabalho e atingem outros sentidos: uma forma de existir no cotidiano, deixar as marcas do passado para trazê-lo no presente. O trabalho procura trazer contribuições à História da Educação, especialmente à História da Cultura Escrita, tratando as escritas como uma prática cultural fruto da organização de uma sociedade.

Palavras-chave: História da Educação; Cultura Escrita; Diários; Agricultores.

ABSTRACT

This work has as objective to analyze the directions of the culture written in the daily life of two farmers with little schooling, inhabitants of the agricultural zone of the cities of Pelotas and Morro Redondo (Rio Grande do Sul, BR). It is about to understand and to analyze the usual writing of dailies of two brothers: Aldo Schmidt (60 years) and Clemer Schmidt (56 years). Aldo used to write while still living in the paternal house, from 1972 to 1974, in his period of bachelor. In 1976, Aldo was married, constituted his family and continued writing dailies with the "new" family, as still makes currently. On the other hand, his brother Clemer started to write dailies in 1975, while single one, in the father's house, up to 1979, when he married and stopped to write. The methodology used is the analysis of the notebooks of dailies registers, together with oral history from half-structured interviews. The registers in the dailies are related to the organization of the work in the daily of the rural zone, as well as other aspects related to the climate, leisure and other social events of the farmer's life. The research shows that the motivation for the writings is the work in the farming, although the content of the notebooks tells about the private and also public life of the family, demonstrating that the registers exceed the sphere of the work and reach other directions.

Key-words: History of Education; Written Culture; Dailies; Farmers.

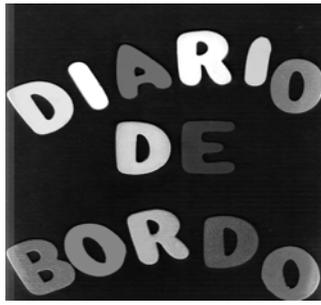
SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Lista de Figuras | 10 |
| Palavras Iniciais | 12 |
| Capítulo I. Descrevendo o material | 31 |
| 1.1. Os diários dos irmãos Schmidt | 31 |
| 1.2. Diários: que material é esse? | 42 |
| Capítulo II. Os Diários de Aldo e Clemer (1972-1979) | 51 |
| 2.1. “Preparando a terra para a semeadura”: as motivações e o início das escritas de Aldo e Clemer | 51 |
| 2.2. Problematizando temáticas nos diários de Aldo e Clemer | 57 |
| 2.2.1 Trabalho: “entre a lavoura e o caderno” | 57 |
| 2.2.2 Tempo: “o tempo de semear e o tempo de colher” | 66 |
| 2.2.3 Sábado e domingo: “tempo de lazer” | 75 |
| 2.2.4 Acontecimentos sociais e comunitários: “fazer o pão e votar” | 79 |
| Capítulo III. O passado trazendo o presente: os Diários de Aldo – do casamento aos dias atuais (1976-2004) | 85 |
| 3.1. A escrita de Aldo: “25 verões” | 85 |
| 3.2. O casamento de Aldo e a continuidade dos diários (1976) | 93 |
| 3.2.1 Nair: a protagonista dos diários | 97 |
| 3.2.2 Filhos: herdeiros de Aldo e Nair | 100 |
| Palavras Finais | 105 |
| Referências | 109 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Diário de Clemer Schmidt | 13 |
| Figura 2: Diário de Aldo Schmidt | 13 |
| Figura 3: Capa do Diário de Bordo | 15 |
| Figura 4: Registro do dia em que Clemer foi à escola conversar com os alunos | 17 |
| Figura 5: Casa de Henrique Schmidt na Colônia Santa Áurea | 18 |
| Figura 6: Anotações dos temas presentes nos diários de Clemer | 20 |
| Figura 7: Mapa dos temas presentes nos diários de Clemer | 21 |
| Figura 8: Mapa de temas presentes nos diários de Clemer | 22 |
| Figura 9: Momento da entrevista com Aldo e sua família | 25 |
| Figura 10: Caderno de registro diário de Clemer Schmidt – 1976 | 34 |
| Figura 11: Capa do terceiro caderno do diário de Clemer (período 1978/1980) | 35 |
| Figura 12: Diário de Aldo – exemplo da organização das escritas | 38 |
| Figura 13: Símbolo na escrita / Diário de Aldo | 39 |
| Figura 14: Símbolo na escrita / Caderno de Clemer | 39 |
| Figura 15: Clemer Schmidt em um dia de trabalho na lavoura | 59 |
| Figura 16: Excerto do diário nº 1 – Aldo Schmidt / fevereiro de 1975 | 64 |
| Figura 17: Excerto do diário nº 1 – Aldo Schmidt / fevereiro de 1975 | 64 |
| Figura 18: Excerto do diário nº 1 – Aldo Schmidt / fevereiro de 1975 | 65 |
| Figura 19: Diário nº 2 – Calendário com a lua grampeado no diário | 70 |
| Figura 20: Gráfico do tempo – Diário nº 1/ 1973 (Aldo Schmidt) | 72 |
| Figura 21: Gráfico do tempo – Diário nº 1/ 1972 (Aldo Schmidt) | 73 |

| | |
|--|-----|
| Figura 22: Gráfico do tempo – Diário nº 1/ 1974 (Aldo Schmidt) | 74 |
| Figura 23: Excerto do Diário nº 2 (20/03/1977) – Aldo Schmidt | 76 |
| Figura 24: Excerto do Diário nº 2 (20/03/1977) – Aldo Schmidt | 76 |
| Figura 25: Escrita sobre a inauguração da “estrada da baixada” Clemer Schmidt, Caderno nº 3, outubro, 1978 | 79 |
| Figura 26: Recorte de notícia da “estrada da baixada” Diário nº 2 – Aldo Schmidt..... | 80 |
| Figura 27: Registro de batizado, Aldo Schmidt, Diário nº 3, setembro, 1981 | 83 |
| Figura 28: Aldo Schmidt, Diário nº 3, julho de 1979 | 84 |
| Figura 29: Início das escritas de Aldo em 1972 | 86 |
| Figura 30: Casa de Aldo Schmidt – Colônia Santo Antônio (Pelotas / RS)..... | 87 |
| Figura 31: Caderno de contabilidade – Aldo Schmidt / 1976 | 91 |
| Figura 32: Caderno de contabilidade – Aldo Schmidt / 1976 | 92 |
| Figura 33: Escrita do dia do casamento no diário de Aldo Diário nº 2, 29/05/1976 | 94 |
| Figura 34: Escrita do dia do casamento no diário de Aldo Diário nº 2, 29/05/1976 | 95 |
| Figura 35: Excerto do Diário nº 3 – Aldo Schmidt / maio, 1981 | 101 |
| Figura 36: Excerto do Diário nº 3 – Aldo Schmidt / julho, 1981 | 103 |



02-05-03
Hoje eu estive aqui contando sobre o
empacotamento de feijão no Morro Redondo e
como se planta e como se vende como se
consegui as sementes Clemer Kohls Schmidt



PALAVRAS INICIAIS

O presente estudo tem o objetivo de analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolarização, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (Rio Grande do Sul, BR). Trata-se de uma investigação que pretende compreender e analisar as práticas da escrita de diários de dois irmãos: Aldo (60 anos) e Clemer Schmidt (56 anos)¹.

Atualmente, ambos são casados e trabalham em suas propriedades com diferentes culturas – milho, feijão, pêssigo, vassoura, laranja, laticínios. Aldo Kohls Schmidt é um pequeno agricultor, morador da zona rural do município de Pelotas (RS), Colônia Santo Antônio, 7º distrito. Possui em torno de 20 hectares de terra para o cultivo de suas lavouras, trabalho realizado com mão de obra familiar. Além disso, arrenda² alguns hectares, em terras vizinhas, para o plantio de suas culturas. É casado e tem dois filhos: o mais velho trabalha com ele na propriedade e o mais novo está prestando o serviço militar. Os dois filhos concluíram o Ensino Médio em uma escola na zona rural. Clemer Kohls Schmidt tem quatro filhos, sendo dois homens (gêmeos), uma filha e um filho caçula. Todos freqüentaram a escola, com exceção do caçula, que começará sua trajetória escolar no ano letivo de 2008. A filha concluiu o Ensino Técnico no curso

¹ Foi permitida a divulgação dos nomes e demais dados através do termo de autorização.

² Arrendar é o mesmo que “alugar”. Nesse sistema de arrendamento, o arrendatário “paga” as terras arrendadas com o produto colhido, conforme o acerto realizado.

de Edificações e segue suas atividades conforme sua formação, um dos gêmeos cursou o Ensino Técnico em Eletrônica e trabalha nesta área, sendo que o outro concluiu o Ensino Médio e dedica-se aos trabalhos de agricultura junto ao pai. Clemer possui, para cultivo, 23 hectares de terra que não são suas. Ele apenas mora no local e cultiva, mas a propriedade não é sua, de forma que o sistema de produção é de “parceria”, ou seja, toda a produção é dividida com seu “parceiro”, que recebe 25% do total colhido. O agricultor, que se utiliza do trabalho coletivo da sua família para o cultivo das lavouras, também planta nas terras que pertencem a Hilma, sua esposa. Essas terras, porém, ficam distantes alguns quilômetros do local onde mora.

A fim de apresentar o material analisado na pesquisa, os diários de Aldo e Clemer, e também com o objetivo de esclarecer as razões desse estudo, apresento abaixo a imagem de dois dos diários pesquisados.

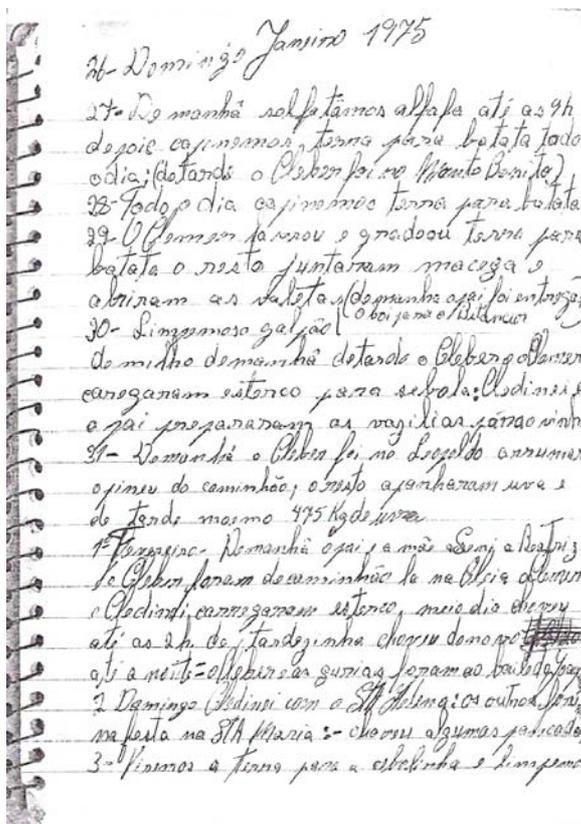


Figura 1: Diário de Clemer Schmidt.

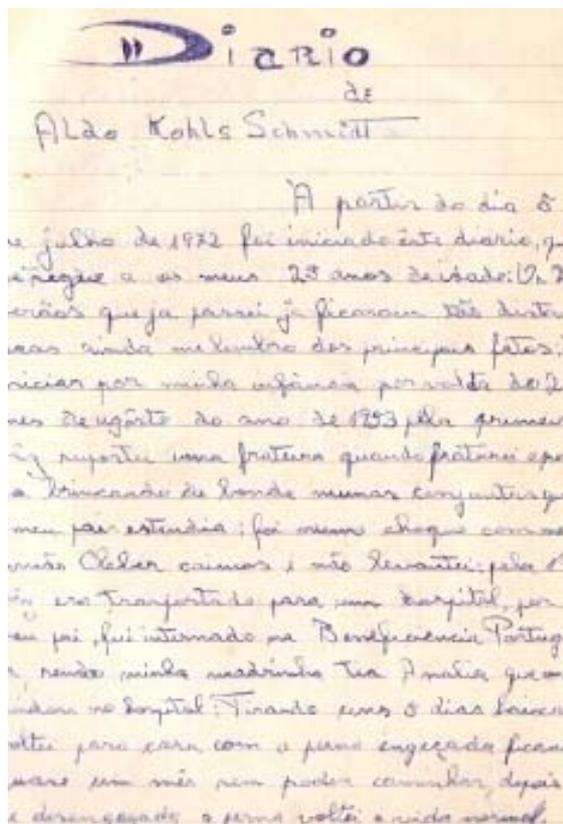


Figura 2: Diário de Aldo Schmidt.

Meu interesse pela pesquisa teve origem ainda durante o curso de graduação, enquanto aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (2001-2004). Na época, eu trabalhava em uma escola rural, no município de Morro Redondo (RS), com uma classe multisseriada³, sendo a única professora daquela escola. Sendo assim, tudo o que aprendia e discutia nas aulas da graduação tentava “aplicar”, testando a teoria na prática e vice-versa. O único impasse era não ter com quem dividir minhas angústias, dúvidas e vitórias. Desse modo, a caneta e o papel eram meus “grandes companheiros”, fazendo de minha “escrita autobiográfica um objeto de investigação” (GOMES, 2004). Com o andamento dos meus estudos e minhas reflexões, amparados principalmente em Freire (1997) e Freinet (1989), a importância do registro foi tomando conta do cotidiano escolar e foi, assim, que introduzi, em minha sala de aula, o registro coletivo de tudo o que fazíamos durante uma manhã de trabalho.

Foi assim que surgiu, em minha sala de aula, no ano de 2003, o “Diário de Bordo”, carinhosamente chamado pelas crianças de “livrão”. Nele registrávamos, através de um texto coletivo, tudo o que se passava na aula com as quatro séries estudando juntas. No final de cada aula, as crianças sentavam-se no chão, à beira do quadro, e uma delas – a “professora” – ia à frente escrever, com a ajuda dos colegas, o que tinha sido realizado naquela manhã de trabalho. Ao terminar, cada aluno copiava o texto em seu caderno e uma criança ficava responsável por fazer a escrita no “Diário de Bordo”.

³ Alunos de séries distintas estudando juntos em uma mesma sala de aula. Atuo em escola multisseriada desde 2000 até os dias atuais. Também vale ressaltar que moro na zona rural desde que nasci, em 1980.

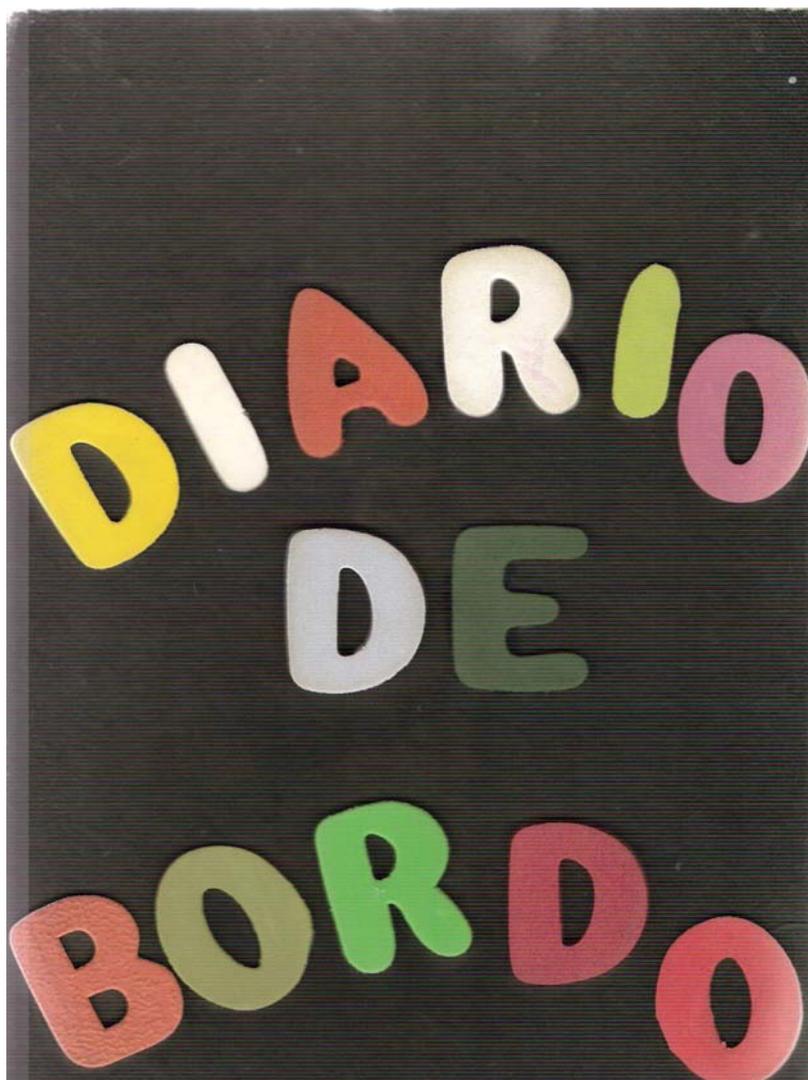


Figura 3: Capa do Diário de Bordo.

A prática de escrever no Diário de Bordo também se dava quando recebíamos uma visita na escola ou em ocasião de reunião com os pais. Além disso, todos os projetos pedagógicos desenvolvidos em sala de aula culminavam em registros escritos – livros da vida, livros de diversas formas e tamanhos, gráficos, tabelas, etc. – que possibilitavam o acompanhamento desde o início de um trabalho até o seu término.

Assim, através de diversificados registros escritos na escola, fui aprendendo a realizar a escrita enquanto estratégia de lembrança, memorização e organização do cotidiano. Meus escritos me possibilitavam “enxergar” novas possibilidades no trabalho pedagógico, além de fortalecer meu ânimo para futuras práticas. Essa escrita, conforme Gomes (2004, p.11), é:

Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.

Talvez isso explique minha atenção e interesse pelas práticas sociais de leitura e escrita, uma escrita para além das tarefas escolares, uma escrita e leitura da/para a vida. Também foi através dessa prática de escrita realizada na escola que cheguei até os cadernos diários dos agricultores e que surgiu esse estudo, amadurecido através da formação e do trabalho pedagógico na escola, conforme descrevo a seguir.

A idéia de investigar sobre práticas de escrita surgiu em um desses momentos de registro escrito na escola, quando, em função da temática que estávamos trabalhando em aula, no período de maio de 2003, convidei o agricultor Clemer para falar às crianças sobre o cultivo de feijão produzido na sua propriedade e, também, sobre o empacotamento dos grãos, que era feito através de uma associação de produtores rurais, da qual ele pertence. O simples convite transformou-se em motivo de honra para Clemer Schmidt, morador, há 27 anos, da localidade de Santa Bernardina, no município de Morro Redondo (RS). Ele é um pequeno agricultor que sempre trabalhou na lavoura desde os tempos em que morava com o pai na colônia Santa Áurea, de forma que o campo é motivo de orgulho para ele.

Na ocasião, a conversa entre os alunos e Clemer foi muito significativa, pois esclareceu todos os passos, desde o plantio do feijão até chegar à mesa do consumidor na forma embalada. Para que a explicação fosse completa, ele levou as notas de pedidos, o controle de estoque e as notas fiscais fornecidas ao comércio na hora da venda. Ao terminar as explicações, a turma sugeriu a ele que deixasse registrada por escrito, no Diário de Bordo, a sua visita à escola. Ao ver o “livrão”, ficou um pouco pensativo e contou-nos o quanto esse registro era importante, revelando que sua família, quando ele ainda morava com seu pai, também realizava uma escrita diária, parecida com aquela que fazíamos na escola.

02-05-03
Hoje eu estive aqui comentando sobre o
enxacotamento de feijão no Morrão Redondo e
como se planta e como se vende como se
conseguiu as sementes Clemer Kohlschmidt

Figura 4: Registro do dia em que Clemer foi à escola conversar com os alunos.

Nessa época, eu não tinha consciência da pesquisa que estava por vir. Foi somente em 2005, ao ingressar no Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento, que entrei em contato com o Clemer com o intuito de saber se ainda existiam os “cadernos diários”, os quais ele tinha referido na época de sua entrevista na escola. Ele se revelou muito compreensivo e espontâneo em ajudar a recuperar estes cadernos, dizendo que iria entrar em contato com o seu pai e, caso fosse necessário, com os outros irmãos para buscar os primeiros cadernos de registro diário.

Através deste agricultor pude chegar até o seu pai, senhor Henrique Pedro Schmidt, hoje com 89 anos, que mora, juntamente com duas filhas e um filho, na Colônia Santa Áurea, município de Pelotas (RS). Além desses três filhos, há outros nove que moram em cidades da região sul do Rio Grande do Sul, dentre eles Aldo e Clemer. Os doze filhos do senhor Henrique e da senhora Alda, já falecida, em ordem do mais velho ao mais novo, são: Clóvis, Aldo, Cleber, Cléia, Clemer, Cleci, Clenair, Clenderci, Cledinei, Serlene, Serli e Seni.



Figura 5: Casa de Henrique Schmidt na Colônia Santa Áurea.

Na busca dos diários e com a finalidade de investigar os registros escritos, realizei entrevistas com o pai dos agricultores. Essas entrevistas, entretanto, revelaram outra questão interessante: as práticas de leitura do pai, Henrique Pedro Schmidt (89 anos). Dessa maneira, através da escuta sensível de aprendiz de pesquisadora, percebi que, em primeiro lugar, deveria refletir sobre as práticas de leitura do pai dos dois agricultores, para, em momento posterior, realizar o estudo sobre as práticas de escrita. Assim é que se constituiu o primeiro momento da pesquisa: abordei, em 2005, no Curso de Especialização, questões referentes às práticas de leitura do senhor Henrique e produzi o artigo “Práticas de leitura de uma família de agricultores da zona rural de Pelotas (RS)”, (THIES, 2005). Somente em 2006, quando ingressei no Programa de Pós Graduação em Educação, no Curso de Mestrado (PPGE/FaE/UFPel), retornei ao projeto de investigação dos registros diários.

Embora o estudo referente aos diários tenha iniciado efetivamente em 2006, a coleta de parte do material se deu em maio de 2005, através de uma

conversa informal com Clemer e suas duas irmãs mais novas, Serli e Seni, que moram com o pai. Nesse momento consegui seis diários, dos quais três haviam sido escritos por Clemer na época em que morava com o pai, antes de seu casamento. Os diários escritos por Clemer, os quais correspondem ao período de 1975 até 1979, estavam na casa paterna porque, quando o agricultor casou, os deixou lá para que os demais irmãos que ainda permaneciam na casa paterna (Clenderci, Cleber, Cledinei, Serlene, Cleci, Seni, Serli, Clenair) continuassem realizando as escritas, por isso o total de seis diários.

De posse do material e a fim de compreender quais eram os sentidos da escrita para a vida desses agricultores, comecei a leitura dos cadernos e o diálogo com autores como Frago (1999), Chartier (2001), Petrucci (1999), Perrot (2005), Gómez (2003), Cunha (2000), Gomes (2004), Silva e Batista (2005), Espindola (2005), entre outros.

Nesse período avancei na compreensão teórica sobre o assunto, mas estive sempre em contato com Clemer, seu pai e as irmãs, mantendo o diálogo, seja através de contatos telefônicos ou através de visitas, pois eu ficara com os diários coletados na primeira conversa. Dessa maneira, realizei visitas na casa do senhor Henrique, em julho de 2005 e em setembro de 2006, para conversar com as duas filhas que vivem ainda com o pai e que vivenciaram as primeiras práticas de escrita dos diários pelos irmãos Clemer e Aldo.

Nas análises dos seis diários, os três primeiros cadernos, escritos por Clemer entre 1975 e 1980⁴, receberão maior ênfase. Os outros três também foram analisados no sentido de saber quem deu continuidade às escritas após a saída de Clemer da casa do pai, e, ainda, se houve mudanças nos registros, ou seja, se surgiram outros temas ou outras formas de realizar a escrita.

A metodologia utilizada para o trabalho foi a análise dos diários. A primeira “tarefa” foi a de ler, reler, folhear, olhar os registros de Clemer na busca de conteúdos comuns entre os dias e os anos de registro. Além disso, foi necessário registrar minhas dúvidas em meu diário de campo. Essa forma de proceder me levou a agrupar os assuntos que apareciam nos meses de cada ano dos três primeiros cadernos diários, além de também me levar a fazer

⁴ Os registros de Clemer no terceiro caderno vão somente até o ano de 1979.

apontamentos com algumas observações, tais como, “nesse mês há assinaturas do autor”, “letras diferentes”, “símbolos na margem do caderno”. Na verdade, dessa forma, já estava categorizando os dados e, de certa maneira, alertava para possíveis conclusões sobre a escrita de Clemer.

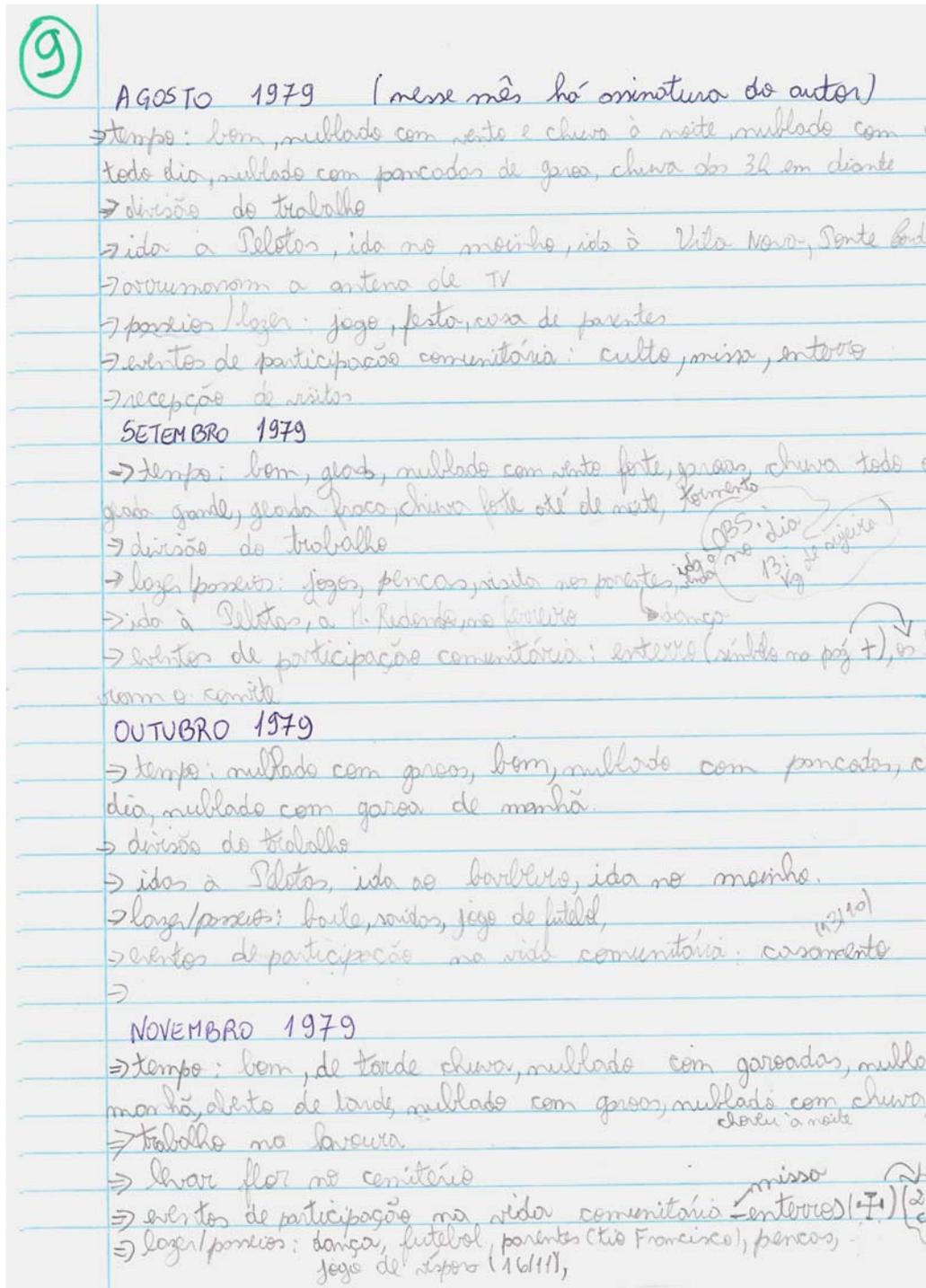


Figura 6: Anotações dos temas presentes nos diários de Clemer.

Os diários, nesse sentido, são documentos, pois são considerados documentos todos os materiais escritos utilizados como fonte de informação. “Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas, de rádio e televisão e até livros, estatísticas e arquivos escolares” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p.38).

Assim, através da análise documental, foram surgindo categorias comuns entre os meses e anos de escrita e com as quais fui fazendo uma espécie de mapa por assuntos. Muitas vezes, sem saber qual “classificação” adotar, denominava apenas de “mistérios” da escrita, na possibilidade de “brincar com os dados”, na busca de uma compreensão da prática diária de escrita de Clemer.

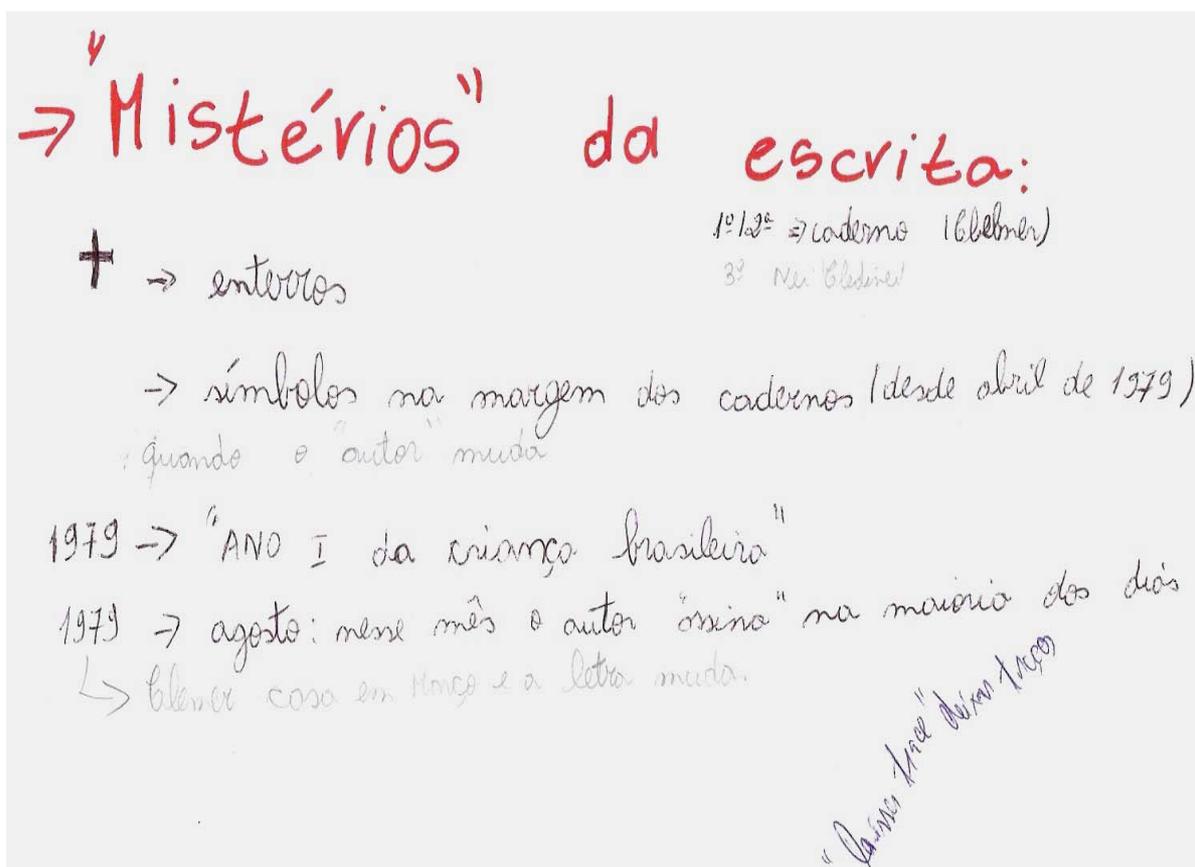


Figura 7: Mapa de temas presentes nos diários de Clemer.

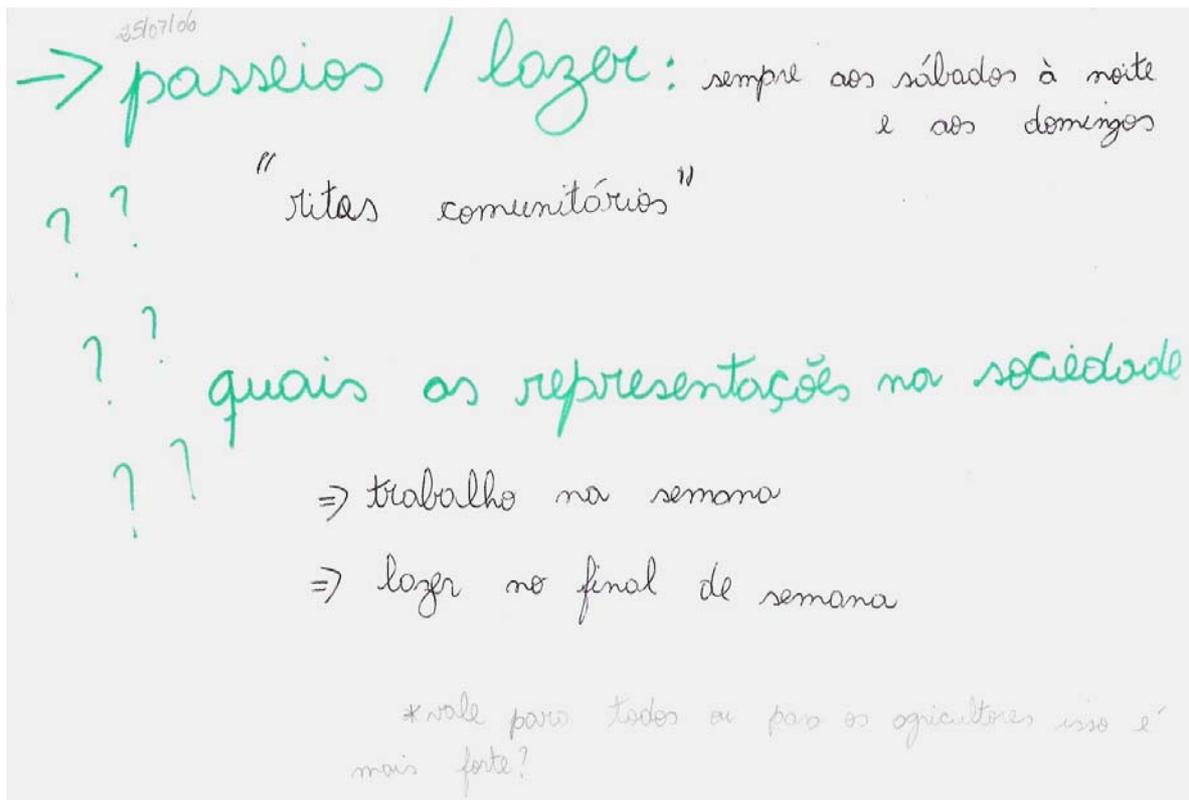


Figura 8: Mapa de temas presentes nos diários de Clemer.

Considero essa tarefa de “mapear” importante, pois pude evidenciar, através dos anos, o modo de organização da família na casa paterna, o casamento dos irmãos e as saídas da casa do pai. Além disso, também me permitiu chegar a categorias comuns na escrita, as quais serão discutidas no próximo capítulo. Percebi, porém, que a análise dos diários precisava de uma interação, um diálogo que pudesse abordar elementos que os diários não traziam: Como era realizada essa escrita? Quando a realizavam? Quem participava do momento da escrita? O porquê do registro?

A fim de buscar respostas a essas questões, pensei, num primeiro momento, em utilizar questionários para que Clemer pudesse responder minhas dúvidas. Entretanto, com receio de que o questionário, por não ter uma interação direta com o/a pesquisador/a, não atendesse as minhas angústias, preferi utilizar a entrevista semi-estruturada, prática referenciada nos estudos que tomam como base a história oral, pois as fontes orais podem se tornar uma fonte documental a mais na pesquisa (ALCÁZAR i GARRIDO, 1992-1993). No que diz respeito às fontes, para Queiroz (1988, p.19), história oral é:

O termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer complementar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade.

Nesse sentido é que percebi que as entrevistas poderiam revelar elementos que não estavam nos diários. Além disso, a entrevista é importante, porque supõe a interação continuada entre o pesquisador e o seu informante, seguindo um roteiro que, para esse caso, foi pré-estabelecido (QUEIROZ, 1988). Outro fato que torna a entrevista um momento importante é a possibilidade de refazer as perguntas de modo que o informante responda ao que está sendo pedindo de várias formas. Nesse caso o pesquisador precisa ter a habilidade de retomar as perguntas quantas vezes achar necessário, mas com cuidado para que não se tornem repetitivas a ponto de cansar o entrevistado.

A única entrevista realizada com Clemer aconteceu no dia 13 de novembro de 2006, na sua casa, na Colônia Santa Bernardina em Morro Redondo, após a sua jornada de trabalho na lavoura, ou seja, à noite. Apesar de ter marcado o horário, aguardei por alguns minutos, pois Clemer ainda estava na lavoura. Assim que chegou na casa, para minha surpresa, ele disse: “A professora já tá me esperando e o aluno tá atrasado!”. Essa fala de Clemer merece destaque, pois é reveladora da visão que o agricultor tem: aquele que estuda é o que sabe e aquele que trabalha na lavoura, por não ter prosseguido na escola, é o que não sabe. Não poderia concordar com as palavras de Clemer, pois, enquanto sujeitos inacabados, temos saberes diferentes, que advêm de contextos diferentes. Nas palavras de Freire (2001, p.27), “ninguém sabe tudo e ninguém tudo ignora”, por isso, os saberes não se sobrepõem.

A entrevista foi conduzida a partir de perguntas semi-estruturadas, mas refeitas sempre que necessário, para saber aspectos pontuais da escrita dos cadernos diários: quem começou a escrita, como e onde escrevia? Além dessa entrevista, que foi gravada, sempre mantemos conversas informais sobre os registros, sendo todas descritas em meu diário de campo a fim de que nada fosse perdido.

Para o momento da entrevista levei alguns diários como uma estratégia de lembrança. E foi ao lançar o primeiro olhar que ele procurou, nas “artimanhas da memória”, a autoria das escritas, de forma que, na leitura de alguns trechos, que foi sendo realizada com cautela e rememoração, aos poucos, a memória foi sendo reacesa. No ímpeto de recuperar a prática escrita, foi sendo composta a trajetória inicial dos registros. O símbolo escrito trouxe à tona uma história passada. Conforme nos afirma Nora (1993, p.9), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” e “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. É como se, lendo a escrita de um determinado dia, Clemer o revivesse naquele instante.

Durante essa entrevista, muitos aspectos foram sendo esclarecidos, como, por exemplo, o início das escritas, que começou com o segundo filho – Aldo Kohls Schmidt. Para Clemer, a memória parecia ter algumas falhas: lembrava de alguns períodos das escritas dos diários e de outros tinha dúvidas, pois ele participou como autor dos diários nos primeiros anos das escritas, de 1975 a 1979. No entanto, referia-se sempre ao irmão Aldo, manifestando a “suspeita” de que o irmão ainda mantinha a escrita dos diários. Dessa forma, a fim de confirmar suas “suspeitas”, Clemer ficou encarregado de marcar um encontro com o irmão para podermos dialogar sobre o material.

O contato com Aldo não se deu em seguida, de forma que precisei ser paciente e respeitar a espera, como os próprios agricultores que esperam, após a semeadura, o crescimento da planta para a colheita. Quem trabalha na agricultura depende do período das safras, muitas vezes sem direito ao descanso mesmo nos finais de semana, a exemplo da safra do pêssego em dezembro e janeiro, período em que os agricultores trabalham muito. Durante essa espera, continuei avançando nas leituras e na análise dos seis diários que já estavam comigo.

Em fevereiro de 2007, cheguei, então, ao que considero um “segundo grande achado”: os diários de Aldo escritos em dez cadernos. Da mesma maneira que com Clemer, realizei apenas uma entrevista com Aldo, em sua casa, na Colônia Santo Antônio, 7º distrito de Pelotas (RS). Participaram dessa entrevista, Clemer, que me acompanhou até a casa do irmão, Aldo Schmidt, sua esposa Nair e o filho mais velho, Enoir; o filho mais novo não se encontrava em casa nesse dia. Sendo a prática da escrita de diários uma prática que diz respeito a toda

família de Aldo, a entrevista coletiva torna-se mais completa no sentido de ouvi-los sobre suas práticas.

Na entrevista com Aldo, as perguntas foram direcionadas a ele, mas sempre que necessário foram respondidas por Nair e pelo filho Enoir e, ainda, por Clemer. A entrevista realizada ao redor da mesa, na cozinha da casa de Aldo, também foi um momento de “informalidade”, pois a conversa agradável em torno dos diários aproximou-me dos entrevistados e do seu “saber de experiência feito” (FREIRE, 1996). Um saber que, fundamentalmente, está relacionado à prática do trabalho na lavoura que não sendo comprovado cientificamente é o saber do senso comum passado de geração para geração.



Figura 9: Momento da entrevista com Aldo e sua família (da esquerda para direita: Aldo, Clemer, Enoir, Nair).

Optei por realizar as entrevistas com Clemer e com Aldo para facilitar a análise dos diários, ampliando as possibilidades de análise, embora considere, assim como Alcàzar i Garrido (1992-1993, p.48), que “as fontes orais não são uma alternativa às fontes escritas; são um outro tipo de fonte, não apenas necessária, mas imprescindível para se fazer história”.

Assim, de posse de duas entrevistas, uma com cada irmão, dez diários de Aldo, três diários de Clemer e mais três diários dos irmãos que escreveram na casa paterna após a saída de Clemer, busquei confrontar, tanto nas falas de um como nas de outro e, ainda, nos diários, justificativas para o início de suas escritas, temas comuns, a continuidade ou a descontinuidade nos registros, mas, sobretudo, busquei o sentido dessas escritas na vida desses agricultores.

A partir da entrevista com Aldo, os “mistérios” dessa prática dos irmãos começaram a ficar mais claros. As informações que antes tinham muitas lacunas, tanto nas conversas com as irmãs Serli e Seni, como nas informações da entrevista com Clemer, foram sendo completadas na entrevista com Aldo, semelhante a um jogo de quebra-cabeça, no qual as peças precisam ser encaixadas de maneira correta para que a figura seja formada.

Da mesma maneira que “operei” com os diários de Clemer, fiz com os diários de Aldo: “mapas” e anotações. Entretanto, agora confrontava os diários dos irmãos, buscando encontrar elementos semelhantes; pois, na primeira fase da pesquisa, tinha apenas os diários de Clemer, agora, tinha à disposição, também, os diários de Aldo. Cabe ressaltar ainda que, diante dos diários, foi fundamental “buscar nas entrelinhas” o que não foi dito/escrito. No que diz respeito ao trabalho com as fontes, cabe salientar que a discussão teórica e metodológica sobre o assunto foi enriquecida também através dos encontros, conferências, seminários, enfim, espaços nos quais era possível dialogar com diferentes áreas e pessoas com diferentes experiências de formação. Dessa maneira, a Antropologia, as Ciências Sociais, a História contribuíram significativamente para o trabalho de problematização das fontes e do referencial teórico⁵.

⁵ Durante o ano de 2006/2007, participei de vários encontros, seminários, congressos, dos quais destaco alguns: Reunião Antropológica do Mercosul (VII RAM), Encontro Sul Rio Grandense de História da Educação (ASPHE), Congressos de Iniciação Científica, Congresso Internacional de Educação (UNISINOS), entre outros.

Antes de dar início à descrição e análise dos diários, é necessário esclarecer as razões que me levaram a essa investigação, visto que o que foi apresentado até aqui diz respeito apenas ao surgimento da pesquisa. De forma a embasar meu trabalho, referencio também alguns estudos que tratam do mesmo tema: a cultura escrita.

O que me fez optar por investigar estes agricultores foi, em primeiro lugar, o fato de desenvolverem práticas de leitura, mas principalmente de escritas regulares. Em segundo lugar, associado a essas práticas, o fato de, mesmo com pouca escolarização, colocarem a escrita como central em suas vidas; e, em terceiro, por serem agricultores, moradores da zona rural, o que torna ainda mais singular o envolvimento com a cultura escrita. Tomando como base estes três pontos, reforço ser uma prática diferenciada, visto que, na sociedade, há modelos e representações de escrita historicamente instituídos, os quais tomam essa prática fundamentalmente como atividade escolar e profissional e sendo exclusiva de pessoas com alta escolaridade e/ou alto poder aquisitivo, que ocupam outros espaços sociais – a cidade, por exemplo. Sobre o acesso à escrita no espaço urbano, Frago (1993, p.91) escreve:

A cidade tem sido e é o meio por excelência da escrita. Nela nasceu e é nela onde se produz e oferece toda panóplia visual de signos, usos, funções e possibilidades mencionadas. É no espaço urbano, onde mais visíveis são as normas, os limites e o recurso subjetivo e pessoal à expressividade gráfica exercida com liberdade, direito e transgressão; onde a luta por ocupar espaços – sociais e materiais – de escrita e leitura é mais evidente; onde toda a escrita torna-se, em última instância, signo e imagem dessa ocupação e, portanto, de poder, junto a outros signos, grafias e imagens.

Por esse motivo, meu estudo volta-se para a zona rural, pois, muitas vezes, é considerada como o lugar apenas do trabalho braçal, desprovido de bens culturais. A escola e a zona urbana são tomadas como espaço educativo de acesso a bens culturais por excelência, entre eles a escrita. Nesse trabalho, busco mostrar que a escrita não é apenas “urbana”, procurando desmistificar a falsa impressão que inexiste no campo. Procuro mostrar que está presente no

meio rural, desconstruindo, sem romantizar, o mito de que agricultores não lêem ou não escrevem sistematicamente.

Ao analisarmos os dois opostos campo/cidade, sabemos que ambos têm uma interdependência, mas a cidade ainda é considerada como o lugar “mais desenvolvido”, sendo preferido pela maioria das pessoas, o que resulta em muitos casos de migração no campo. Nesse sentido, o campo é abandonado por muitas pessoas que buscam na zona urbana uma oportunidade de ascensão social. No caso desta pesquisa, a zona rural é o *locus*, os agricultores são os sujeitos e as suas práticas de escrita é que estão em evidência.

Através deste estudo também pretendo explicitar que há práticas sociais de escrita diferenciadas, as quais a escola não é a única responsável em desenvolver. Outras formas não-escolares de escrita são possíveis e existem sem serem, muitas vezes, reconhecidas socialmente, pois, quando pensamos em ler ou em escrever, imediatamente nos vêm à mente as práticas escolares ou as práticas profissionais formais do emprego da leitura e da escrita. Certamente que o ambiente que marca sistematicamente essas duas habilidades é o ambiente escolar. Mas o que podemos pensar é que fora da escola também se lê e se escreve de modos diversos, muito singulares, para as mais diferentes necessidades e motivações, nos mais diversificados grupos e locais, independente do nível de escolaridade que se tem.

Um indivíduo pode ter um alto nível de escolaridade e não fazer uso sistemático das práticas de escrita ou de leitura, ou pode ser o inverso, como no caso de Aldo e de Clemer: baixo nível de alfabetização ou de escolarização e um uso constante de práticas escritas. Um pouco desse processo pode ser observado através dos resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica com agricultores e sua relação com a *literacia*⁶ em Portugal:

Reconhecendo-se, hoje, que a alfabetização das populações não significa linearmente o seu domínio da leitura e da escrita, é proposto o conceito de *literacia* como capacidade de processamento de informação escrita no trabalho, nas atividades domésticas e na comunidade. O que está, deste modo, em causa não é somente a aquisição das competências de leitura e escrita,

⁶ Palavra utilizada em Portugal, equivalente a Letramento no Brasil. Ver Soares (2006).

mas o modo como estas são exercidas, face às necessidades vividas e experimentadas no dia-a-dia. (DIAS, 1996, p.358).

Nesse sentido, esse estudo também pretende discutir questões da escrita dentro da perspectiva do letramento⁷, desconstruindo os “limites” entre alfabetizados, analfabetos, semi-alfabetizados, etc. Os resultados da pesquisa do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2001 apontaram “níveis de alfabetismo” (nível 1, 2, 3 e analfabeto)⁸, referindo-se “a práticas de leitura e escrita, à presença da linguagem escrita na cultura, à relação desse fenômeno com a escolarização” (RIBEIRO, 2004, p.12). A pesquisa anual do INAF mostra as diferenças e as variações do fenômeno do analfabetismo e do alfabetismo, apontando, assim, para necessidade de estudos monográficos que mostrem que não há uma única regra. Há singularidades que precisam ser destacadas e discutidas em uma perspectiva cultural e social, como é o caso deste estudo com os dois agricultores “escritores”.

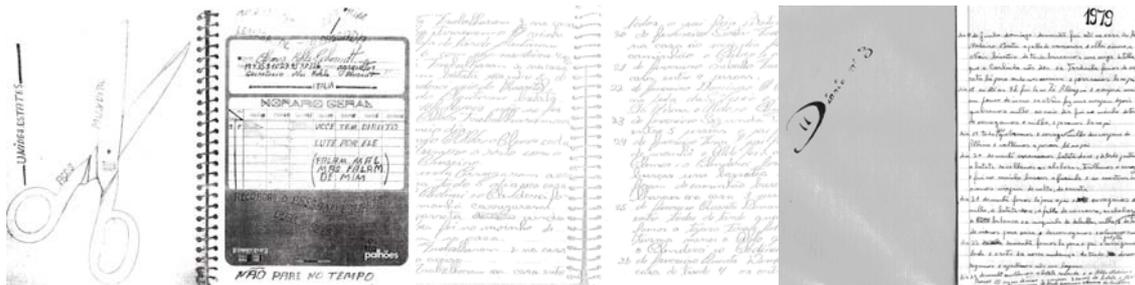
Nesse sentido, o trabalho da pesquisa também procura colocar em evidência que as práticas de escrita (e de leitura) não são elementos somente urbanos. Por isso a importância de estudos específicos que trazem trajetórias individuais, familiares ou grupais que justifiquem os usos e os valores de práticas culturais, nesse caso de escrita. Para Vóvio (2005) e Souza (2005, p.42), é um esforço das diferentes áreas do conhecimento para “compreender e explicar o desenvolvimento e a disseminação das práticas sociais de uso da linguagem escrita em diferentes contextos e sociedades”. Cada indivíduo é definido, portanto, pelo conjunto de suas relações sociais e históricas, resultado de muitas interferências. Portanto, o estudo pretende compreender a escrita em uma perspectiva cultural, buscando a discussão dos processos sociais nas práticas individuais de Aldo e Clemer.

Com o intuito de atingir os objetivos a que se propõe esse estudo, a dissertação está constituída da seguinte forma: no primeiro capítulo estão

⁷ Para Soares (2006, p.47), letramento é “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

⁸ Nível 1 de alfabetismo: corresponde as pessoas com capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos. Nível 2 de alfabetismo: corresponde as pessoas com capacidade de localizar informações em textos curtos. Nível 3 de alfabetismo: corresponde as pessoas com capacidade de ler textos mais longos. Analfabeto: corresponde as pessoas que não completaram nenhuma série escolar ou completaram de uma a três séries.

descritos os objetos utilizados para a análise, especificamente os diários, juntamente com a reflexão do termo “diário” e suas relações com a cultura escrita. O segundo capítulo refere-se à escrita dos diários de Clemer e dos diários de Aldo, de 1972 a 1979, período que permite analisar o início das escritas de Aldo (1972) e de Clemer (1975), a escrita concomitante dos dois irmãos enquanto solteiros e vivendo na casa paterna, o casamento de Aldo (1976) e a continuidade dos diários na nova família, o casamento de Clemer e a “morte” de seus diários. O terceiro capítulo aborda apenas as escritas de Aldo, desde o começo até os dias atuais, pois, além de ser o iniciante dessa prática na família, ainda escreve os diários. Por fim, teço algumas considerações que poderão levar-me a outras investigações futuras.



DESCREVENDO O MATERIAL

CAPÍTULO I

Toda escrita é, de certa maneira, vontade de viver, ou de sobreviver. Toda escrita é mensagem, e mistério. (PERROT, 2005, p.97)

1.1. Os diários dos irmãos Schmidt

Para que se possa compreender um pouco mais do processo da pesquisa, é importante que se compreenda também como se constitui a família dos irmãos Schmidt. Uma família numerosa, que consegui conhecer mais e melhor através da leitura atenta dos diários de Aldo e Clemer. O pai, senhor Henrique Pedro Schmidt, 89 anos, conta que sua família paterna era da Alemanha, o avô era filho de um pastor evangélico e veio daquele país para o Brasil ainda muito pequeno. Os avós maternos eram professores da rede pública do município de Pelotas. O senhor Henrique nasceu e cresceu na localidade de Santa Áurea, residindo nesta localidade até os dias de hoje. Casou-se com a senhora Alda Kohls Schmidt, já falecida, e desse matrimônio nasceram doze filhos, sendo seis mulheres e seis homens, dos quais dois são os autores principais dos diários, sendo, portanto, focos dessa pesquisa. Atualmente, o filho Cleber e as duas filhas

mais novas, Serli e Seni, ainda moram com o senhor Henrique na referida colônia, e os outros moram no interior de cidades próximas a Pelotas.

Neste estudo, por ser a escrita uma prática iniciada enquanto os filhos ainda moravam com o pai, todos da família estão referenciados nas escritas dos diários. No entanto, os autores principais são Aldo Kohls Schmidt (segundo filho) e Clemer Kohls Schmidt (quinto filho).

Para compreender a dinâmica de análise, é necessário compreender também como as escritas foram se constituindo: entre 1972 e 1974, somente Aldo, solteiro e morando na casa paterna, escreve; portanto é um diário de Aldo. Em 1975, além da escrita de Aldo, surge a escrita de Clemer, que começa escrever diários também, de forma que, nos anos 75 e 76, há uma escrita concomitante dos irmãos na casa; cada um, porém, escreve o “seu” diário. Em 1976, Aldo casa, constitui a sua família e continua escrevendo diários com a “nova” família. Clemer, ainda solteiro, continua escrevendo na casa do pai até 1979, quando se casa e pára de escrever. Pelo caráter ininterrupto e pela densidade do material, os diários de Aldo, a partir de 1976, serão analisados em um capítulo à parte. A escrita de Aldo entre 1972 e 1976 será analisada juntamente com a escrita de Clemer, devido à concomitância da prática durante os anos de 1975 e 1976. A idéia é estabelecer comparações.

Nos diários de Clemer, embora ele fosse o responsável pela escrita, outra pessoa da casa podia realizá-la, caso o agricultor não pudesse fazê-la. Nos diários de Aldo, não há um dia sequer em que a escrita tenha sido realizada por outra pessoa. Somente ele é quem escreve no seu diário, embora não seja um diário íntimo. A motivação para a escrita, segundo ele, era o trabalho na lavoura, embora o conteúdo dessas escritas diga respeito, também, a toda vida privada da família e a acontecimentos públicos.

Os diários, como afirmei, foram coletados em duas etapas da pesquisa: na primeira, foram recuperados, na casa do pai desses dois agricultores, seis diários, escritos entre 1975 e 1988, correspondendo ao período em que dez dos doze irmãos moravam na casa paterna. Foram os primeiros diários aos quais tive acesso, sendo que os primeiros três cadernos eram de autoria de Clemer. Do ano de 1975 até seu casamento em 1979, ele foi o autor desses diários, denominados por ele ora por cadernos, ora por diários. Depois desse período, não fica explícito quem era o responsável, mas a análise das caligrafias e algumas assinaturas

indicam que quem continuou as escritas foram os irmãos que permaneceram na casa com o pai. O pai, o senhor Henrique, nunca foi autor das escritas, mas aprovava a idéia para um melhor “controle” do trabalho da família na agricultura, segundo disse na entrevista. Esse período das escritas dos diários na casa paterna corresponde a treze anos: de 1975 a 1988. Para uma melhor compreensão, os diários de Clemer serão denominados como cadernos, por serem assim chamados pelo próprio autor.

Visualizando o material de Clemer, coletado na primeira parte da pesquisa, em maio de 2005, tem-se o seguinte:

- 1º caderno: 27 de janeiro de 1975 a 22 de julho de 1975;
- 2º caderno: 23 de julho de 1975 a 27 de abril de 1978;
- 3º caderno: 28 de abril de 1978 a 22 de outubro de 1980.

É importante que se visualize também os outros três cadernos diários que estavam junto com os registros de Clemer na casa paterna e que foram escritos após sua saída.

- 4º caderno: 23 de outubro de 1980 a 31 de dezembro de 1983;
- 5º caderno: 1 de janeiro de 1984 a 10 de setembro de 1986;
- 6º caderno: 11 de setembro de 1986 a 14 de janeiro de 1988⁹.

A análise dos diários desde 1980 até 1988 nos indica que os irmãos de Clemer que permaneceram na casa do pai continuaram os registros diários. Através da caligrafia, das assinaturas de alguns dias e do acompanhamento da saída dos irmãos de Clemer da casa paterna, conclui-se que quem continuou as escritas nos diários foram os irmãos: Clenderci, Cleber, Cledinei, Serlene, Cleci, Seni, Serli e Clenair. Clemer, portanto, parou de escrever em 1979, ano em que casou.

Nesta pesquisa, os materiais de Clemer, até o 3º caderno, serão analisados em profundidade, porque eles nos permitem compreender o início de seus registros em 1975, a escrita concomitante com o irmão Aldo na casa do pai (de 1975 a 1976) e o fim de sua participação no diário, com o seu casamento em 1979. O restante dos cadernos, do período de 1980 a 1988, embora não sejam o foco

⁹ Depois de 1988, consegui um diário das irmãs Seni e Serli, que compreende o período de 1997 a 2000. Acredito que há mais diários das irmãs, que ainda estão resistentes em emprestá-los.

principal, também serão importantes para a compreensão do sentido da escrita dos diários para Clemer, visto que ele deixou o diário na casa paterna para os irmãos.

A escrita de Clemer era realizada em cadernos escolares, de formato pequeno, com caneta esferográfica azul ou preta. Desde a primeira folha, as linhas eram preenchidas, sem espaçamentos entre um dia e outro. A cada novo dia aparece(m) o(s) algarismo(s), o mês e o dia da semana, seguido dos acontecimentos referentes àquela data. O novo ano é colocado em evidência no alto da página.

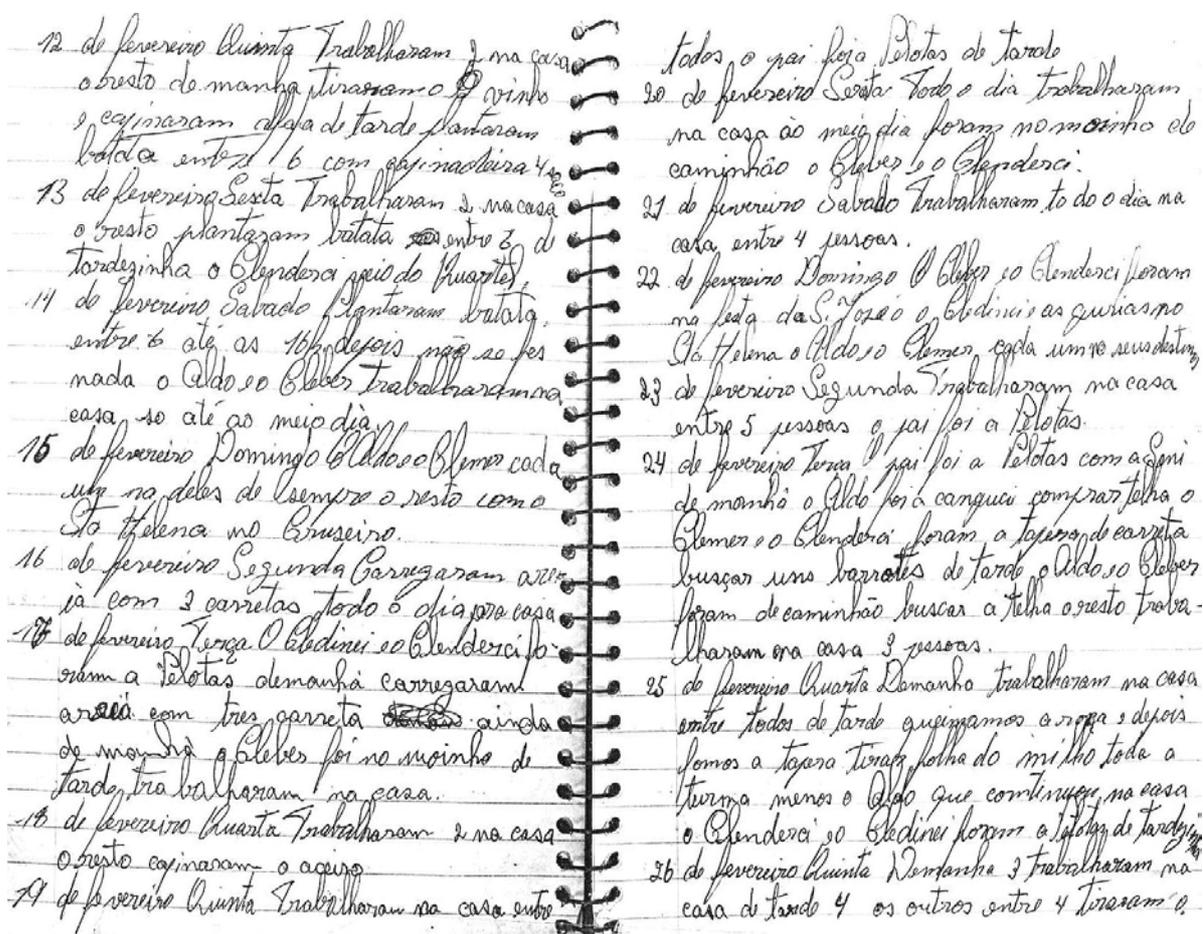


Figura 10: Caderno de registro diário de Clemer Schmidt – 1976.

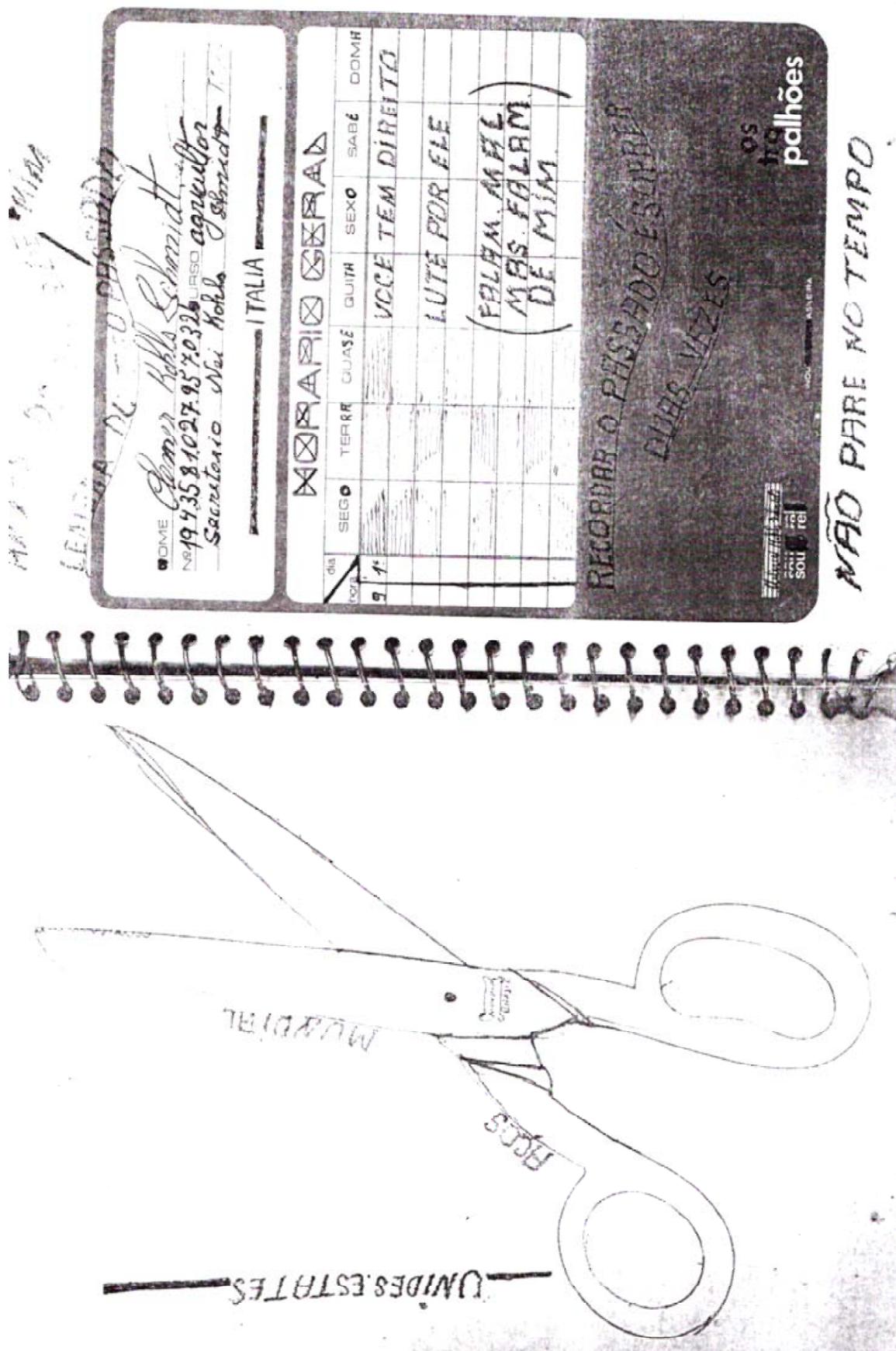


Figura 11: Capa do terceiro caderno do diário de Clemer (período de 1978/1980).

A produção dos diários de Clemer era rigorosamente escrita à noite, depois do término do trabalho. A escrita era individual, mas relatava o trabalho da família, por isso era uma escrita relativa ao grupo familiar. O objetivo não era a privacidade e sim a coletividade. Uma forma de organizar o mundo da família, conforme as ocupações daquele dia. Não podemos e nem é a intenção classificar tais escritas em um campo fechado com limites determinados. Mas sim analisá-las de maneira que possa ser percebido o sentido atribuído a essa prática num contexto sócio-cultural singular. Um sentido amplo de registrar o vivido, de perceber o mundo e, principalmente, de registrar esse mundo com suas particularidades e simplicidades, deixando seus rastros através da marca gráfica.

Observando a capa do terceiro caderno, vários elementos podem ser evidenciados, sendo reveladores de aspectos interessantes da escrita em estudo. O nome dos dois irmãos – Clemer e Cledinei (Nei) – deixa subentendido que um é o autor principal e outro o “secretário”, conforme está escrito nos dados de identificação do caderno. Aparece também um número, provavelmente de algum documento relacionado à propriedade rural, seguido da profissão: “curso” agricultor. Além disso, há frases¹⁰ como: “Você tem o direito lute por ele”, “Falamos mas falamos de mim”, “Antes de falar de mim lembra do teu passado”, “não pare no tempo” e “recordar o passado é sofrer duas vezes”, provavelmente reflexos da juventude da época (1978/1980) e do “desejo” de produzir a própria identidade. Outro aspecto que pode ser analisado são as iniciais do dia da semana que acabaram transformando-se em novas palavras: sego, terra, quase, quita, sexo, sabe, doma. Isso demonstra a possibilidade de criatividade da escrita, fazendo com que as abreviaturas se transformassem em novas palavras.

Na segunda etapa da pesquisa, em fevereiro de 2007, foram coletados os diários escritos apenas por Aldo Schmidt, correspondendo a um período expressivo de escritas, de 1972 até 2004. Aldo, o segundo filho de uma família de doze irmãos, iniciou a escrita de diários no ano de 1972, aos 25 anos, quando morava com seu pai e irmãos na Colônia Santa Áurea, também município de Pelotas. A escrita é feita em cadernos denominados pelo próprio autor como “diário” e sucessivamente numerados. Registra-se que o autor, desde 1972, não deixa de escrever sequer um dia de sua vida. Os diários são os seguintes:

¹⁰ Todas as citações retiradas dos cadernos foram mantidas com a escrita original.

- Diário nº 1: 5 de julho de 1972 a 17 de fevereiro de 1976;
- Diário nº 2: 18 de fevereiro de 1976 a 16 de junho de 1979;
- Diário nº 3: 17 de junho de 1979 a 31 de dezembro de 1984;
- Diário nº 4: 1º de janeiro de 1985 a 31 de dezembro de 1987;
- Diário nº 5: 1º de janeiro de 1988 a 11 de março de 1991;
- Diário nº 6: 12 de março de 1991 a 31 de dezembro de 1994;
- Diário nº 7: 1º de março de 1995 a 10 de julho de 1997;
- Diário nº 8: 11 de julho de 1997 a 17 de fevereiro de 2000;
- Diário nº 9: 18 de fevereiro de 2000 a 27 de agosto de 2002;
- Diário nº 10: 28 de agosto de 2002 a 31 de dezembro de 2004¹¹.

Os diários de Aldo são realizados em cadernos escolares de formato pequeno, de capa simples (os dois primeiros foram encapados com papel colorido e plástico transparente), não há espaços entre as linhas, a caneta é de uma só cor, o dia é escrito com o algarismo sem o dia da semana, exceto no domingo, que aparece para diferenciar dos demais dias da semana, o registro de cada novo ano é destacado no alto da página.

¹¹ Há mais um diário em uso, Diário 11, no qual as escritas atuais estão sendo feitas, compreende o período de 1º de janeiro de 2005 até a atualidade.

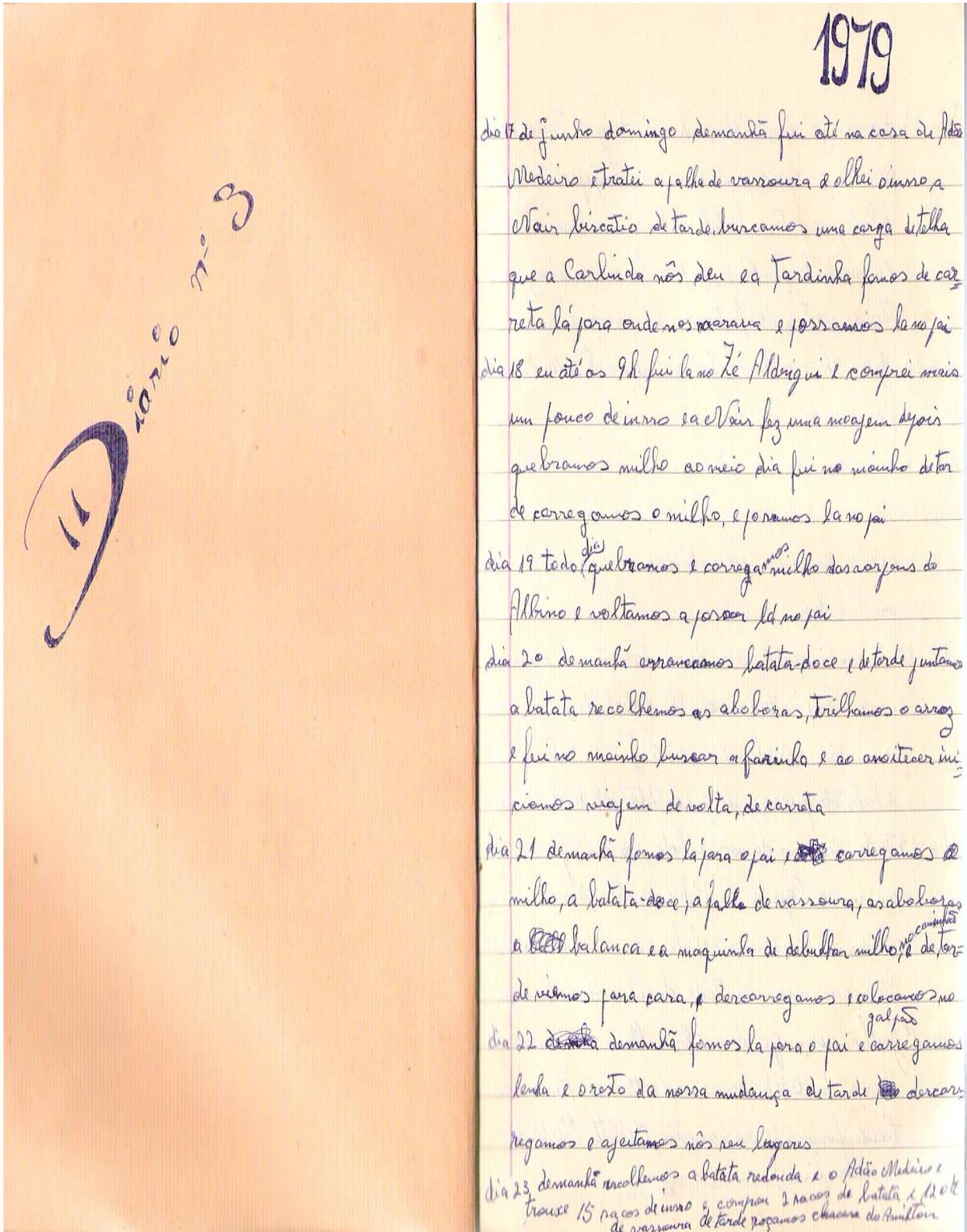


Figura 12: Diário de Aldo: exemplo da organização das escritas¹²

¹² A figura é o início do Diário nº. 3 e, por isso, no primeiro dia do registro no novo diário, há o mês após o dia. Observa-se que somente no primeiro dia de cada mês é que isso ocorre.

Aldo é quem dá início à prática da escrita de diários na família em 1972, portanto, ele é a referência para as escritas de Clemer. Por isso que entre o registro de Clemer e de Aldo há muitas semelhanças. Quando há enterros de pessoas conhecidas da família, por exemplo, o registro recebe uma cruz como símbolo na margem ou na própria escrita.

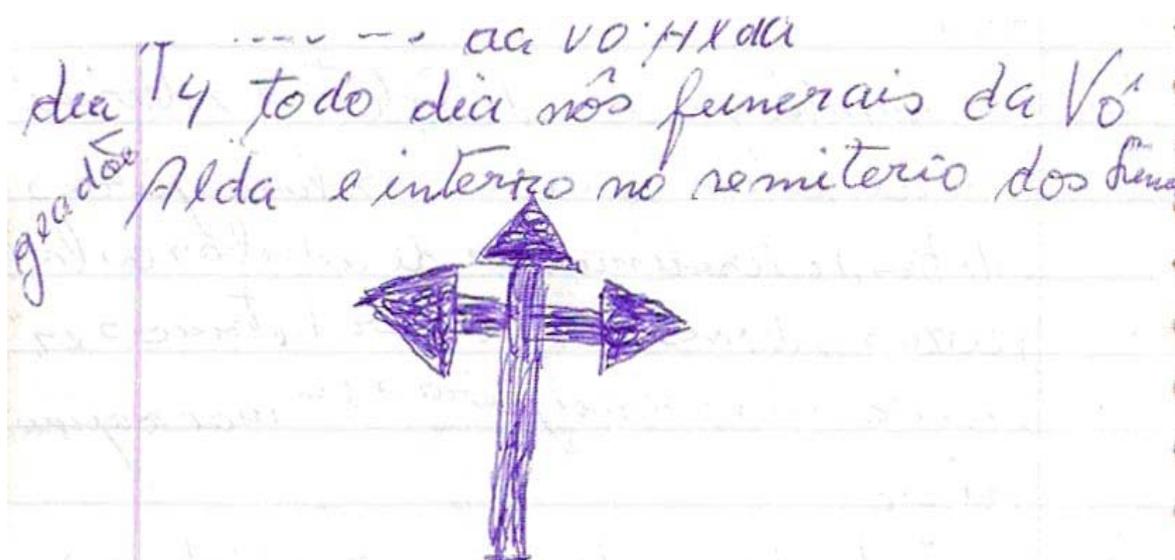


Figura 13: Símbolo na escrita / Diário de Aldo (04/09/2002).

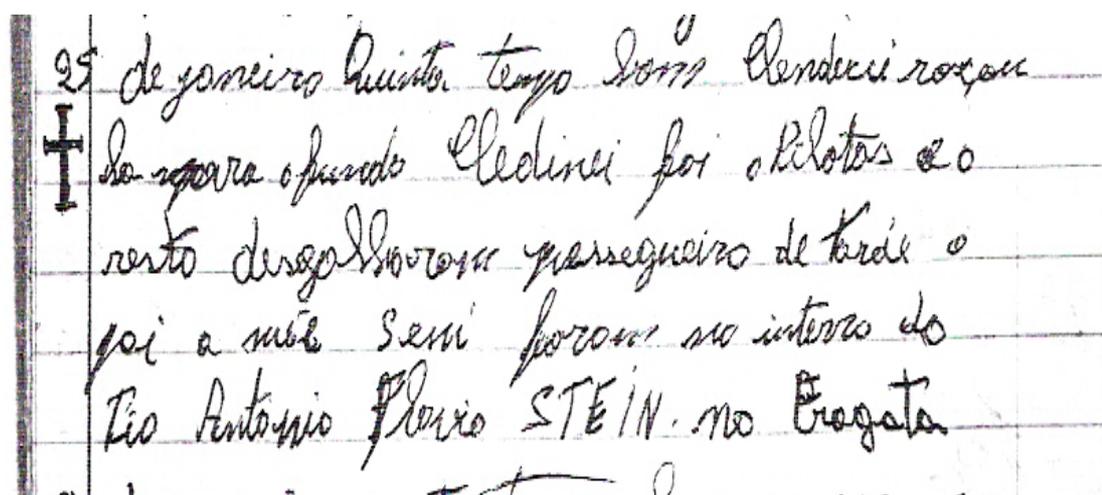


Figura 14: Símbolo na escrita / Caderno de Clemer (25/01/1979).

Ao observar os diários, percebe-se a quantidade e a variedade de registros, principalmente no caso de Aldo, indicando que a escrita dos irmãos é

uma prática da “produção de si”. Segundo Gomes (2004), a “produção de si” pode abranger um grande conjunto de ações que transformam o espaço da casa com a intenção de resultar em coleções como fotografias, cartões, objetos do cotidiano. No caso dos dois agricultores, o “conjunto de ações” envolve a prática da escrita dos diários para registrar o cotidiano, deixando a vida por escrito.

Um fato que merece atenção é que geralmente os diários possuem capa dura para a tarefa de manuseá-los todos os dias. No caso de Aldo, ele relata que, quando morava com seu pai, o dinheiro que ganhava para as despesas dos bailes no final de semana era muitas vezes “poupado” para que pudesse comprar o caderno para realizar as escritas diárias: “naquele baile eu deixava de tomar uma coca-cola, uma pepsi-cola, pra juntar uns troquinhos pra compra meu diarozinho ali” (Aldo Schmidt, entrevista em 08/02/2007). Esse relato de Aldo já nos revela um dos sentidos de sua escrita, o de registrar sua vida, sendo que o fato de ter o caderno para escrever seu diário era mais importante que “tomar uma coca-cola”.

No mundo digital da atualidade, por vezes têm-se dificuldades em imaginar esses fatos, pois se lida com computadores, gravadores digitais, correio eletrônico, entre tantas outras novidades. Historicamente, o próprio ato da escrita deu-se em diferentes suportes: escrita na tábua, na tela, no pergaminho, no rolo, no códex (CHARTIER, 2003). Da mesma forma como ocorreram as revoluções na história da leitura (do rolo para o códex, da leitura oral para silenciosa, do códex para tela), a escrita também se relacionou com essas diferentes evoluções, alterando os modos de registrar e até de pensar. Isso porque, nesses processos de invenções de diferentes suportes para a escrita, também as características físicas são alteradas. Um exemplo disso é quando, com o códex, o leitor ganha mais mobilidade, podendo colocá-lo em mesas ou escrivaninhas, escrever enquanto lê e encontrar determinado trecho na leitura. No rolo isso não era possível, pois o leitor precisava, ao mesmo tempo, desenrolar com as mãos e ler. Desta maneira, era difícil retomar trechos já passados na leitura, por exemplo. Nesse sentido, segundo Chartier (2003), os suportes mudam os modos de ler.

Hoje, convivemos com várias formas de texto impresso, em diferentes suportes, e, também, textos eletrônicos. Se antes precisávamos de móveis e objetos adequados para realizar a escrita, hoje podemos realizá-la em qualquer

lugar, seja com o microcomputador ou com um pequeno bloco de papel e caneta. O certo é que os suportes se modificam, mas as pessoas não deixam de escrever ou de ler: se séculos atrás liam/escreviam no rolo, passando a ler e escrever no códex, hoje lêem/escrevem na tela (novamente um “rolo”). Para Chartier (2003, p.33), “essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais”. Como nos diz o autor, as revoluções estão nos suportes que, por conseqüência, modificam também a transmissão do escrito atingindo novas relações com o leitor/autor. Isso significa que, mesmo com os equipamentos mais modernos da era da informática, a escrita (e também a leitura) continuará a existir por muito tempo, pois os suportes se apresentam e se modificam de diferentes maneiras, mas sempre precisará de alguém que escreva e, conseqüentemente, de alguém que leia. Esse é o processo vivo e dinâmico da cultura escrita no mundo contemporâneo.

Com certeza, se Aldo e Clemer usassem um bloco no lugar do caderno para os registros, a distribuição nos espaços gráficos não seria a mesma, porque a disposição da escrita não seguiria as linhas, não teria a margem demarcada para os desenhos dos símbolos, como por exemplo, o desenho da cruz. A influência do caderno é tão marcante que Clemer prefere chamar seus diários de cadernos. O suporte da escrita precisa ser aqui problematizado. Se, ao invés de manuscrito, os diários fossem digitados, teriam o mesmo sentido? A mesma denominação? A mesma freqüência? Depois do trabalho, pegam o caderno e a caneta, acomodam-se na mesa do jantar e escrevem. O que isso significa? Eis a pergunta que tenho a pretensão de aqui tentar responder.

A localização e a análise dos diários dos irmãos Schmidt nos permitem entender a importância da cultura escrita, impedindo que materiais valiosos como esses acabem em cinzas ou no esquecimento. Há uma variedade de estudos sendo realizados com diários privados, cadernos de memórias, cadernos escolares, livros de contas, correspondências (CUNHA; MIGNOT; BASTOS; 2002), demonstrando a valorização da escrita em seu aspecto mais ordinário, ou seja, as “escritas ordinárias” (FABRE, 1993) tornaram-se hoje objeto de pesquisa acadêmica. É nessa tradição que este trabalho insere-se: um esforço em construir

uma história da cultura escrita através do sentido que a prática da escrita tem para os dois irmãos agricultores.

1.2. Os diários: que material é esse?

A escrita sempre esteve muito ligada à escola e ao mundo do trabalho. Minha pergunta é: há uma escrita escolar e uma “escrita da vida”? A resposta seria sim. Há uma escrita prestigiada pelo mundo acadêmico e escolar e há uma escrita da vida nos diferentes espaços como, por exemplo, o espaço doméstico; escrita que, embora não se destine à literatura, está cada vez mais ganhando legitimidade como objeto de pesquisa. Escreve-se fora da escola para “desabafar” os pensamentos, organizar o cotidiano da vida (FABRE, 1993), controlar gastos da casa, manter um diálogo através das cartas (CUNHA, 2002), “guardar a memória” da vida (ARTIÈRES, 1998), registrar, manter contatos, entre outros.

Há, portanto, diferentes tipos de escritas: a escrita formal e acadêmica, as cartas que são letras no aguardo de respostas, os livros de receitas, as memórias e autobiografias (SOUZA, 2006) com ênfase na vida individual, as escritas do cotidiano da vida que se preocupam em deixar os traços do vivido, entre outras.

Sabemos que cada vez mais os sujeitos escrevem fora do ambiente escolar e de regras formais, mas dentro de um ambiente muito singular que se opõe à escrita de qualidade científica e literária. São escritas de vida que carregam alegrias e tristezas, conquistas e perdas, escritas dos acontecimentos do mundo cotidiano. Mas o que é contar o cotidiano? O sentido do “cotidiano” nos aproxima do transcorrer do dia: as tarefas do dia e os acontecimentos. Para Certeau (1996), “o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia”, ou seja, os acontecimentos podem ser, de maneira bem ampla, tanto o trabalho como também os sentimentos, pois estes também fazem parte do cotidiano da vida.

As escritas ordinárias são assim caracterizadas: servem para contar o dia de um modo muito particular, criando o seu próprio estilo de escrita, e é por isso que essas escritas aparecem em diferentes suportes (diários, livros de memórias, etc.). O trabalho desenvolvido por Silva e Batista (2005, p.4) sobre as escritas de um grupo de docentes confirma que:

O universo das “*ecritures ordinaires*” se opõe ao universo prestigiado da escrita literária e científica, que têm o objetivo de fazer uma obra e consagrar um autor ou uma autoridade. A escrita cotidiana associa-se à rotina das ocupações cotidianas e tem como função “*laisse trace*”¹³.

A escrita permite a comunicação fora de um grupo, pode se chegar de um lado ao outro do globo terrestre, ao contrário da cultura oral, não menos importante, mas só possível “cara a cara”. As escritas ordinárias (enquanto fontes de pesquisa) nos impõem um verdadeiro mistério: qual o sentido da escrita de diários para as “pessoas comuns” (GOMES 2005), como os agricultores Aldo e Clemer? Que sentimentos os levam à escrita, dia após dia? Essas, entre outras questões, é que tenho procurado problematizar ao tentar analisar os diários dos irmãos Schmidt.

Diante disso, podemos pensar as conseqüências da escrita, principalmente para o caso dos dois irmãos: não é apenas uma elaboração mental que resulta no traçado das letras, não é apenas uma técnica que carece de significados, é o próprio significado. São documentos que falam da experiência de dois homens e de suas famílias, são, portanto, o produto de uma prática: a prática da escrita diária.

A prática do diário é bastante antiga, nasce através do individualismo, quando o homem busca novas formas de expressão, entre elas a escrita (GOMES, 2004). A categoria de diário nos remete a algo que é carregado e guardado a “sete chaves”. Foi muito utilizado pelas mulheres no século XIX quando a elas não era oferecido o direito de ação mais sistemática no mundo público. Conforme Perrot (2005, p.95):

Manter seu diário é, no século 19, uma prática relativamente corrente, e cada vez mais difundida. As origens e os significados de tal desenvolvimento são múltiplos. Encontramos nele o aspecto de “agenda” dos livros de notas femininos, preocupados em registrar as despesas e o tempo que está fazendo, em regular os recursos e logo, o bem mais precioso: o uso do tempo.

¹³ Os termos “*ecritures ordinaires*” e “*laice trace*” são de Daniel Fabre (1993), (cf. SILVA e BATISTA, 2005, p.4).

O que nos surpreende nos materiais coletados é que são escritos por homens, demonstrando passagens de sua vida privada, sempre atentos aos menores detalhes, contando acontecimentos familiares, locais, nacionais, o lazer, a vida social e comunitária. De certo modo, poderíamos dizer que supera a suposta “regra” de que diários são escritos por mulheres como forma de construir sua subjetividade em uma espécie de “confidente íntimo”.

O termo diário sofreu alterações até o presente momento, passando por períodos distintos e exercendo diferentes funções. Conforme um estudo realizado por Oliveira (2002, s/p), sobre diários e suas modificações na contemporaneidade:

O diário é abordado enquanto dispositivo de produção da cultura, tanto no oriente (Japão) quanto no ocidente, como forma de expressão pessoal. Esta vai se inserir de forma pública ou privada, comunitária ou individual, a depender do tipo de função que o diário vai exercer para aquela comunidade ou indivíduo engajado nas redes sociais.

Na busca de “sentidos” para a prática da produção de diários, há autores que a compreendem como uma forma de expressão pessoal, trazendo os atos principais do dia, idéia também sustentada por Perrot (2005). A análise dos diários dos agricultores em questão é diferente da análise de um diário íntimo ou de um diário de viagem, por exemplo, pois não “contam” um determinado fato de suas vidas, como por exemplo, uma viagem; nem tampouco relatam as suas vidas na intimidade, mas sim, trazem os acontecimentos do dia, embora por vezes isso seja carregado de sentimentos e emoções.

A prática de anotar, registrar, biografar-se, tem início bem cedo, segundo Hébrard (2000), como no Diário espiritual de Inácio de Loyola, no século XVI, nos “diarii” italianos do século XIV e, ainda, com a imprensa do século XIX. No século XVII, a escrita estava estritamente ligada ao mundo do comércio, às escritas de controle contábil. Os suportes dessas escritas podiam ser descritos por “carnet” (caderneta), termo de negócios, “cahier” (caderno), como material de práticas de colégios e universidades.

No âmbito comercial ainda há outros termos como, por exemplo, *livre* (livro de negociantes, sem menção à literatura) e *registre* (grandes cadernos

encadernados que podem ser destinados a múltiplos usos) - termos classificados por Antoine Furetière (*Dictionnaire Universel*, 1690, *apud* HÉBRARD, 2000). Conforme Hébrard (2000), livro e registro são dois conceitos próximos, pois remetem à reunião de folhas destinadas à escrita.

Na escritura contábil, há, ainda, os termos “journal” (registro do que se faz, do que se passa a cada dia, voltado para o homem público, mas também, para o homem de negócios) e “Livre de Raison” que gira em torno das contas, ou seja, articulam-se em torno da contabilidade (escreve tudo o que se recebe e gasta para explicar a si mesmo a razão de todos os seus negócios). A escrita oferece múltiplas escolhas, todas muito semelhantes que podem “pertencer tanto ao comerciante consciencioso quanto ao bom administrador” (HÉBRARD, 2000).

Palavras como “diário e journal” sempre tiveram conceitos semelhantes, com origens no latim. *Journal* seria uma publicação diária dos acontecimentos em nível nacional e regional de cada dia, como são os jornais atualmente. Da mesma maneira “diários” e “Livres de Raison” constituíram as expressões essenciais da escritura privada no final do século XVII e durante o século XVIII. Embora não sejam da mesma natureza, relatam o cotidiano, conforme os estudos de Foisil (1999, p.334):

Escritos no dia-a-dia, na imediata transcrição cotidiana, baseiam-se num esquema simples: o da vida de cada dia em seu ritmo, seus mais prosaicos aspectos materiais, suas atividades mais comuns, registradas numa escritura elementar em fórmulas que se repetem.

O diário seria um relato mais pessoal dos acontecimentos do cotidiano referentes à vida pública e privada de cada indivíduo, como é o caso dos diários dos irmãos Schmidt. Escritos diariamente, contam o transcorrer do cotidiano da vida, deixando o registro de um dia de trabalho, de momentos de lazer, de festas, de enterros, da vida política ou daquilo que lhes é significativo. Sobre a variedade de uso das duas terminologias, Oliveira (2002; s/p.) nos diz:

O termo *jornal* serviu também para se referir a recordação de eventos ou transações feitas por instituições e corpos públicos - os registros, por exemplo, dos procedimentos diários do Parlamento, como os diários oficiais, são chamadas jornais.

Também a palavra foi utilizada como sinônimo para jornais diários e outros periódicos públicos, e para recordações pessoais mantidas para uso oficial ou privado¹⁴.

Tentar classificar o mundo das escritas para que se enquadre em um ou outro gênero textual é uma tarefa difícil e complexa, pois os textos são escritos em diferentes formas: podem ser memórias, autobiografias, recordações, livros de contas, agendas, cadernetas, diários, livros de anotações e recortes, cartas, fotografias, datas relevantes, compras significativas, etc. Para Frago (2000), os textos aparecem em mais de um gênero textual e, por isso, qualquer intenção de classificar em um ou outro termo (*Journal/Livres de Raison/Diário*) ultrapassa o limite do próprio termo.

Ao refletir sobre os vários termos que designam a escrita, podemos pensar como ela é vista culturalmente: a escrita como prática relacionada à função e tradição escolar, ou ainda, o mundo das escrituras sempre ligado a pessoas com “importância” na vida pública e social. O estudo em questão procura evidenciar justamente o contrário: são pessoas “anônimas”, sem destaque na vida pública, cujas escritas referem-se ao cotidiano da vida em um espaço singular: a vida no campo.

Um apanhado histórico dos suportes da escrita e dos seus usos nos remete a inúmeros conceitos. Para a análise do material coletado para esse estudo, uso o termo “cadernos diários” ou simplesmente “diários”. Para tanto é necessário explicar o porquê dessa designação. Primeiro, por ser uma escrita consecutiva, sem interrupção de dias, portanto, diária. Segundo, por ser uma escrita realizada em cadernos do tipo escolares, de folhas simples, e de serem assim chamados pelo autor. Pensando no “peso” cultural do caderno, podemos nos apoiar em Hébrard (2000, p.42), segundo o qual, “é no caderno que o estudante aprende a escrever, e o caderno continua sendo um suporte de escrita suscetível de usos variados”. O caderno não serve, portanto, apenas para o estudante. É cada vez maior sua utilidade nos mais variados ambientes e para diferentes finalidades. As pessoas podem ter um caderno que serve de diário íntimo, mas que permanece ao lado de tantos outros com diferentes finalidades

¹⁴ Cito o exemplo dos jornais Diário Popular e Diário da Manhã: jornais da cidade de Pelotas (RS) com circulação regional.

de escrita: lista de compras, listas de gastos, bilhetes de viagens ou de supermercados, lembretes de tarefas, etc. Essa percepção acerca de registros nos faz perceber a riqueza da cultura escrita em sociedades grafocêntricas, na qual o indivíduo está ligado a “papéis” desde o nascimento até a morte, seja através de documentos, na rua através da sinalização, no trabalho, na escola, etc.

Vivemos na era do “arquivar”, não só em papéis, mas em arquivos digitais, ou seja, em diferentes suportes há uma preocupação de deixar registros: uma garantia de preservar o presente e, certamente, projetar o futuro. Conforme Luiz Percival Leme Britto (2004), vivemos na “sociedade de cultura escrita”, na qual os indivíduos estão submetidos à ordem do escrito na sociedade em todos os momentos de suas vidas, desde que nascem até o momento em que morrem. O escrito está nas ações mais simples do dia-a-dia, como em uma placa na rua, até nas ações mais complexas, como num formulário a ser preenchido. Desse modo, a cultura escrita demonstra um modo de organização da sociedade. O escrito “invade” o mundo das pessoas de muitas maneiras, seja com propagandas na rua ou de um modo mais sistemático, através do mundo escolar e universitário. Conforme Petrucci (1999, p.203):

Nosso mundo produz hoje, para fins extremamente diversificados, uma quantidade de escritos muito maior do que produzia no início ou na metade deste século e certamente muito maior do que produziu nos séculos passados; na maioria, se não na totalidade dos casos, trata-se de escrita destinada a uma atividade de leitura, próxima ou afastada no tempo, socialmente limitada ou extensa.

A riqueza do material da pesquisa – os diários dos irmãos Schmidt – possibilita uma discussão ampla da cultura escrita em seus vários aspectos. Neste caso, a produção dos diários nos traz uma reflexão sobre como a escrita é vista culturalmente. Muitos dos estudos sobre a escrita têm se preocupado muito com a concepção de aquisição e seus aspectos gráficos, dentre outros que também são importantes, mas que acabam por não valorizar a riqueza da cultura escrita em termos mais amplos na sociedade.

Segundo o conceito de autores como Gómez (2003) e Chartier (2001), a cultura escrita deve ser analisada em sua totalidade: a relação que estabelece

com os valores de sua produção e os modos de apropriação de práticas sociais de escrita e de leitura. As escritas caracterizam um conceito tão amplo que estão na mira de antropólogos, lingüistas, pedagogos e historiadores, entre outros. Para analisar a cultura escrita é necessário, como nos alerta Petrucci (1999, p.37), a abordagem interdisciplinar e o diálogo entre diferentes áreas:

A necessidade de abordar de maneira interdisciplinar e comum, eventualmente em equipes mistas e, desde logo, com novos métodos de análises e de comparação, o material documental e livreiro, o patrimônio ideológico, as estruturas administrativas e sociais que se tem no passado ou hoje tem relação (de influência direta ou inclusão só testemunhal) com a cultura escrita, seu mecanismo de produção e sua dinâmica de difusão.

Assim, através da abordagem interdisciplinar, a escrita não é apenas um símbolo gráfico, mas exerce diferentes funções, sendo considerada uma prática cultural. A história da cultura escrita é, segundo Gómez (2003, p.97-98), “o resultado de uma tríplice conjugação: história das normas, capacidades e usos da escrita, história do livro e, por extensão, dos objetos escritos (manuscritos, impressos, eletrônicos ou qualquer outro suporte), e história das maneiras e práticas de leituras”. Na perspectiva do autor, a história da cultura escrita “deve constituir o ponto onde confluem duas tradições que até então haviam percorrido caminhos paralelos: de um lado a história da escrita e de outro a história do livro e da leitura”.

A história da escrita, do livro e da leitura tem relação entre si, pois a história do livro traz a história do texto e a história da leitura é analisada considerando-se os comportamentos, os gestos e as práticas exercidas nesse ato.

Retomando as práticas de escritas, tenho procurado compreender os diários dos irmãos Schmidt nesse campo mais amplo da pesquisa acadêmica que procura compreender a cultura do escrito desde a mais ordinária das escritas até a escrita literária e acadêmica. Ou seja, entender que tanto os registros dos diários como também um cânone da literatura, fazem parte da cultura escrita. Nesse sentido, as palavras de Chartier (2001, p.84) afirmam que:

Não se pode falar de uma cultura do impresso, da leitura dos livros impressos, sem antes situar essa prática ou esses objetos

em um marco mais amplo, que é o que define em uma sociedade a cultura do escrito. E a cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, etc. [...]. Na cultura do escrito há um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática da escrita literária.

Na história da cultura escrita, leitura e escrita não podem ser práticas separadas. Ler é um conceito muito amplo: podemos ler um bilhete simples, uma placa na rua, um sorriso de uma criança, um pequeno livro, uma imagem, ler a Bíblia ou uma tese de doutorado... Do mesmo modo, o escrever também pode ser assim caracterizado. Ler e escrever são processos culturais que não podem ser reduzidos, pois cada indivíduo tem um processo mental e cognitivo diferente a cada leitura ou a cada escrita. Na dimensão social, leitura e escrita implicam em um conjunto de práticas sociais exercidas no contexto social: “é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita em determinado contexto” (SOARES, 1995, p.10). Para a autora, ler e escrever não são categorias polares, mas sim complementares e que exigem um conjunto de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos:

[...] ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo; inclui, entre outras habilidades: a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar seqüências de idéias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáfora; e ainda habilidades de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações. (SOARES, 1995, p.8-9).

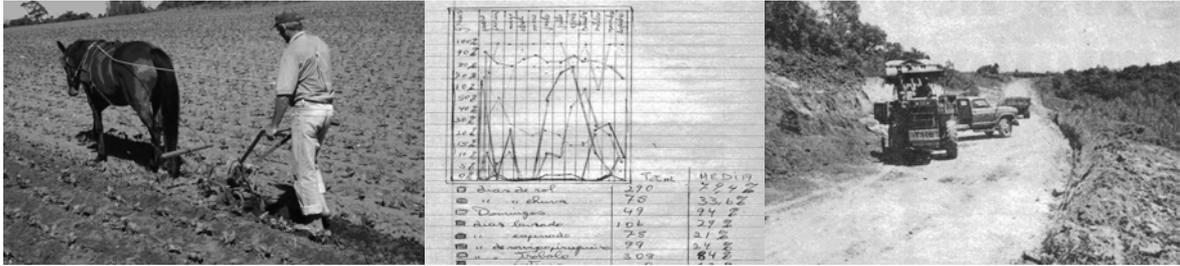
Do mesmo modo, as habilidades de conhecimentos da escrita, conforme a autora, “estendem-se desde a habilidade de simplesmente transcrever sons até à capacidade de comunicar-se adequadamente com um leitor potencial”. Dessa forma, entende-se com mais clareza a prática da escrita cotidiana dos

agricultores, pois a “habilidade” da escrita oferece uma variedade de produções. O conceito de Soares (1995, p.9) aponta para a amplitude do tema:

[...] escrever engloba desde habilidades de traduzir fonemas em grafemas, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui habilidades motoras, ortografia, uso adequado da pontuação, a habilidade de selecionar informações relevantes sobre o tema do texto e de identificar os leitores pretendidos, a habilidade de fixar os objetivos do texto e de decidir como desenvolvê-lo, a habilidade de organizar as idéias no texto, de estabelecer relações entre elas, de expressá-las adequadamente.

Para o caso das escritas ordinárias, essas são guiadas por intenções como colocar em ordem, administrar, registrar, estabelecer comunicação ou a tomada de identidade (ALBERT, 1993). O que podemos afirmar é que a escrita procura satisfazer necessidades individuais dando sentido a essas práticas. Por isso é que podemos escrever desde uma lista de supermercado até nossa vida íntima, sendo que cada produção é impulsionada por um sentido diferente.

O que levaria dois agricultores, depois de um dia de trabalho na lavoura, a escreverem seus diários? Quais os sentidos desse ato de escrita para esses agricultores que antes do deitarem-se fazem do registro um ritual que é, para eles, aparentemente tão comum e, ao mesmo tempo, tão vital, especialmente no caso de Aldo? Que importância o diário exerce/exerceu na vida dos irmãos? Com alguns questionamentos como esses, passo a análise de alguns aspectos dos diários de Aldo e Clemer.



A ESCRITA DE ALDO E CLEMER (1972 A 1979)

CAPÍTULO II

Estava o semeador de auroras

sulcando a aragem da terra

com riscos de um fio invisível

que somente tecem e sabem tecer

as mãos hábeis dos rituais do amanhecer. (BRANDÃO, 1982, p.16)

2.1. “Preparando a terra para a semeadura”: as motivações e o início das escritas de Aldo e Clemer

O presente capítulo tem o objetivo de esclarecer por que optei por analisar os diários dos dois irmãos e por que não apenas de um deles e, ainda, traz a análise de algumas categorias comuns entre as escritas de Clemer e de Aldo.

Como o “semeador que tece os fios da terra”, busquei traçar “fios” comuns e distintos para as escritas, bem como para os períodos em que os diários foram escritos. Como já foi esclarecido no capítulo anterior, Aldo começou os diários em 1972 na casa do pai, e, em 1975, o irmão Clemer também deu

início às escritas, entretanto é somente Aldo quem mantém a prática até os dias atuais. Entre os anos de 1975 e 1976, há, portanto, uma escrita concomitante de diários na casa paterna, embora cada irmão escrevesse o seu diário. Em 1976 Aldo se casou, constituiu nova família e continuou a prática da escrita diária. Clemer permaneceu escrevendo na casa do pai enquanto solteiro, em 1979, quando casou e formou nova família, parou de escrever os diários.

Por isso escolhi o período de 1972 a 1979: período que corresponde ao início dos diários na casa do pai, por Aldo, até a saída de Clemer da casa paterna. Assim sendo, pude verificar o início e o término das escritas de Clemer, a escrita concomitante dos dois irmãos em 1975 e 1976, a saída de Aldo em 1976 e a continuidade dos seus registros, a saída de Clemer em 1979 com seu casamento e a “morte” das suas escritas e, ainda, embora tangencialmente, a continuidade dos diários na casa paterna pelos demais irmãos que permaneciam naquela época, ou seja, Clenderci, Cleber, Cledinei, Serlene, Cleci, Seni, Serli, Clenair.

Dessa maneira, pude perceber qual o sentido da escrita para Aldo e qual o sentido da escrita para Clemer, pois essa periodização me possibilitou “olhar” os diários de um e de outro, “juntar” semelhanças, perceber diferenças, buscar respostas para a ruptura de uma escrita e para a continuidade da outra. Para a palavra “sentido”, encontrou-se vários sinônimos, dentre eles “intento, propósito, significação”¹⁵, dentre outros. É importante buscar o significado da palavra porque o objetivo é o de desvelar o propósito das escritas dos agricultores. A busca pelos sentidos das escritas dos diários começou por compreender o que motivou o início dos registros. Para isso, o cruzamento das entrevistas com os diários foi fundamental.

Em contato com a família para saber qual era o motivo que os levava a realizar as escritas nos “cadernos”, as irmãs de Aldo e de Clemer revelaram que era porque o pai tinha muita terra para o cultivo de lavouras. Então, dependendo da lavoura em que iam trabalhar já sabiam quanto tempo, em média, levariam para fazer o serviço, pois tinham anotado nos cadernos, em anos anteriores, o tempo e o material gasto. Clemer confirmou esse fato durante uma conversa informal que foi registrada no diário de campo:

¹⁵ Disponível por: <http://baixaki.ig.com.br/download/Dicionario-de-Sinonimos.htm>.

Assim, até quando preparava a terra prá batata na mesma lavoura, quando iam levar a semente, a gente sabia quantos volumes era preciso levar porque tinha anotado nos cadernos. (Clemer, 21/05/2005).

Já na entrevista, em 13/11/2006, Clemer relata o porquê do início das escritas, sempre retomando a idéia do trabalho como eixo motivador:

Acho que isso aí eu não consigo me lembrar mais. Por quê? Porque faz tantos anos isso, mas era pra nós se basear, nós plantava muito, então ano passado, se colheu bem tal coisa, esse ano vamos plantar na mesma época? Como é que foi? Colheu tanto naquela época. Que quantia tu plantou, quanto é que tu colheu, mais ou menos isso aí, tá tudo escrito ali. Pode ver que a soja foi plantado tanto e... se colheu tanto e envolveu tantas pessoas, pra tu ter uma, pra tu te basear um ano depois do outro, vai sempre te baseando no ano anterior. E às vezes tu te lembra de um ano mais atrás ainda que ficou, ou que deu uma produção boa ou não deu nada ou coisa assim. Tu vai ver por que... não deu uma coisa direito, mas era mais pra ficar gravado aquilo ali, é tipo quase como um livro, né. (Clemer Schmidt, entrevista, 13/11/2006).

Clemer, na entrevista, sempre usava a frase “não consigo me lembrar mais” ou ainda “não me lembro bem”, provavelmente porque a referência para o início da escrita de diários de Clemer é o diário de Aldo, no ano de 1972. A resposta, entretanto, sobre o porquê do começo dos registros sempre foi voltada para o controle do trabalho. Cruzando a entrevista com os diários, percebe-se a organização do trabalho rural, conforme percebemos no trecho abaixo do diário de 1975:

29: O Clemer lavrou e gradeou terra para a batata o resto juntaram macega e abriram as valeta (de manhã o pai foi entregar o boi para o Bitencur). (Clemer Schmidt, 1º caderno, Janeiro de 1975).

30: Limpamos o galpão de milho de manhã de tarde o Cleber e o Clemer carregaram esterco para a cebola: Cledinei e o pai prepararam as vasílias para o vinho. (Clemer Schmidt, 1º caderno, Janeiro de 1975).

2 de setembro Quinta: tempo instável durante ao dia de tardezinha choveu; lavraram com 2 arados todo o dia o Cleber e o Clemer; o Clenderci botou adubo as gurias capinaram chácara de inchada o pai e o Cledinei nas madeiras. (Clemer Schmidt, 2º caderno, Setembro de 1976).

Além disso, os registros revelam outros fatos do cotidiano, que também se tornam interessantes: são questões que dizem respeito à localidade, ao lazer, à política, ao tempo, entre outras. Vejam-se exemplos:

17 de janeiro. Segunda tempo chuva a tarde toda a turma parada. (Clemer Schmidt, 1º caderno, Junho de 1975).

18 de janeiro. Terça tempo chuveu até as 3h da tarde em pancadas. Trilharam feijão com a trilhadeira do tio Antônio das 4h em diante rendeu 9 sacos e 43 quilos depois ajudemos a trilhar no Aldo o Cleber foi a Pelotas consultar. (Clemer Schmidt, 1º caderno, Junho de 1975).

27 de junho - Domingo. A turma toda na dança do Casarin de caminhão, o Aldo na festa da colheita e futebol no Bachini e o Clemer também nas danças na Maciel. (Clemer Schmidt, 1º caderno, Junho de 1975).

O trabalho está presente em todos os relatos, pois o contexto no qual Clemer está inserido é o contexto rural, mas percebe-se que o trabalho é apenas o que motiva as escritas, pois no relato de apenas um dia há muitos fatos que aparecem juntos, como, por exemplo, o “trilhar o feijão” e o “ir a Pelotas consultar”. Sendo assim, as palavras de Clemer “mas era mais pra ficar gravado aquilo ali” *revelam que* ele próprio “tece o fio” do sentido de sua escrita: “*ficar gravado*”. Uma forma de deixar o passado registrado para voltar a ele quando for preciso no presente. Na entrevista, Clemer revelou essa importância mesmo tendo parado de escrever os diários em 1979. Em seu relato percebe-se um “pesar” por não ter prosseguido registrando “sua vida”:

Tu vai sempre te lembrar daquilo ali. Como eu, agora, eu desde que casei, o primeiro dia de casado, o que nós fizemos eu não sei. Se eu tivesse escrito, sabia. Alguma coisa eu me lembro, né, mas assim dizer tal dia, daquele mês, daquele ano, o que foi feito não se sabe. (Clemer Schmidt, entrevista, 13/11/2006).

Na entrevista com Aldo, em fevereiro de 2007, ele contou detalhadamente como iniciou essa prática de registro no diário, revelando que a inspiração primeira veio de um primo que realizava a escrita do dia de trabalho. Conforme seu relato:

Isso foi antes de eu ir pro quartel, antes de 65 por aí, me lembro de ir lá enrestar¹⁶ cebola [na casa do primo] e ele mostrou um dia, mas ele escrevia pouca coisa, uma linha, duas linhas no máximo, e... depois, com a história do plantar, e dá diferença duma plantação de um ano pro outro, compreende, às vezes tu planta o feijão em setembro e ele não dá tão bem quanto o outro ano foi plantado em setembro também. Aí eu digo, como é que eu vou fazer! Esquece, aí eu anotei. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Através do seu relato, percebemos que ele encontrou, através da escrita, uma maneira de acompanhar sua produção: o motivo de uma plantação produzir mais em um ano ou se houve uma queda de produção de um ano para o outro. Comparando um diário com o outro vimos como isso realmente acontece:

Dia 12 demanhã até as 9h eu gradiei na chácara para a vassoura e a Nair fez caseiras para a abóbora depois carregamos o isterco preparamos de tarde eu fiz outro tratamento na sebola e a Nair botou adubo na chácara da divisa. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, setembro de 1977).

Dia 1º de setembro – Geada - até as 4h adubamos e passamos a capinadeira na sebola da chácara depois carregamos 2 cargas de isterco para a abóbora lá no Albino. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, setembro de 1978).

Embora os dias do mês não sejam os mesmos (dia 12 e 1º), podemos comparar o trabalho com o mesmo tipo de plantação (cebola, abóbora) de um ano para o outro. Ainda observando as margens das escritas do ano de 1977, nos primeiros dias do mês há ocorrência de geadas (2, 3 e 4 de setembro). Já no ano de 1978, apenas ocorre geada no primeiro dia do mês. Com certeza, as explicações de Aldo sobre a influência do clima e da lua são fundamentais para o registro no diário e o acompanhamento da plantação de um ano para o outro. Mas

¹⁶ Trabalho de organização da colheita que consiste em trançar a rama da cebola de modo a formar pequenas réstias do produto.

há também elementos nas escritas de Aldo que ultrapassam o registro do trabalho, como freqüentar a igreja, entre muitos outros aspectos relacionados ao lazer ou à vida social e comunitária.

Dia 2 domingo demanhã eu fui no Culto na Capela S. Paulo de tarde garou nós ficamos em casa e o Rudis veio assertar as contas da pêra. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, março de 1980).

Outro fato que revela os sentidos das escritas são as autorias dos diários: o que leva dois irmãos escrever cada qual seu diário, na mesma casa, se ele não é íntimo? A cada final de um dia de trabalho Aldo escreve os acontecimentos do dia no seu diário e Clemer procede da mesma forma. Buscando o sentido das escritas para Clemer, encontramos nos diários alguns elementos importantes. Clemer não se assume como autor nas escritas, mas faz menção ao próprio nome. Contudo, algumas assinaturas no final dos cadernos e a caligrafia o indicam como autor dos registros.

16 de Agosto Segunda tempo bom sol todo dia demanhã podaram entre 4 de tarde o Cleber e o Clemer foram a Pelotas o resto podaram. (Clemer Schmidt, 2º Caderno, 1975).

Esse fato um tanto singular demonstra que a escrita, nesse caso, não é íntima ou autobiográfica. No entanto, conforme Gomes (2004, p.15), “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade”. Clemer tem o seu diário como sendo coletivo, isto é, da família, apenas assume a autoria principal da escrita. Se alguma noite Clemer não podia fazer o registro, outro irmão (que não fosse o Aldo) se responsabilizava por fazê-lo. Como ele próprio diz na entrevista (13/11/2006): “eu era o responsável por escrever”. “Isso aí, o início pode ver que grande parte dela que fui eu que escrevi, mas depois, de repente pode ver que tem um lugar aí que não...”. O “lugar” que Clemer diz não ser ele a escrever é quando casa e deixa as escritas, conforme sua fala revela: “É de 79 prá cá, aí já mudou, aí o Cledinei fazia alguma coisa e, quando ele não podia fazê, as gurias faziam também”.

Aldo tem seu diário como sendo pessoal e assume explicitamente seu registro em primeira pessoa.

Dia 5 de manhã até as 10h cortamos milho depois eu fui no moinho das 11h até as 2h choveu de tarde roçamos as beiradas da terra para pasto e de tardezinha eu lavei. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, abril de 1978).

Diferentemente de Clemer, Aldo não “delegava” sua escrita para os irmãos, sendo assim também após seu casamento, visto que é sempre ele quem realiza a escrita, sem deixar de fazer o registro um dia sequer.

Há questões importantes de serem consideradas tanto nos diários de Aldo como nos cadernos diários de Clemer. São os elementos constitutivos dessas escritas, ou seja, o que aparece como tema nos registros. A organização do mundo rural e privado, através do caderno e da escrita diária sistemática, me possibilitou o encontro de categorias comuns entre as escritas dos dois irmãos: o tempo/ clima, o lazer, o trabalho e a participação na vida comunitária e social. As categorias mostram os irmãos agricultores e os seus ritmos diversos em diferentes espaços como a casa, a comunidade, a lavoura, entre outros, indicando que a vida das pessoas não é um processo linear, mas progressivo e contínuo. A seguir, passo a problematização das categorias.

2.2. Problematizando temáticas nos diários de Aldo e Clemer

2.2.1. TRABALHO: “entre a lavoura e o caderno”

Eu comecei ali por causa das plantações lá com o velho. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Discutir a categoria do trabalho é de fundamental importância, pois é do trabalho da lavoura que tanto Aldo quanto Clemer tiram o sustento de suas famílias, utilizando o corpo como seus instrumentos de trabalho.

Clemer, como foi apresentado na introdução, cultiva 23 hectares de terra, mas essas terras não são suas, embora more nesse lugar desde que casou (1979). O modo que Clemer produz é em sistema de parceria: a produção é dividida e 25% é de seu “parceiro de produção”, o dono da terra. Clemer também planta 4 hectares de terra que pertencem à esposa Hilma e que ficam um pouco distante do local onde mora.

O trabalho da lavoura é realizado por ele, por Hilma e pelo filho Rodrigo. Apenas em épocas de safra do pêssego, contam com empregados, mas, mesmo assim, são poucas pessoas. Clemer não dispõe de maquinários para o trabalho realizado, há um ano comprou um trator, mas o trabalho rudimentar ainda prevalece: a enxada, o podão, a capinadeira, o arado, o cavalo, a carreta e os bois são suas principais ferramentas. O serviço realizado com trator é o de lavrar, discar, pulverizar.

Aldo, também como já indiquei, conta com a esposa Nair e os filhos, Mateus e Enoir, como aliados para o trabalho. Aldo possui em torno de 20 hectares de terra e arrenda, ainda, alguns hectares próximos a sua casa. Já possuía um trator e há poucos meses comprou mais um, mas pratica as atividades da lavoura utilizando ferramentas simples como Clemer, sem mecanização. Os tratores são utilizados para os serviços de lavrar, discar, roçar e pulverizar. Da mesma forma, para a atividade leiteira, não dispõe de ordenhadeira, e a ordenha é realizada manualmente, sendo a produção vendida na localidade próxima (Vila Nova) para o proprietário de uma pequena fábrica de queijos e derivados.

A dinâmica da pequena propriedade utilizando o trabalho coletivo, como é o caso dos irmãos, favorece a administração familiar, conforme observamos nos diários.



Figura 15: Clemer Schmidt em um dia de trabalho na lavoura.

A terra é a fonte de renda, embora, muitas vezes, não correspondam às expectativas dos agricultores, pois o produto está condicionado ao sistema capitalista de produção. Muitas vezes, a visão romântica do campo como o lugar do sossego e da beleza das paisagens acaba por ocultar determinados processos vividos pelos agricultores ou, como diz Bagli (2006, p.84), “isso não significa dizer que, nos espaços rurais, não há a determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista”.

Sendo o trabalho um dos temas recorrentes nos registros dos irmãos Aldo e Clemer, cabe fazer aqui algumas considerações acerca do tema. Demartini e Lang (1985, p.13) conceituam trabalho “como toda a atividade que tem por objeto a produção de bens, valores ou serviços, destinada inicialmente à subsistência e à perpetuação da espécie, enquanto valores de uso ou de troca”. O trabalho consciente é exclusivamente humano, é um dos aspectos que difere o homem dos animais. Surge da interação e da criação do homem com a natureza, através da transformação para construir seus meios de existência. A fim de

corroborar a idéia acima, tomemos o exemplo de Bertoldo (1999) no que tange à distinção entre o trabalho humano e o trabalho dos animais:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (s/p).

O homem é diferente do animal, pois, antes da realização de uma atividade, ele já a tem em mente. A autora, baseada nos conceitos de Marx, reforça ainda que, na categoria do trabalho, o homem pode produzir para além daquilo que imaginou, mas para isso, há também um problema: “é que numa sociedade fundada na propriedade privada o trabalho excedente é apropriado apenas por uma parcela dos indivíduos, o que faz com que a acumulação se baseie cada vez mais, numa contradição entre capital e trabalho” (s/p). É o trabalho que gera mercadoria e, conseqüentemente, o capital e a exploração do trabalhador, em uma sociedade capitalista (CAFIERO, 1981).

Dessa maneira, o homem precisa, então, criar condições para a sua existência, o que irá caracterizar cada vez mais, conforme o autor, a subordinação de sua vontade. Essa lógica “invade” também, e cada vez mais, a zona rural: produzir mais e em maior escala. Dessa maneira, o pequeno agricultor, sua coletividade e seus instrumentos rudimentares, resistem a esse sistema de produção que os quer eliminar. O sistema capitalista de produção “exige” uma produção maior e mais rápida, dificultando os que persistem na produção “artesanal”, como é o caso dos irmãos Schmidt, que praticam a agricultura familiar.

Por isso surge a divisão do trabalho, como forma de produzir mais e mais rápido através de um sistema individualizado de produção. Nesse sentido, as escrita dos irmãos Aldo e Clemer revelam de maneira enfática um tipo de divisão do trabalho.

Segundo Demartini e Lang (1985, p.14), “tratando-se da divisão social do trabalho, há que se considerar também a persistência, em nossa sociedade, do sexo como critério ainda atuante nas atribuições de posições sociais no trabalho”. Nos diários, mesmo que as irmãs de Aldo e Clemer, denominadas como “gurias”, também tenham a profissão de agricultoras, seus trabalhos são diferentes dos irmãos. Nota-se, no registro, que o trabalho de lavrar a terra é sempre realizado pelos homens, enquanto que capinar, plantar, arrancar é, na maioria das vezes, realizado pelas irmãs. Há uma separação entre o trabalho das “gurias” e dos homens nas tarefas, reflexo também de uma família numerosa, principalmente, enquanto os doze filhos moravam na casa paterna.

22 de setembro Segunda O Cleber lavrou gradeou de tarde, **as gurias**¹⁷ capinaram cebola, o Aldo e o Clemer iniciaram a sentar tijolos na casa de manhã o Cledinei ajudou na casa. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, setembro, 1975).

20 de novembro. Sábado tempo bom plantaram soja todo o dia a **Serlene e a Clenair** aterraram o milho. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, novembro, 1976).

Dia 7 domingo de manhã **as gurias** foram no culto de tarde eu e o Clemer na mesma e os outros no Stª Helena. (Aldo Schmidt, Diário nº 1, outubro, 1973).

Segundo o estudo realizado por Schwartz (2004), a maioria das mulheres prefere o trabalho na lavoura, porque ele “aparece mais”, pois ao capinar uma lavoura todos vêem o serviço realizado, enquanto que o trabalho doméstico não é observado. É um trabalho diversificado e intenso, conforme observa a autora:

Observa-se que a família rural, na região sul, tem uma rotina laboral baseada na divisão do trabalho, de acordo com o sexo, com relevante sobrecarga para as mulheres. Isso porque, além dos afazeres domésticos, que realizam sem auxílio dos homens, compete-lhes outras tarefas, como: tirar leite, tratar os animais, cuidar da horta e do jardim, buscar pasto na roça, carregar lenha, etc. (2004, p.84).

¹⁷ Grifos meus.

Outro aspecto a se considerar, ainda no que tange ao trabalho, diz respeito ao “biscate” como uma “ramificação” do trabalho. Para o termo *biscate* encontramos no dicionário Luft (2000) “serviço pequeno ou avulso, bico”. Nos diários o trabalho aparece como a ação que irá resultar em um trabalho na lavoura: semear, capinar, colher; e o biscatear é uma ação de reparar alguma coisa. Está sempre associado ao entorno da casa como, por exemplo, o reparo de uma cerca, o corte da lenha, a limpeza do terreno da casa.

Dia 17 eu todo dia trabalhei na Capela do meio dia até as 3 h atamos palha no Albino, a Nair todo dia biscateou. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, fevereiro, 1978).

Dia 27 até as 9h biscateamos depois queimamos o resto dos tocos na capoeira de tarde atamos a palha na roça e a tardinha carregamos esterco para o viveiro de sebola. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, fevereiro, 1978).

Segundo a entrevista com Aldo (08/02/2007), o biscatear “é o serviço da volta”, *é fazer uma coisinha e outra porque se eu vou anotar tim tim por tim tim, escrevo uma página*. Durante sua explicação, ele leu um trecho do diário que ele estava escrevendo atualmente e que correspondia aos dias anteriores ao da entrevista, dias 5, 6 e 7 de fevereiro de 2007.

“Vou ler os últimos três dias”: dia 5, de manhã, levei o leite na Vila, cortamos o resto da vassoura na Serra Pelada - “a Serra Pelada é o nome da lavoura, as minhas lavouras elas têm nome” -, de tarde choveu um temporal forte. Dia 6, de manhã, biscateamos e arrumamos a rede de luz - “deu problema aqui na rede” - de tarde eu e a mãe arrancamos batata ali no Seu Elci, - “é umas terras que eu tenho arrendada ali do outro lado” - o Enoir foi a Pelotas e o Mateus limpou o pulverizador. Dia 7, - “foi ontem” - de manhã eu e o Enoir botemos tratamento nas laranjeiras e de tarde os guris foram a Canguçu e eu e a mãe biscateamos. (Aldo Schmidt, 08/02/2007).

A diferenciação entre “trabalhar” e “biscataer” é muito presente na escrita dos dois irmãos. Isso demonstra a importância dada ao trabalho por Aldo e Clemer, que não consideram os “pequenos trabalhos” junto aos demais trabalhos da lavoura, pois o trabalho da lavoura é a fonte de renda e não os “biscates”.

Esse aspecto demonstra a lógica do sistema de produção em nossa sociedade capitalista, um processo de busca do que vale mais. Portanto, para Aldo e Clemer não há como “escapar” desse sistema.

Um fato relevante descrito por Aldo foi que o irmão Clóvis, o mais velho dos irmãos, chegou a sugerir, no tempo em que moravam com o pai, um caderno de planos, para realizar o que estava escrito. Na verdade, esse caderno de planos não chegou a ser colocado em prática. Observamos essa idéia entre os irmãos:

O Clóvis sempre gozava que tinha que ter um caderno de planos, pra fazer os planos pra semana, porque o Clóvis encrencava muito com o velho Schmidt e sobrava pra mim ir lá saber o que é que se faz, era eu [...], e o Clóvis sempre gozando daqueles cadernos de planos. Claro, o serviço determina que a gente planeja, vamos fazer isso aqui, amanhã seguimos, mas se a coisa altera, muda o serviço. O velho sempre dizia, mudemos o rebenque de mão, toca pro outro lado, e o Clóvis não gostava daquilo. [...] O caderno de plano pra planejar o serviço, aí não mudava, tava escrito, tem que fazer. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Embora o caderno de planos não tenha existido, percebemos, mais uma vez, a importância dada à escrita pelos irmãos. De certa forma, arriscaria a dizer o poder dessa escrita. Aldo diz: “o caderno de plano pra planejar o serviço, aí não mudava, tava escrito, tem que fazer” (Aldo, 08/02/2007). O escrito como uma das formas de comprometer e comprovar o trabalho que se devia produzir naquele dia.

Na análise do primeiro diário de Aldo, há um curto período de tempo que merece destaque: o primeiro caderno, de fevereiro de 1975. Aldo foi para a cidade de Rio Grande (RS), próxima a Pelotas, e começou a trabalhar em uma oficina. Observando seus registros, nota-se que já não contam com os detalhes tão bem observados anteriormente, quando trabalhava na lavoura com o pai e os irmãos. Por vários dias seguidos, há apenas a escrita: “Idem ao dia17” (referindo-se a fevereiro de 1975). Ao analisar o dia referido, encontra-se apenas “todo dia trabalhei na oficina”, demonstrando que sua escrita foge dos “padrões” anteriormente descritos. Não há detalhes sobre esse dia de trabalho.

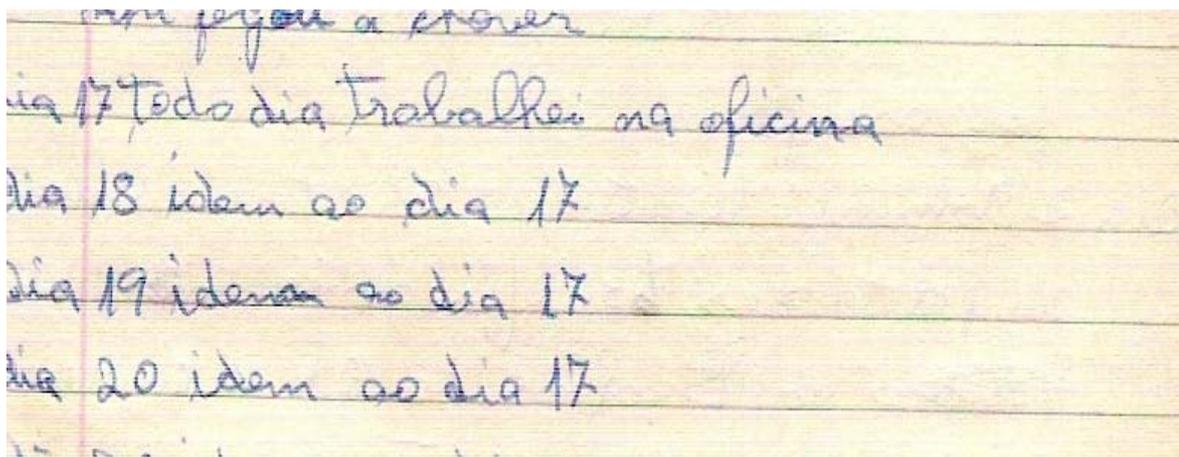


Figura 16: Excerto do Diário nº 1 - Aldo Schmidt / fevereiro de 1975.

O mesmo ocorre nos dias 26, 27 e 28 do mesmo mês, nos quais há uma escassa escrita: “idem ao dia 25”. Recorrendo ao dia 25 (fevereiro de 1975), o registro do dia fica restrito em “todo dia trabalhei na oficina”.

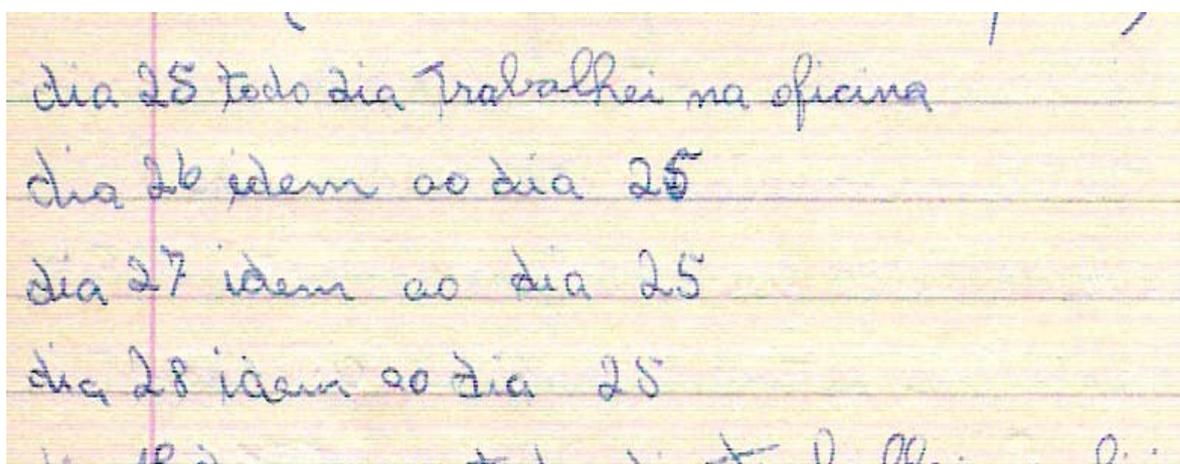


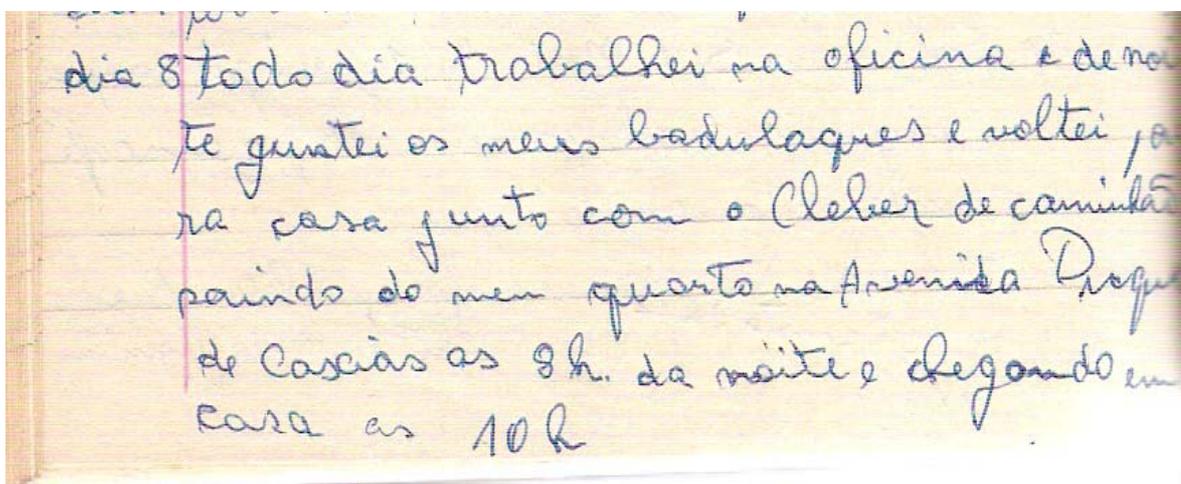
Figura 17: Excerto do Diário nº 1 - Aldo Schmidt / fevereiro de 1975.

Nas escritas do irmão Clemer, há o registro do dia em que Aldo desistiu de trabalhar na cidade e retomou ao serviço da lavoura com o pai e os demais irmãos:

9 de maio sexta todo dia a mesma turma mais o Aldo que desistiu do seu serviço de eletricitista e o Clemer cortaram soja e carregaram. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, maio, 1975).

Aldo também faz o registro da sua “desistência” do trabalho na oficina, no dia em que retoma para casa paterna, retomando também a escrita “normal”, com maiores detalhes do trabalho.

Dia 8 todo dia trabalhei na oficina e de noite juntei os meus badulaques e voltei para casa junto com o Cleber de caminhão saindo do meu quarto na Avenida Duque de Caxias as 8h da noite e chegando em casa as 10 h. (Aldo Schmidt, Diário nº 1, maio, 1975).



dia 8 todo dia trabalhei na oficina e de noite juntei os meus badulaques e voltei para casa junto com o Cleber de caminhão saindo do meu quarto na Avenida Duque de Caxias as 8h da noite e chegando em casa as 10 h

Figura 18: Excerto do Diário nº 1 - Aldo Schmidt / fevereiro de 1975.

Esses registros do trabalho na oficina, presentes nos diários de Aldo, revelam que ele estava “fora” de seu contexto, o mundo rural. Sua profissão é agricultor, seu trabalho é com a terra, na lavoura. Portanto, no contexto urbano, Aldo não se adaptou e desistiu do emprego. Da mesma forma que o diário, o trabalho com a terra é o sentido da vida de Aldo. Para Aldo, trabalho, lavoura, identidade e escrita estão intimamente relacionados.

Ao perguntar se Aldo teria escrito os diários se tivesse dado continuidade nos seus estudos, ele responde negativamente: “Não, acho que não, porque o interesse teria sido outro, a ocupação teria sido outra”. Para Aldo, trabalhar com a terra está associado a escrever o diário, pois o “controle do trabalho” é o motivador para as escritas, embora ultrapasse essa esfera. Conforme afirma Artières (1998, p.14), “devemos controlar as nossas vidas. Nada

pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo, para existir no cotidiano”. As palavras do autor revelam um dos sentidos do diário para Aldo: preparar o futuro, registrar o passado, existir no cotidiano. Refiro-me a Aldo porque é ele quem continua as escritas atualmente. Já no caso de Clemer, esse registro foi parte de um período de sua vida, embora não deixe de ser também um “existir no cotidiano”. O trabalho é tão significativo na vida dos dois agricultores que junto a ele estão presentes os “vários tempos” da vida na zona rural e o clima, fator que influencia diretamente no trabalho da lavoura. Sendo o tempo e o clima fatores de relevância na vida e para a vida desses agricultores, torna-se necessária uma discussão mais detalhada desses dois temas, assunto abordado a seguir.

2.2.2. Tempo: “o tempo de semear e o tempo de colher”

Pra saber quando é que se planta, quando é que se colhe. (Nair Belletti Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

A fala de Nair expressa o que é o tempo na zona rural: a espera entre a semeadura e a colheita, o “tempo” de estiagens e o “tempo” chuvoso, entre outros. Essa ordenação é presente na vida do campo, ou seja, há vários tempos na agricultura e todos seguem a lógica da natureza: o tempo de lavrar, plantar, colher, o período das chuvas, a época das estiagens. O espaço rural está diretamente associado a esses elementos, construindo temporalidades típicas, de acordo com o trabalho a ser realizado. Não é, necessariamente, o “tempo do relógio”, que serve de ordenação ao ritmo cotidiano da vida e do trabalho, conforme Bagli (2006, p.84):

No rural, as relações cotidianas são construídas sobre um tempo mais ligado a uma lógica territorial que se consolida por meio da intensa relação com a natureza. Hábitos e costumes seguem uma cadência diferenciada, na qual as transformações estão atreladas às possibilidades apresentadas pela natureza. O tempo também é movimento, mas um movimento nem tão perceptível aparentemente. [...] Horários que seguem outras rotinas e normas, portanto, que expressam um outro modo de vida.

O tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana. Na zona rural, levantar cedo, tratar os animais, tirar o leite que irá para a mesa do café, comer alimentos produzidos na propriedade, trabalhar em contato com a terra, seguir os horários do sol, são hábitos comuns. A zona rural segue mais a lógica da natureza, enquanto que, nos espaços urbanos, devido às condições específicas do trabalho, seguem uma lógica artificial mais atrelada ao “tempo do relógio”. O tempo rural é mais “lento”, as transformações da sociedade não deixam de acontecer, apenas são sentidas em menor escala (BAGLI, 2006). Não significa, com isso, reduzir a zona rural a uma visão simplista ou romântica. Segundo Da Matta (1991, p.38-39), “as atividades que demarcam o tempo, ou ajudam a construí-lo promovendo uma base para a noção de duração diferenciada e de passagem, são as atividades que ocorrem sempre em espaços distintos uns em relação aos outros”. Isso indica que não se pode falar de tempo sem falar também de espaço. Por isso que os diários trazem o tempo como o transcorrer do dia, situado em um ambiente específico: a zona rural. Esse é o contexto no qual o tempo é construído por Aldo e também por Clemer.

O tempo, nos diários, é a divisão do dia e das horas em manhã, tarde e noite, divisão da semana entre dias de trabalho (segunda-feira a sexta-feira) e dias de lazer (sábados e domingos) e/ou compromissos religiosos e comunitários e, é também o clima. Buscando o significado de tempo no dicionário, encontramos “Medida da duração dos fenômenos. Período; época. Estado atmosférico. Momento ou ocasião própria” (LUFT, 2000).

No entanto, tempo é uma invenção social. Segundo Elias (*apud* MARTIS, 2000):

O que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos (s/p).

Dessa maneira o tempo é o fator que orienta o homem e, conseqüentemente, suas relações sociais. Os relógios são exemplos do que tem sido responsável pela demarcação do tempo em nossa sociedade. A partir dessas

considerações, percebe-se a existência de “vários tempos” como uma criação humana.

Os diários eram uma das formas de organizar o cotidiano do trabalho, o que através da observação do clima e as suas relações com o tempo de divisão do dia, acabam por ordenar a própria vida desses agricultores. O tempo, nas escritas, significa o transcorrer do dia dividido em períodos: a manhã, a tarde, a noite, o dia, ou ainda, em horas e minutos:

Dia 25 amanheceu chovendo depois da 8h fomos fazer uma picada¹⁸ para passar para chácara do Amiltom de tarde fomos tirar galhos para fora, depois das 4h choveu a noite fui no Lindolfo levar as quitandas e comprei uma foice. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, agosto, 1979).

1º Quinta De manhã cortaram soja até ao meio dia terminado com toda a safra da soja de tarde até as 3 carregaram com 2 carreta 5 carga depois trilharam até a noite – 27 sacos. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, maio, 1975).

Desta maneira, conforme o espaço no qual trabalham, aparece também a medição do tempo – de manhã, de tarde, de noite – como uma medida rotineira de trabalho. Essas “divisões” se aproximam muito do clima, o qual é referido nas escritas como as mudanças climáticas: a chuva, o sol, o dia nublado, o frio, o calor, o “geadão”. Porém, nos registros, as duas categorias ficam denominadas por uma única terminologia, no caso, o tempo: “tempo bom, de manhã choveu”. É comum denominar o clima como sendo o tempo e vice-versa, pois são categorias muito próximas. De acordo com Luft (2000), clima é o “conjunto dos fenômenos meteorológicos (temperatura, pressão, ventos, etc.) que caracterizam o estado médio da atmosfera em determinada área geográfica”.

Segundo Brandão (1989, p.16), “o tempo é de difícil separação já que não sabemos viver a não ser dividindo o tempo dado ao trabalho produtivo com outros tempos divididos por sua vez entre o rito e o jogo, eis que a todo o momento e por toda a parte misturamos uma coisa com a outra”. E isso está presente nas escritas dos diários: a “mistura” de fatos como, o jogo, a festa, o trabalho, entre outros.

¹⁸ Passagem, caminho, estrada.

Martins (2000), apoiando-se nos estudos realizados por Elias (1989), afirma que os relógios são invenções humanas incorporados no mundo simbólico dos homens e, por isso, o tempo é uma invenção humana. Mas, além dos relógios há outras formas de marcar o tempo que também foram criadas pelo homem, como por exemplo, o calendário, que traz as fases da lua, as estações do ano, os meses, as semanas, os dias, entre outras medidas do tempo. Aldo, nos seus diários, dá uma grande significação para o calendário. Em todos os cadernos, de acordo com os anos, há o “calendário com a lua”, conforme ele confirma na entrevista:

Pode ver, todos [diários] têm, aqui, do calendário com a lua, vê se influi alguma coisa [...]. Se tu planta em setembro, às vezes no início de setembro, dois anos seguintes, uma ano caiu na cheia e outro ano caiu na minguante ou na nova, tem diferença de produção por causa da alteração na, na... [lua]. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

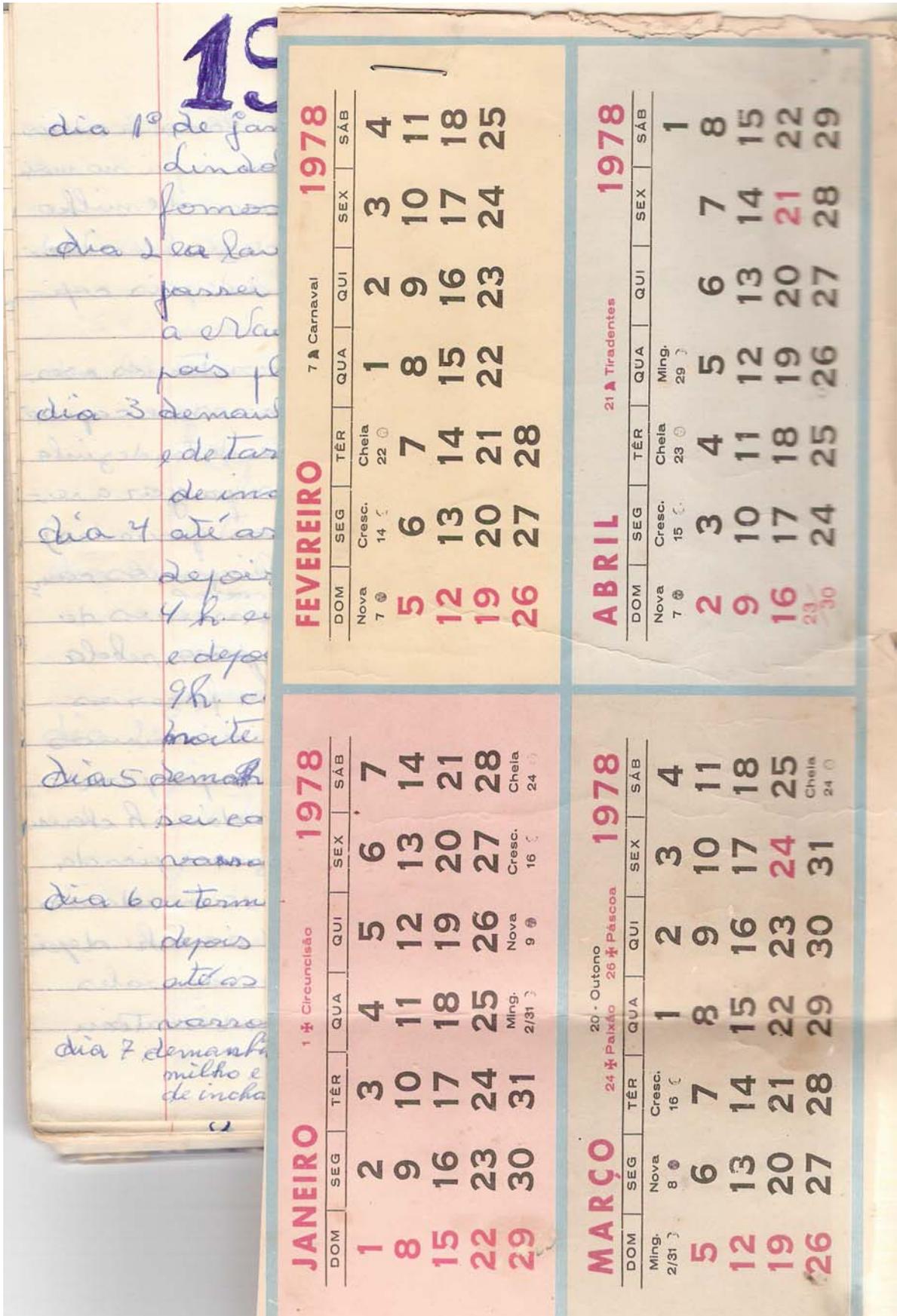


Figura 19: Diário nº 2 – Calendário com a lua grampeado no diário.

Para Aldo, a lua é uma forma de controle do trabalho, pois serve de orientação para sua plantação. A cada novo ano, há um pequeno calendário grampeado na folha do diário. Para Martins (2000), “calendários podem ser utilizados como exemplos gráficos das funções coordenadoras e integradoras de tempo e atividade” (s/p). Nesse sentido, podemos observar os estudos com almanaques de farmácias, pequenos livros que continham o calendário lunar e sua relação com épocas de plantios e colheitas, orientando as pessoas em suas atividades. Sobre esses almanaques, Park (1999, p.35) nos diz:

Todos eles, sem exceção, desde os mais antigos até os mais atuais apresentam um só tipo de organização. Esta organização está sempre relacionada ao tempo, à lua, ao mês, podendo estar vinculada ao horóscopo, aos signos, aos calendários agrícolas ou não. Em outras palavras, o que pretendo assumir como hipótese aqui é que o calendário representa a ligação estabelecida entre o homem e sua organização de espaço e tempo.

Sobre as condições climáticas é importante registrar que no primeiro diário de Aldo, no final do ano de 1972, 1973 e 1974, há os gráficos “dos tempos”, feitos a mão, com lápis coloridos para destacar os diferentes aspectos do clima: dias de sol, dias de lavrado, dias de capinas, domingos aproveitados, dias de chuva, dias de trabalho e também dias de enterros (falecimentos). O gráfico apresenta uma síntese do trabalho, clima e ainda de dias de falecimento do ano de 1973. Foi realizado no último dia do ano: 31 de dezembro.

decisivas na produção agrícola: as chuvas demasiadas, a geada antes do período ou um longo tempo de estiagem podem prejudicar a colheita, o desenvolvimento ou o próprio plantio de determinada cultura. As explicações de Aldo para os gráficos é o controle do clima e sua relação com o trabalho, mas os gráficos eram uma das formas de controlar o seu próprio tempo e projetar os próximos, bem como o de dividir esse tempo nas tarefas que pretende desenvolver durante o ano.

No mesmo diário (nº 1, 1972-1976) há mais dois gráficos, do ano de 1972 e de 1974. O do ano de 1972 está assim organizado:

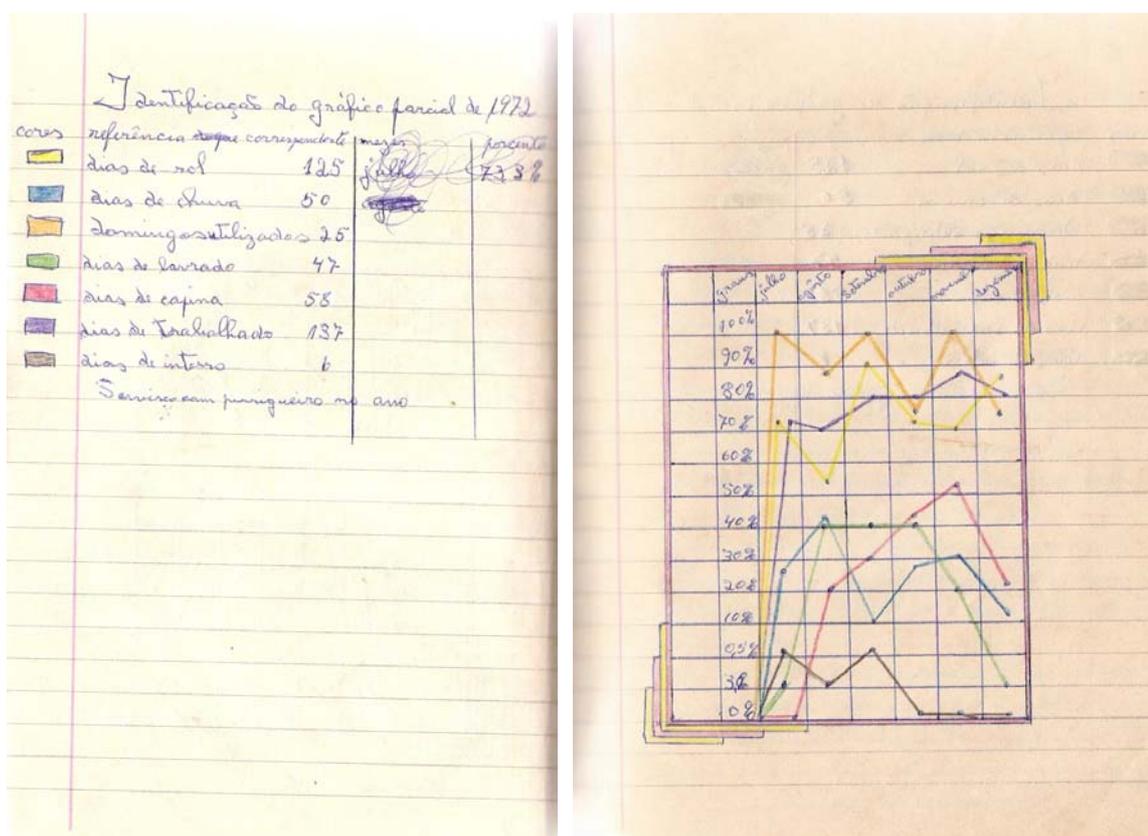


Figura 21: Gráfico do tempo de 1972 – Diário nº 1/ 1972 (Aldo Schmidt).

O gráfico de 1972 é denominado por Aldo de “gráfico parcial”, pois corresponde ao segundo semestre do ano.

Em 1974, Aldo assim sintetizou seu tempo:

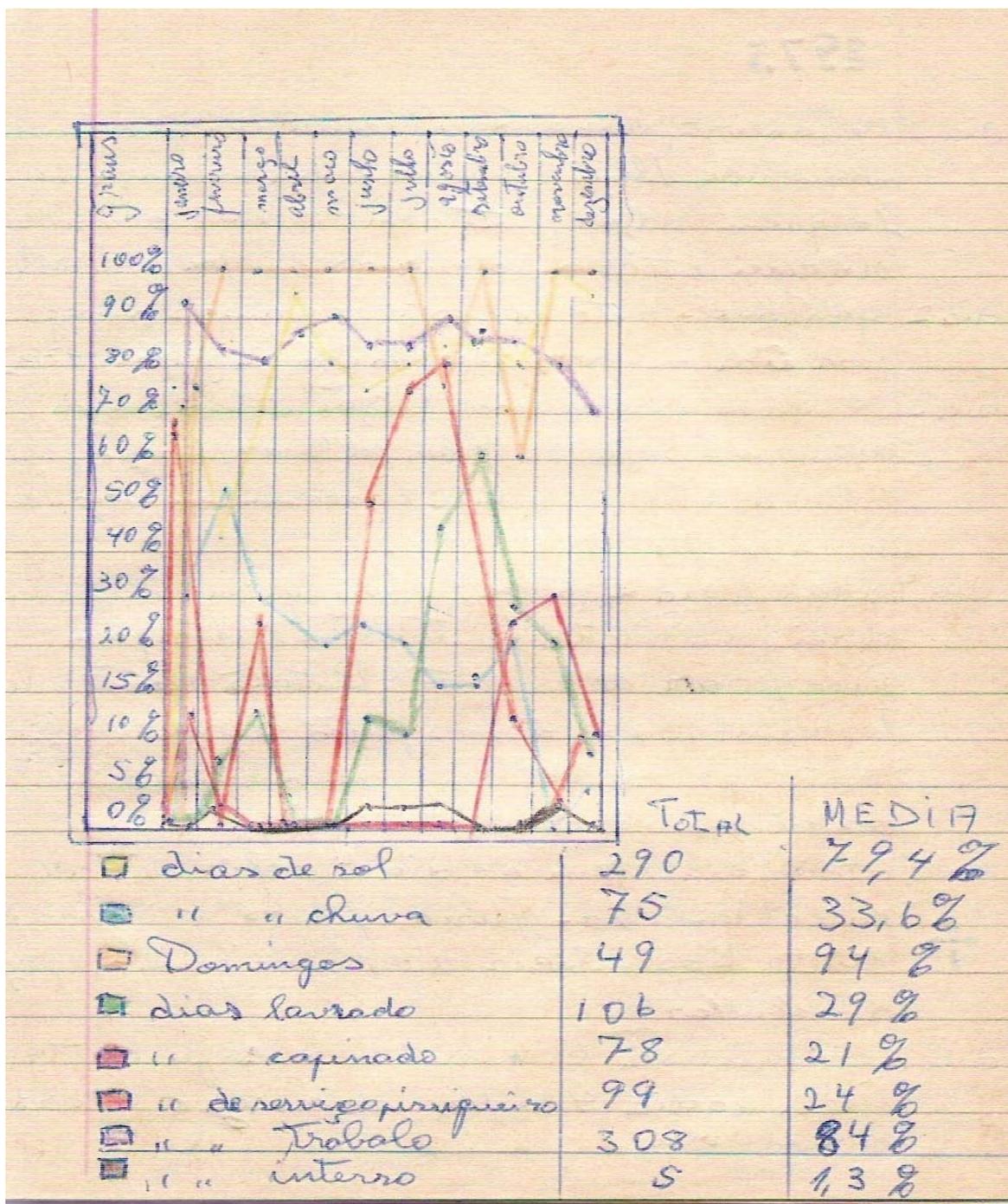


Figura 22: Gráfico do tempo, 1974 – Diário nº 1/ 1974 (Aldo Schmidt).

Os três gráficos seguem, basicamente, a mesma lógica: os dias distribuídos entre as ocupações e as porcentagens divididas em meses, realizando uma “média” de dias. De certa forma, Aldo utiliza os gráficos para comparar a quantidade de dias de suas ocupações.

O tempo de um ano é diferente do tempo de outros anos. Conforme Da Matta (1991) o tempo é simultâneo e passa e, nesse sentido, o tempo que “passa” fica demarcado, nos diários, pelos anos, meses e nas atividades dos diferentes dias da semana. Um exemplo são os dias do trabalho e os dias do lazer. Nas palavras de Da Matta (1991, p.42), há diferenças entre esses dias e, assim percebe-se nos diários:

No caso do tempo, o contraste mais abrangente talvez seja o que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas que são socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade. Estas situações se definem pelo que usualmente chamamos de festas, cerimoniais, rituais, solenidades...

Nos diários, os dias da semana dividem o tempo e, assim, as atividades são diversas, mas há diferenças entre os dias de trabalho e os dias de lazer. Nos finais de semana há uma “quebra” na rotina de trabalho: sábado e domingo são dias que dedicam ao lazer, categoria que passarei a analisar no próximo item.

2.2.3. Sábado e domingo: “tempo de lazer”

Se há o “tempo de semear e o tempo de colher”, há, também, o tempo de descansar. Nos diários esse tempo é expresso pelo lazer, constante na vida cotidiana do meio rural e intensa também nos diário de Aldo e de Clemer. Mas o que é o lazer da/na zona rural? O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso se faz por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, visto que para quem trabalha na agricultura não há período de férias, como há para outras profissões. Há apenas “períodos” de mais ou menos trabalho.

O lazer é, nos diários, expresso por um outro tipo de escrita. Geralmente não faz referência ao trabalho, ao menos que o período exija como é o caso da safra de pêssego:

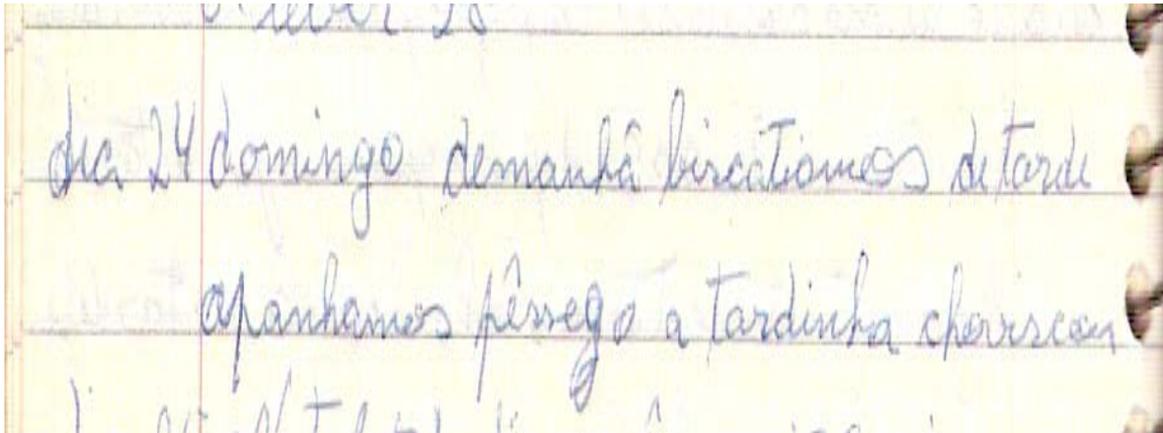


Figura 23: Excerto do Diário nº 2 (24/12/1978) – Aldo Schmidt.

Para Magnani (1984, p.11), “o lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal”. Nos diários de Aldo e Clemer, os momentos de lazer são sempre aos sábados e domingos, dias em que os trabalhos da roça ganham uma pausa e intensificam-se as saídas. Para o caso de Aldo, após seu casamento, em 1976, nota-se que as saídas para o futebol e para os bailes diminuem, pois o lazer passa a incluir a esposa e a nova família. Somente nos diários de Aldo, o domingo é o único dia da semana que aparece por escrito ao lado do dia do mês. Já nos diários de Clemer, isso não se configura como regra: nos primeiros cadernos o dia do mês aparece, apenas, com numeral. Em outros há o numeral seguido do mês e do dia da semana.

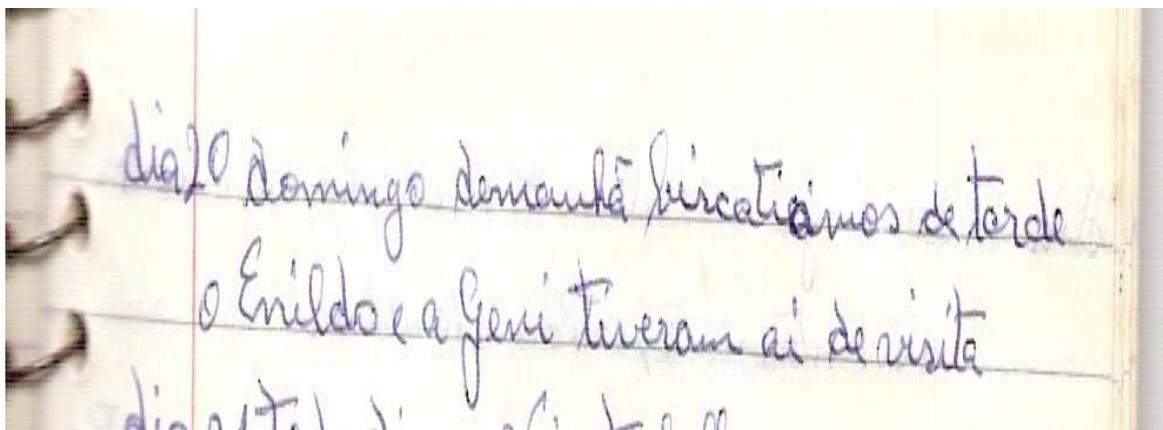


Figura 24: Excerto do Diário nº 2 (20/03/1977) – Aldo Schmidt.

Na zona rural, o lazer aos domingos também fica demarcado por visitas entre os vizinhos e amigos, idas aos bailes e ao futebol, como pode ser observado nos registros abaixo:

Dia 22 domingo de manhã biscateamos de tarde ficamos em casa e a D. Dora e a Aldair tiveram aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, janeiro de 1978).

Dia 16 domingo Eu e o Clemer na mesma de sempre o Cleber com o St^a Helena e os outros na dança no Edmundo Bosembecker. (Diário nº 1, Aldo Schmidt, novembro 1973).

Para entender o contexto rural de lazer que aparece nos diários, é necessário compreender que nas colônias da zona rural de Pelotas há salões de baile que levam o nome do proprietário, como o salão de baile do S. Edmundo Bosembecker e do S. Vidal Batista. Ainda há os times de futebol que levam o nome das localidades onde ficam situados os campos/estádios, como é o caso dos times “Vila Nova”, “Bachini”, “Santa Helena”, entre outros.

São comuns, também, as festas organizadas pelas comunidades religiosas com café colonial e danças, as quermesses, os jogos de futebol amador, bailes para a celebração de alguma data especial. Isso caracteriza uma cultura própria de determinada localidade. Conforme Bahia (2000, p.16), “expressões da língua, festas comunais, ritos de passagens, superstições e outros elementos da cultura camponesa marcam especificamente seu *ethos*, isto é, um estilo de vida próprio diante do mundo lhes atribui um sentido identitário”.

Além disso, são comuns festas organizadas por igrejas e que seguem o calendário da colheita, como a festa da cebola, festa da uva, etc. Isso demonstra uma relação entre o calendário agrícola e das festas como um valor daquilo que é próprio da terra. Para Canclini (1983, p.112), as festas na zona rural são acontecimentos que unem as forças familiares:

São acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da participação coletiva da família.

A participação coletiva na preparação das festas se confirma nos diários dos irmãos Schmidt, pois, quando há festa na igreja da qual participam, há o relato de que se envolveram no trabalho de preparação da festa.

Dia 2: Domingo Festa na São Paulo¹⁹ de manhã choveu e o Cleber foi de caminhão com a Cleci a Clenair e o Clenderci detarde o Clemer levou o resto da turma de Combe para a festa. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, março de 1975).

Dia 3 de manhã fomos a Capela de caminhão buscar as taubas e os badulaque de tarde só contemos o dinheiro e de tardezinha o Clemer levou a lona lá no Udo. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, março de 1975).

A preparação da festa e o trabalho no dia incluem toda a família, nos mais diferentes trabalhos como, por exemplo, o carregamento de tábuas para fazer mesas e barracas, a venda nas barracas, a limpeza, a contagem do dinheiro da festa, etc. Isso caracteriza a festa na zona rural: um grande espaço, com barracas de lonas, bandinhas típicas tocando músicas, casais dançando, almoço colonial e, em alguns casos, jogos e brincadeiras, como pescarias, tiro ao alvo, etc. Assim, com uma grande variedade de atividades na festa, não é possível realizá-la se não tiver trabalho coletivo que nasce da união das pessoas. Observando assim, esse tipo de lazer – a festa da igreja –, nesse caso, esteve associada ao trabalho. A família trabalhou, mas houve um outro tipo de trabalho, fora da lavoura.

O lazer também significa “sair de casa”, conforme Brandão (1989, p.17), “não há dúvida de que a casa é o local da rotina, da família e de uma estabilidade de relações que em quase tudo sugere o contrário daquilo que a rua, seus tempos, festas e sujeitos pretendem ser”. É por isso que o lazer é expresso nos registros diários de uma maneira diferenciada – nos sábados e domingos –, contando o que foi feito fora do ambiente da casa, mesmo que tenha havido trabalho, como no caso das festas da igreja.

O “ir à igreja”, no culto, como aparecem nas escritas, é diferente do que ir à festa da igreja, pois essa se caracteriza como lazer. Já ir ao culto é um outro

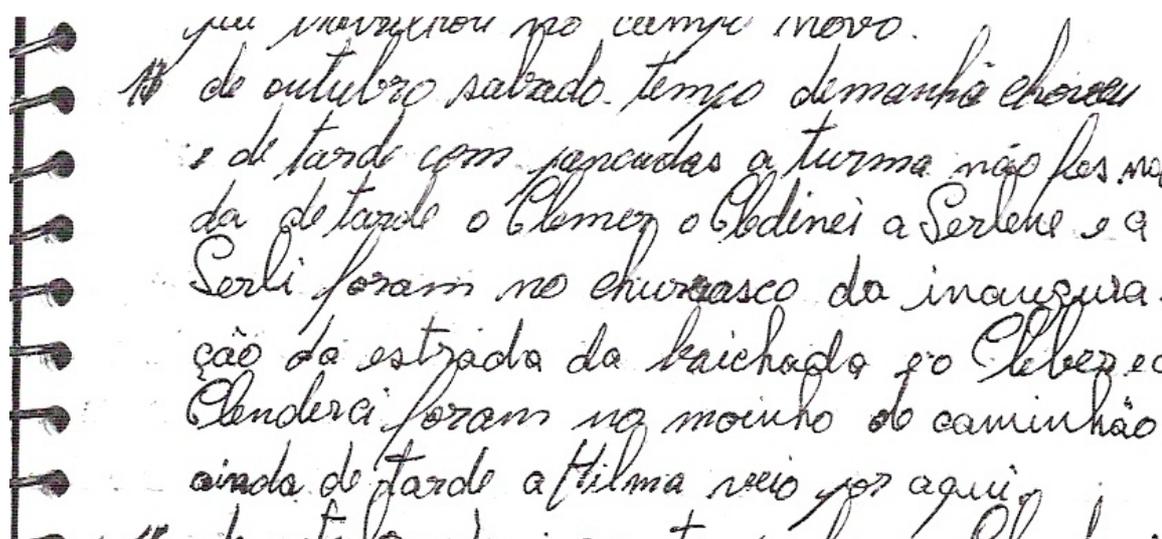
¹⁹ Comunidade religiosa Episcopal Capela São Paulo / Colônia Santa Áurea (Pelotas/RS).

contexto, um acontecimento social formal, conforme será analisado no próximo item, juntamente com outros acontecimentos da/na sociedade.

2.2.4. Acontecimentos sociais e comunitários: “fazer o pão e votar”

Essa categoria abrange os registros dos diários no que tange aos eventos sociais da vida da família como, por exemplo, casamentos, enterros, vida religiosa e outros aspectos da vida social da família de Aldo e Clemer. Ainda podem ser agrupados aqui outros acontecimentos da vida pública e comunitária dos agricultores, como as eleições (municipais, nacionais), participação em algum trabalho comunitário na capela ou até mesmo na manutenção de estradas da região, conforme se percebe nos diários:

14 de outubro sábado tempo de manhã choveu e de tarde com pancadas a turma não fez nada de tarde o Clemer, o Cledinei a Serlene e a Serli foram no churrasco da inauguração da estrada da baichada e o Cleber e o Clenderci foram no moinho de caminhão ainda de tarde a Hilma²⁰ veio por aqui. (Clemer Schmidt, Caderno nº 3, outubro, 1978).



que aconteceu no campo novo.
14 de outubro sábado tempo de manhã choveu
e de tarde com pancadas a turma não fez nada
de tarde o Clemer o Cledinei a Serlene e a
Serli foram no churrasco da inaugura-
ção da estrada da baichada e o Cleber e o
Clenderci foram no moinho de caminhão
ainda de tarde a Hilma veio por aqui.

Figura 25: Escrita sobre a inauguração da “estrada da baixada” - Clemer Schmidt, Caderno nº 3, outubro, 1978.

²⁰ Esposa de Clemer, na época eram namorados.

A “estrada da baixada”, como é chamado nos diários, construída em 1978, foi de extrema importância para os moradores da zona rural da Colônia Santa Áurea (7º distrito de Pelotas/RS), pois foi um elo da localidade à estrada principal, facilitando o percurso à cidade. Sobre a inauguração, é relevante mencionar que no diário de Clemer há o registro conforme reproduzido acima; no de Aldo, porém, não há referência ao fato, entretanto, há a figura do jornal²¹ na qual aparece o trabalho sendo realizado.



Figura 26: Recorte de notícia da “estrada da baixada” / Diário nº 2 – Aldo Schmidt.

São fatos que conferem um sentimento de pertencimento, de proximidade dos irmãos à comunidade na qual estão inseridos. Além disso, ao mesmo tempo em que participam da inauguração, fortalecem sua cidadania, pois a estrada foi uma reivindicação dos moradores da localidade.

²¹ Não há nenhuma referência do nome do jornal nem da data em que foi recortada a fotografia.

Outro exemplo de um acontecimento relevante para os irmãos Schmidt é o trabalho na comunidade religiosa da qual participavam:

Dia 8 domingo demanhã fui no Lindolfo²² e de lá fui até o Enildo²³ fazer o recenciamento para a Igreja de tarde ficamos em casa a mãe teve aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, outubro, 1978).

Aldo desempenha várias atividades na comunidade, entre elas, recensear as pessoas de sua igreja, participar da mesa eleitoral. Fatos colocados lado a lado nas suas escritas, como o recenseamento, o trabalho, a visita, mais uma vez confirmam os sentidos de seus registros: produzir a identidade, registrar a vida. Segundo Da Matta (1991, p.72), “ser cidadão, e ser indivíduo, é algo que se aprende, e é algo demarcado por expectativas de comportamentos singulares”. Para o caso de Clemer e Aldo, isso é visível já que registram os acontecimentos sociais e comunitários.

Ser cidadão não basta, é preciso também exercer a cidadania. Conforme é expresso nos diários, a eleição, processo de escolha, é muito importante para Aldo e Clemer, que registram esses momentos em seus diários:

Dia 15: eu todo dia participei da mesa Eleitoral na 71 cessão e a Nair foi votar e fez pão de tarde ceifou o asevém e capinou vassoura. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, novembro de 1978).

15 de novembro quarta tempo bom de manhã entre 6 plantaram soja terminando o campo o pai a mãe a Cleci e a Clenair foram votar o Cleber levou eles com o caminhão de tarde o Cleber o Clenderci e o Cledinei e o Clemer foram votar. (Clemer Schmidt, 3º Caderno, 1978).

Votar e participar da mesa eleitoral tem uma “importância” ao lado do fazer o pão, ceifar, plantar, capinar... Trata-se dos trabalhos realizados, mas votar é o momento de participação democrática na vida social. Essa é a “marca” de um pertencimento maior, o pertencimento a uma nação, conforme as palavras de Da Matta (1991, p.73), “realmente, cidadão eu pertenço a um espaço eminentemente

²² Proprietário de um comércio da localidade

²³ Membro da comunidade religiosa Episcopal Capela São Paulo / Colônia Santa Áurea (Pelotas/ RS)

público e defino o meu ser em termos de um conjunto de direitos e deveres para com uma outra entidade também universal, chamada nação”.

“Fazer o pão” é um registro muito recorrente na escrita de Aldo. Pão, alimento da vida, procedente do trigo que nasce da terra, terra que fortalece a identidade de ser agricultor, agricultor que participa das decisões e escolhas, que exerce sua cidadania. Terra e pão são dois elementos simbólicos para Aldo como forma de fortalecer sua identidade. Fazer o pão e votar são elementos diferentes que fazem refletir como o “cidadão Aldo” e o “cidadão Clemer” percebem-se no contexto em que vivem.

Nos diários é comum encontrarmos as “idas ao moinho”. Atualmente é quase impossível imaginar o processo de transformação do trigo em farinha nos pequenos moinhos da zona rural. Contudo, anteriormente, as famílias numerosas da zona rural cultivavam o trigo e mandavam para os moinhos, a fim de obter a farinha a um preço mais em conta. Aldo e Clemer escrevem nos diários, com frequência, a ida ao moinho:

Dia 17 de março segunda-feira cortaram massega todo dia entre 3 pessoas de noite foram no moinho de caminhão. (Clemer Schmidt, 1º Caderno, 1975).

Dia 18 eu de manhã passei capinadeira na vassoura no umbu²⁴ de tarde, na abóbora lá no Albino e a tardinha na chácara, a Nair plantou 20 Kg de soja Hüll no boeiro, ao meio dia fui no moinho e não tinha farinha. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, outubro, 1978).

Outro acontecimento importante é o fato de ver a seleção brasileira em jogos da Copa, mesmo que para isso precisassem ir à casa de vizinhos, pois não tinham televisão. O registro da Copa do Mundo demonstra que nem mesmo acontecimentos internacionais escapavam das escritas dos dois irmãos:

Dia 25 domingo de madrugada desabou violento temporal de chuva com pedra amanheceu garuando estiando antes do meio dia, de tarde fui lá no pai ver a final da copa do mundo²⁵ ganho pela Argentina (Aldo Schmidt, Diário nº 2, junho de 1978).

²⁴ Umbu é utilizado como o nome da lavoura, o mesmo serve para Albino e boeiro.

²⁵ Jogos finais da Copa do Mundo no ano de 1978.

No âmbito dos acontecimentos sociais, há também o registro de batizados e casamentos:

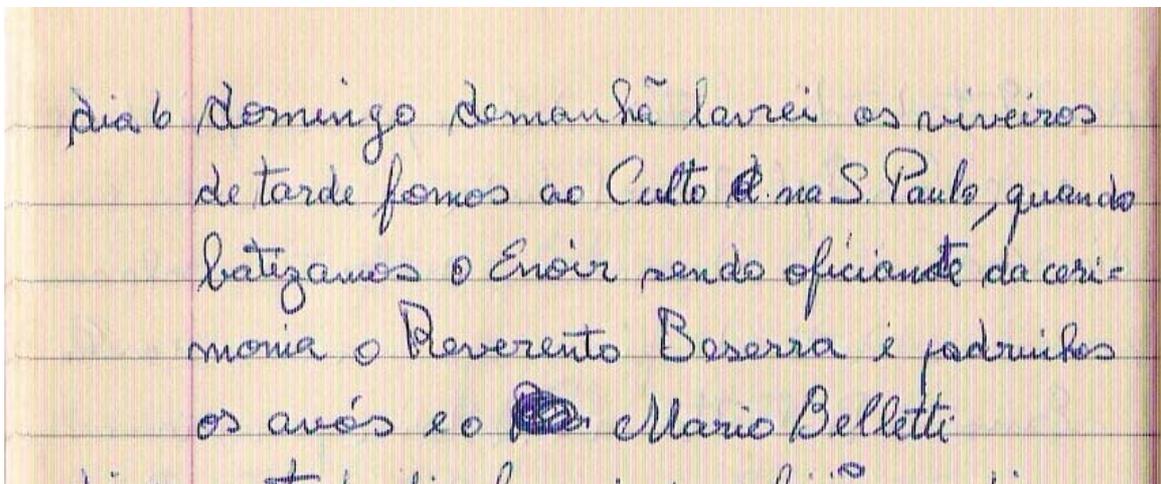


Figura 27: Registro de batizado, Aldo Schmidt, Diário nº3, setembro de 1981.

No dia 29 de maio de 1976, Clemer registra o casamento de seu irmão Aldo:

29 de maio Sábado Dia do casamento do Aldo amanhã toda turma já para as festas durante todo o dia de noite o Clemer retornou com sua gatinha para casa dela (tempo de manhã encoberto de tarde chuvas finas bastante frio). (Clemer Schmidt, 2º Caderno, 1976).

Nesse caso, chama a atenção o quanto os diários têm marcas lingüísticas de uma época. No excerto acima, Clemer usa a expressão “gatinha” em referência a sua namorada, palavra comum nos anos 70 e que atualmente está em desuso para essa situação.

Entre os vários registros de casamentos, há os de pessoas da família, como em 27 de novembro de 1976, quando há referência ao casamento do primo:

27 de novembro Sexta tempo bom toda turma no casamento do Jaime e Vera. (Clemer Schmidt, 2º Caderno, 1976).

No caso de enterros, Aldo e Clemer “sinalizam” seus registros com uma cruz, como no exemplo a seguir:

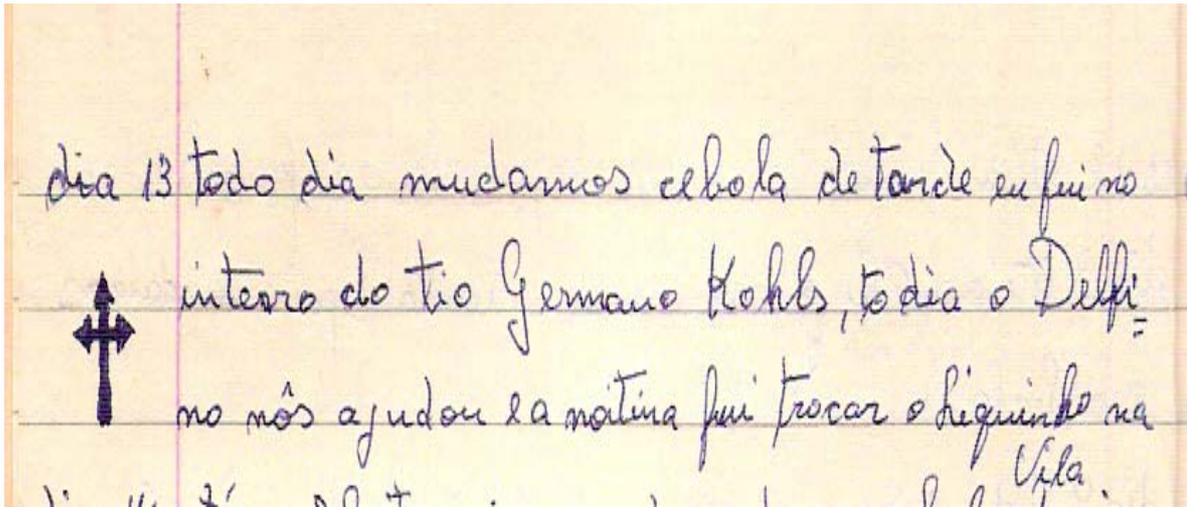


Figura 28: Aldo Schmidt, Diário nº 3, julho de 1979.

A marca da cruz na margem é uma estratégia de lembrança, como Clemer relata na entrevista:

É pra te basear depois, aquele sinalzinho é uma cruz porque o problema daquilo ali, do enterro que tinha, se tu queria olhar aquilo, folhar o caderno, tu nem sabia quando. Ah! Foi o ano passado, mas em que mês foi? Aí tu não te lembra daquilo, aí tu abre o caderno, tu sabe e logo em seguida tu já acha a cruzinha. (Clemer Schmidt, entrevista, 13/11/2006).

Conforme Bahia (2006, p.241), “pensar na morte é também uma forma de repensar o tempo presente na ordem camponesa”. Conforme os estudos da autora, a morte é um *rito de passagem*, da mesma forma que o nascimento e o casamento. Mas a morte significa que não veremos mais a pessoa, ao contrário do rito do nascimento ou do casamento.

Portanto, a cruz na margem, para os irmãos Schmidt, pode significar a “marca” para encontrar com facilidade o dia e o mês do acontecido. Porém, é mais do que isso: uma marca de tempo que servirá para lembrar da pessoa falecida, sempre que recorrerem ao sinal da margem.

Por isso a riqueza da cultura escrita, não só por palavras, mas por sinais, desenhos e demais marcas que demonstram sua variedade e riqueza. Assim como o fazer pão e votar, o jogo da Copa do Mundo e o sinal da cruz também são estratégias utilizadas para dar sentido às escritas dos agricultores.



O PASSADO TRAZENDO O PRESENTE: OS DIÁRIOS DE ALDO (1976-2004) – DO CASAMENTO AOS DIAS ATUAIS CAPÍTULO III

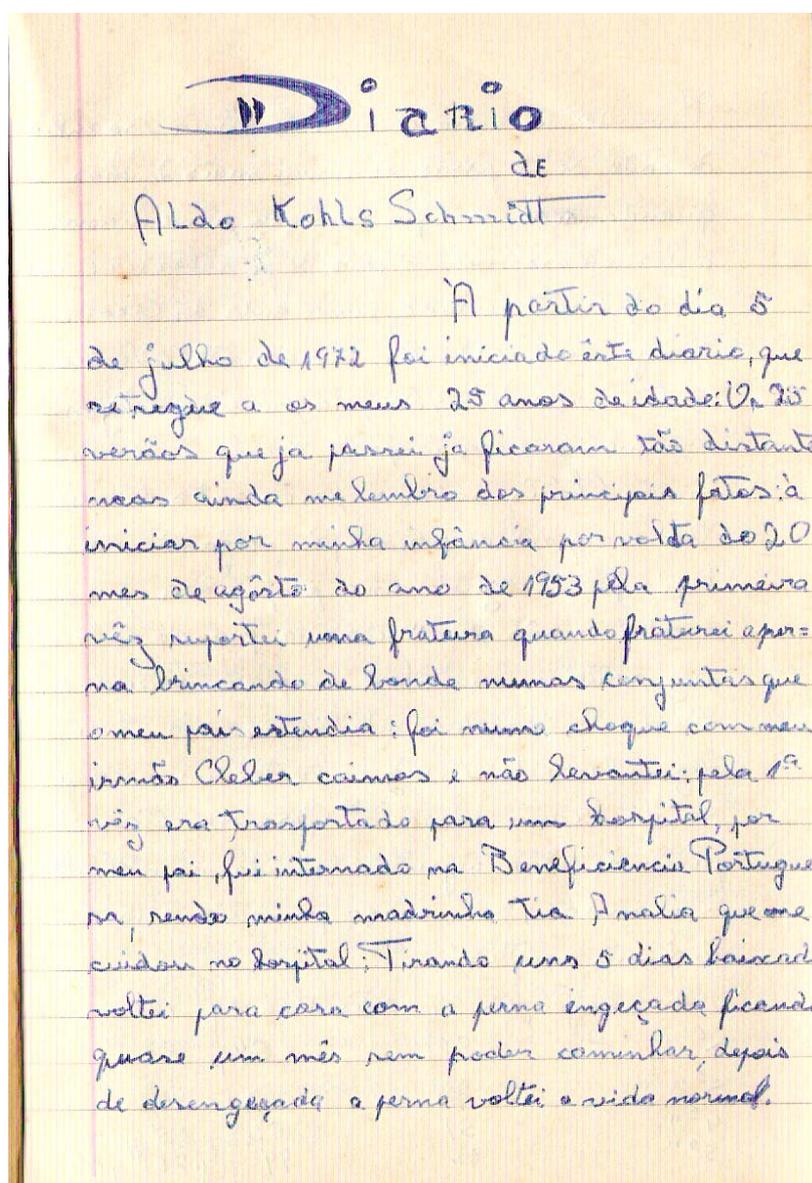
Então um dos fatores que me levou a fazer isso aí é: o passado trazendo o presente de novo. (Aldo Schmidt, 08/ 04/ 2007).

3.1. A escrita de Aldo: “25 verões”

O presente capítulo tratará de “escritas masculinas”, mais especificamente, das escritas de Aldo Schmidt, o qual é responsável por um registro sem interrupções, ou seja, não há um dia que a escrita não tenha sido feita por ele, sendo, portanto, um caso que merece destaque. Aldo é um agricultor de 60 anos, que há 32 anos (1972-2004) registra sua vida por escrito, embora tenha apenas o ensino primário; trata-se, portanto, de uma “pessoa comum” que ganha “voz” através dos seus diários, escrevendo rigorosamente todos os dias e deixando marcas de sua própria história.

Aldo Schmidt, segundo filho mais velho de uma família de doze irmãos, iniciou a escrita de diários no ano de 1972, especificamente na data em que completava 25 anos e morava com seu pai e os irmãos na Colônia Santa Áurea, também município de Pelotas (RS):

À partir do dia 5 de julho de 1972 foi iniciado este diário, que se segue aos 25 anos de idade. Os 25 verões que já passei já ficaram tão distante, mas ainda me lembro dos principais fatos: à iniciar por minha infância por volta do 20 mês de agosto do ano de 1953 pela primeira vez suporrei uma fratura quando fraturei a perna brincando de bonde numas conjuntas que meu pai estendia: foi um choque com meu irmão Cleber caímos e não levantei: pela 1ª vez era transportado para um hospital, por meu pai, fui internado na Beneficiencia Portuguesa, sendo minha madrinha tia Amália que me cuidou no hospital; Tirando uns 5 dias baixado voltei para casa com a perna injeçada ficando quase um mês sem poder caminhar, depois de desengaçada a perna voltei a vida normal. [...].



Diário
de
Aldo Kohls Schmidt

A partir do dia 5 de julho de 1972 foi iniciado este diário, que se segue a os meus 25 anos de idade: Os 25 verões que já passei já ficaram tão distante mas ainda me lembro dos principais fatos: à iniciar por minha infância por volta do 20 mes de agosto do ano de 1953 pela primeira vez suporrei uma fratura quando fraturei a perna brincando de bonde numas conjuntas que meu pai estendia: foi um choque com meu irmão Cleber caímos e não levantei: pela 1ª vez era transportado para um hospital, por meu pai, fui internado na Beneficiencia Portuguesa, sendo minha madrinha tia Amália que me cuidou no hospital; Tirando uns 5 dias baixado voltei para casa com a perna injeçada ficando quase um mês sem poder caminhar, depois de desengaçada a perna voltei a vida normal.

Figura 29: Início das escrita
Aldo em 1972.

Atualmente mora com a esposa e os dois filhos na Colônia Santo Antônio, 7º distrito de Pelotas (RS). Ocupa-se com a plantação de vassouras, milho, frutas (pêssego/laranja) e com produção de leite. Sua casa localiza-se num terreno alto, sendo avistada da estrada principal antes da chegada. Ao lado direito do caminho de chegada, é avistada uma chácara de laranjeiras e ao fundo da casa podemos ver os galpões. Em fevereiro de 2007, data da entrevista, Aldo preparava a secagem das vassouras, o que é possível observar na figura abaixo. Esse vegetal, depois de seco, serve para a fabricação de vassouras, justificativa do próprio nome.



Figura 30: Casa de Aldo Schmidt – Colônia Santo Antônio (Pelotas/RS).

Na entrevista realizada com Aldo, ele revelou o que sente em relação aos diários com uma simples frase: “aqui está toda a minha vida”, deixando sobre a mesa os onze cadernos escritos. Ao dizer isso, Aldo atribui um sentido para sua prática de escrita: deixar a sua vida por escrito. Aldo institui um significado para a

“escrita de si” e jamais delega essa tarefa para a esposa ou para os filhos, por exemplo. Para ele, o diário é um “ato biográfico”, pois dá um significado especial para algo que está diretamente relacionado à sua vida: a prática da escrita. Assim como o trabalho com a terra é importante, porque dela retira seu sustento, a escrita, para Aldo, também é o que “sustenta” a “produção de si”.

O começo da escrita compõe-se de algumas páginas rememorando sua infância e os principais fatos de sua vida até a idade dos vinte e cinco anos, em julho de 1972. Desta forma, Aldo narra a sua vida até, como ele próprio diz, os seus “25 verões”. Com isso, toma “distância de si mesmo” para enxergar-se, produzir-se enquanto sujeito que pertence ao mundo rural. Escreve com as mãos calejadas pelo arado, pela enxada que cava a terra, assim como a caneta marca sua escrita no diário. Escreve para trazer o passado vivido para o presente.

Traz recordações do tempo da infância, do primeiro dia de aula – “no dia 5 de março de 1955 pela primeira vez me arrumava para ir para a aula”; as notas escolares com precisão; a Copa do Mundo de 1962 no Chile – “quando Brasil foi bi-campeão”; o primeiro baile – “no dia 8 do mês de maio de 1966 fui ao 1º baile no Salão Bosembecker”; o ingresso no quartel e os colegas de pelotão deste período; seus deslocamentos para outras cidades; seus treinamentos; suas pretendentes; a primeira carta de amor; a primeira visita na casa da namorada Nair Belletti – “pela 1ª vez chegava a sua residência para lhe visitar”; a sua eleição como membro de uma comunidade religiosa.

Com sua narrativa, Aldo realiza um olhar sobre si (SOUZA, 2006, p.102) através do tempo, recordando para revelar-se. Nas palavras de Souza:

A arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar às experiências. O tempo é memória, o tempo instala-se nas vivências circunscritas em momentos; o tempo é o situar-se no passado e no presente.

No caso dos diários, o domínio do tempo é um fator importante, pois a escrita de si deseja reter o tempo constituindo o lugar da memória. O tempo é o vínculo entre a memória e o que foi vivido.

O agricultor faz um registro consciente da sua vida e, por isso, a denominação de escritas ordinárias, pois se o seu objetivo fosse a consagração da sua obra, lhe seria pertinente escrever a autobiografia da sua vida ou, ainda, um livro de memórias.

Para Aldo, a escrita era/é uma necessidade “bem intencionada”, conforme Artières (1998): “o arquivamento do eu ou a intenção autobiográfica”. Poderíamos acrescentar que esses aspectos fazem parte do processo de construção da subjetividade do sujeito através de sua escrita, ou seja, o processo de arquivar a própria vida acaba por produzir a própria identidade. Por isso que sua narrativa ganha significado, pois tem na experiência sua base existencial (SOUZA, 2006). Aldo cultiva a lavoura e “cultiva” também seus diários e, assim, as escritas ganham sentido em sua vida: a de constitui-ser como sujeito.

Seus três primeiros diários são encapados com papel colorido e com um plástico, dando um aspecto de cuidado; as linhas são preenchidas, dia-a-dia, sem espaçamentos, mas com uma caligrafia bem legível. Isso nos faz perceber seu gosto e zelo pelos diários. Na entrevista, observa-se um fato interessante em relação às suas explicações para as escritas dos diários:

Eu sou um meio esquecido, bastante, esquecido não, relaxado. Porque eu anoto ali, eu sei que tá anotado e aquilo não me fica na cabeça né, então se alguém me pergunta alguma coisa, ah, tem que olhar [...] tu relaxa a mente. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

A escrita de Aldo permite uma forma de memória: escreve no diário e “relaxa” a mente, visto que, quando houver necessidade, ele sabe que terá acesso para visitar o passado. Pensando a escrita enquanto estratégia de memória, Aldo deixa claro, além de outras funções, é, também, uma estratégia de lembrança. Nas escritas do agricultor, ao folhear a página do diário, o dia que ficou ali registrado é imediatamente recuperado através do papel: detalhes do tempo, de acontecimentos mais importantes, como foi exatamente aquele dia. Tudo é visualizado em questão de instantes:

Às vezes eu pego um caderno desses aí, e eu leio aí, tal dia tal, o que foi feito eu me lembro, como se eu tivesse feito ontem! Então

um dos fatores que me levou a fazer isso aí é: o passado trazendo o presente de novo. (Aldo Schmidt, 2007).

A possibilidade de ter “o passado presente de novo” é o sentido primeiro da escrita para Aldo. Ele não escreve simplesmente para “lembrar fatos”, acompanhar e controlar o trabalho, mas, sobretudo, para produzir sua identidade, deixar sua vida por escrito, narrar sua existência, estruturar um olhar sobre si, revelar-se (SOUZA, 2006).

É importante enfatizar que Aldo registra seus “25 verões” e 32 anos de vida nos seus diários sem deixar a escrita sequer por um dia, para além disso, a contabilidade da casa também é “controlada” através de registros. Sua renda, “entradas e saídas” também são registradas em cadernos separados dos diários, desde o ano de 1976. Mais uma vez, se confirma que os sentidos da escrita de diários para Aldo não é apenas o seu trabalho, pois, se fosse, apenas o caderno de contabilidade bastaria para o controle de suas atividades.

Aldo justifica o começo de suas anotações referentes à contabilidade da casa:

No tempo de solteiro, isso não, o negócio do financeiro não entrava, agora, depois que eu comecei a trabalhar por minha conta, eu tenho anotado tim tim por tim tim, se é com higiene, se é com saúde, se é com veneno, se é com diversão, despesa, e a entrada também com que que foi. (Aldo Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

| 1976 | | RENTA | | 1978 | | 1978 | |
|-------|----------|-------|----------|------|---------|-------|-------|
| DIA | TOTAL | DIA | TOTAL | DIA | TOTAL | DIA | TOTAL |
| 28-5 | 1.000,00 | 28-3 | 14,- | 1978 | 1978 | 1978 | 1978 |
| 11-6 | 2200,00 | 30-3 | 480,- | 1-1 | 350,- | 25-7 | 100,- |
| 12-6 | 2200,00 | 7-4 | 360,- | 3-1 | 100,- | 30-7 | 79,- |
| 1-7 | 1000,00 | 9-4 | 31,- | 15-1 | 83,- | 2-7 | 384,- |
| 22-8 | 400,00 | 13-4 | 213,- | 18-1 | 553,- | 13-8 | 176,- |
| 8-9 | 320,00 | 16-4 | 11,- | 26-1 | 12,- | 16-8 | 25,- |
| 3-10 | 12,- | 10-5 | 224,- | 29-1 | 50,- | 21-8 | 50,- |
| 9-10 | 18,- | 11-5 | 145,- | 1-2 | 1.270,- | 27-8 | 99,- |
| 17-10 | 18,- | 21-5 | 430,- | 11-2 | 246,- | 30-8 | 400,- |
| 24-10 | 16,- | 22-5 | 8.557,- | 12-2 | 945,- | 10-9 | 135,- |
| 31-10 | 20,00 | 25-5 | 190,- | 16-2 | 101,- | 17-9 | 104,- |
| 7-11 | 15,- | 29- | 16,- | 1-3 | 1020,- | 24-9 | 85,- |
| 14-11 | 16,- | 6-6 | 16 | 3-3 | 120,- | 8-10 | 96,- |
| 21-11 | 19,00 | 8-6 | 226 | 10-3 | 200,- | 15-10 | 92,- |
| 28-11 | 16,00 | 12-6 | 855 | 12-3 | 55,- | 17-10 | 100,- |
| 4-12 | 12,00 | 16-6 | 60,- | 14-3 | 15,- | 29-10 | 100,- |
| 11-12 | 14,- | 25-6 | 34,- | 25-3 | 3.000 | 7-11 | 50,- |
| 19-12 | 14,- | 29-6 | 513,- | 29-3 | 950,- | 8-11 | 42,- |
| 22-12 | 3.440,00 | 9-7 | 34,- | 12-4 | 3750 | 12-11 | 100,- |
| 1976 | 9.751,00 | 24-7 | 37,- | 23-4 | 36,- | 14-11 | 18,- |
| | | 6-8 | 32,- | 1-5 | 170,- | 26-11 | 108,- |
| 1977 | | 20-8 | 32 | 2-5 | 3.994,- | 28-11 | 18,- |
| 2-1 | 40,00 | 24-8 | 616,- | 10-5 | 4.000,- | 1-12 | 125,- |
| 8-1 | 694,00 | 5-9 | 34,- | 17-5 | 4.000 | 18-12 | 100 |
| 16-1 | 35,00 | 18-9 | 68,- | 21-5 | 44 | 12-12 | 120 |
| 23-1 | 16,- | 2-10 | 69 | 1-11 | 1.460,- | 14-12 | 60 |
| 30-1 | 14,- | 15-10 | 194 | 24-5 | 307,- | 17-12 | 30 |
| 5-2 | 30,- | 30-10 | 96 | 26-5 | 7.722,- | 21-12 | 28 |
| 12-2 | 13,- | 13-11 | 81,5 | 31-5 | 58,- | | 2821 |
| 16-2 | 280,- | 21-11 | 120,00 | 15-6 | 60,- | | |
| 19-2 | 40,- | 26-11 | 98,5 | 26-6 | 38 | | |
| 27-2 | 13,- | 29-11 | 4.731,00 | 28-6 | 70,- | | |
| 2-3 | 375,- | 30-11 | 120,00 | 1-7 | 45,- | | |
| 5-3 | 10,- | 11-12 | 66,00 | 2-7 | 86,- | | |
| 12-3 | 1703,- | 15-12 | 4.500,- | 7-7 | 200,- | | |
| 14-3 | 1540,- | 21-12 | 143,- | 8-7 | 1.000,- | | |
| 19-3 | 15,- | 24-12 | 94 | 10-7 | 70,- | | |
| 21-3 | 523,- | 27-12 | 100,- | 16-7 | 121,- | | |
| | 5341,- | | 238420 | | 311545 | | |

Figura 31: Caderno de contabilidade - Aldo Schmidt / 1976.

| 1976 | | DISPESA | | | | 1977 | |
|-------|---------|---------|---------|------|---------|-------|----------|
| DIA | TOTAL | DIA | TOTAL | DIA | TOTAL | DIA | TOTAL |
| 1976 | | 1976 | | 1977 | | 1977 | |
| 29-5 | 180,- | 25-11 | 320,- | 12-3 | 20,- | 24-7 | 24,- |
| 31-5 | 33,- | 27-11 | 5,- | 14-3 | 650,- | 6-8 | 39,- |
| 1-6 | 39,- | 28-11 | 6,- | 19-3 | 21,- | 8-8 | 26,- |
| 7-6 | 65,- | 4-12 | 16,- | 21-3 | 170,- | 11-8 | 34340 |
| 12-6 | 28,- | 9-12 | 12,- | 23-3 | 332,- | 12-8 | 3500- |
| 15-6 | 2029,- | 10-12 | 12,- | 28-3 | 25,- | 14-8 | 95 |
| 16-6 | 5,- | 11-12 | 4,- | 30-3 | 90,- | 15-8 | 32 |
| 18-6 | 13,- | 19-12 | 5,- | 4-4 | 7,- | 20-8 | 111 |
| 23-6 | 25,- | 30-12 | 1353,- | 6-4 | 115,- | 22-8 | 16,- |
| 26-6 | 5,- | | 1733,- | 9-4 | 16 | 26-8 | 45 |
| 28-6 | 700,- | | 5142,- | 16-4 | 4,00 | 27-8 | 50,- |
| 4-7 | 13,- | 1976 | 6.880,- | 18-4 | 290,- | 31-8 | 228,- |
| 8-7 | 128,- | | | 19-4 | 10,- | 3-9 | 228,- |
| 14-7 | 31,- | 1977 | | 2-5 | 682,- | 5-9 | 134,- |
| 16-7 | 105,- | | | 7-5 | 7,- | 9-9 | 55,- |
| 27-7 | 100,- | 2-1 | 71,- | 12-5 | 509,- | 16-9 | 71,0 |
| 29-7 | 17,- | 3-1 | 20,- | 11-5 | 146,- | 18-9 | 18,- |
| 14-8 | 51,- | 4-1 | 50,- | 21-5 | 29,- | 24-9 | 16,50 |
| 25-8 | 8,- | 5-1 | 100,- | 22-5 | 1.755,0 | 2-10 | 33,- |
| 26-8 | 640,- | 6-1 | 20,- | 25-5 | 7,0 | 3-10 | 122,- |
| 28-8 | 75,- | 8-1 | 572,- | 29-5 | 35,- | 6-10 | 7,5 |
| 29-8 | 86,- | 10-1 | 30,- | 31-5 | 38,- | 7-10 | 25,0 |
| 9-9 | 327,- | 11-1 | 36,- | 6-6 | 130,- | 10-10 | 199,- |
| 2-9 | 9,- | 23-1 | 12,- | 8-6 | 26 | 15-10 | 19,- |
| 24-9 | 28,- | 28-1 | 64,- | 12-6 | 347,50 | 17-10 | 276 |
| 3-10 | 11,0 | 30-1 | 4,- | 11-6 | 35- | 19-10 | 7,5 |
| 9-10 | 18,- | 4-2 | 1088,- | 12-6 | 12- | 28-10 | 27,5 |
| 11-10 | 24,- | 4-2 | 90,- | 16-6 | 708,50 | 30-10 | 1020 |
| 17-10 | 9,- | 12-2 | 31,- | 20-6 | 372,0 | 31-10 | 130 |
| 19-10 | 15,- | 13-2 | 13,00 | 21-6 | 28,0 | 1-11 | 25,5 |
| 24-10 | 56,- | 20-2 | 16,00 | 24-6 | 195,- | 13-11 | 16,5 |
| 18-10 | 168,- | 21-2 | | 25-6 | 58 | 21-11 | 15,0 |
| 3-10 | 13,- | 25-2 | 305,00 | 28-6 | 100,- | 22-11 | 290, |
| 7-11 | 11,- | 26-2 | | 27-6 | 26,- | 25-11 | 380,0 |
| 19-11 | 40,- | 27-2 | 13,0 | 2-7 | 20,- | 26-11 | 21,0 |
| 14-11 | 32,- | 2-3 | 113,- | 6-7 | 7,50 | 4-12 | 15,- |
| 21-11 | 10,- | 5-3 | 26,- | 9-7 | 28- | 8-12 | 51,- |
| | 5.147,0 | 6-3 | 119,- | | 7.059,5 | | 11.491,0 |
| | | | 2.783 | | | | |

Figura 32: Caderno de contabilidade - Aldo Schmidt / 1976.

Os cadernos de contabilidade da casa, com o controle dos lucros e despesas, não serão abordados em profundidade nesse estudo. São apresentados para, mais uma vez, confirmar que os registros de Aldo têm características diferenciadas: nada escapa de suas escritas, nem ao menos os gastos com higiene, tudo é minuciosamente registrado. Desta forma, ele deixa muito mais que um legado para sua família, deixa uma *herança*. Enoir, seu filho mais velho, confirmou no dia da entrevista, em 08/02/2007, que também começou a escrita de diários, segundo ele, de uma maneira bem mais simples que a do pai, fato que merece atenção para uma futura análise.

3.2. O casamento de Aldo e a continuidade dos diários (1976)

As 10h saímos do cartório casados passando a partir desta hora a fazer parte de minha vida e entrando no nosso diário. (Aldo Schmidt, Diário nº 2/ 1976).

Acompanhar a vida de Aldo através de seu diário proporcionou um grande “deslumbramento”, afetivo e emocional. Através da leitura atenta dos cadernos, percebe-se a história da família, desde o namoro, o noivado, o casamento, a constituição da nova família, o nascimento dos filhos. Em 29/05/1976, há o registro do dia do casamento de Aldo:

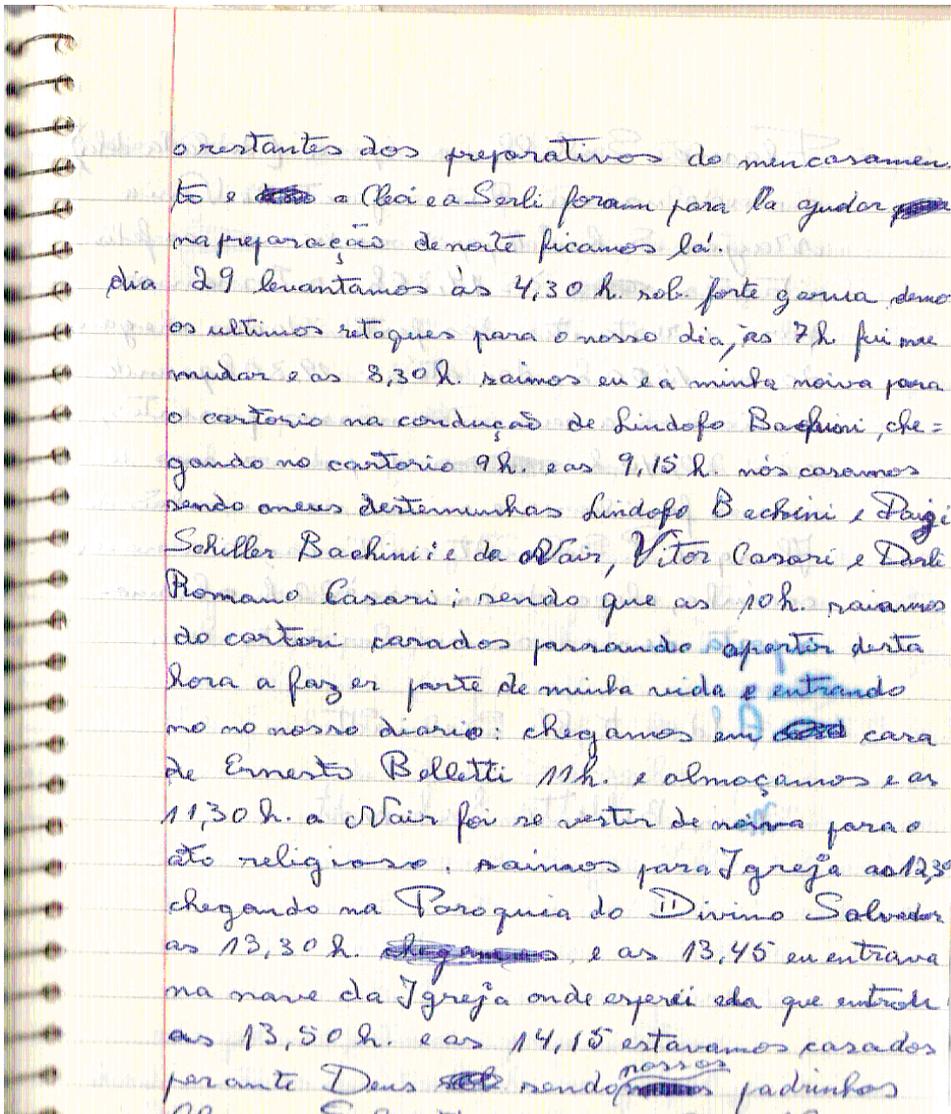
Dia 29 levantamos às 4,30 h. sob forte garua, demos os últimos retoques para o nosso dia, às 7h fui me mudar e as 8,30 h. saímos eu e a minha noiva para o cartório na condução de Lindolfo Bachini, chegando no cartório 9h. e as 9.15h. nós nos casamos sendo os meus testemunhos Lindolfo Bachini e Daizi Schiller Bachini: e da Nair, Vitor Casari e Darli Romano Casari; sendo que as 10h. saímos do cartório casados passando a partir desta hora a fazer parte de minha vida e entrando no nosso diário: chegamos em casa de Ernesto Belleti 11h. e almoçamos e as 11,30h. a Nair foi se vestir de noiva para o ato religioso, saímos para a Igreja as 12:30h. chegando na paróquia Divino Salvador as 13.30h. e as 13,45 eu entrava na nave da Igreja onde esperei ela que entrou as 13,50h. e as 14,15 estávamos casados perante Deus sendo nossos padrinhos Clovis Schmidt e esposa, Elmar Veiga e esposa (do meu lado) e José Melo e esposa e Flavio Schiller e esposa (do lado dela) e sendo a nossa aia a garotinha

Vânia Mayer Schmidt, após recebermos as felicitações às 14,30h. retornamos para o restante das festividades chegando às 15,00h. daí até as 19,30h. quando iniciamos a reunir os nossos presentes, e as 20,45h. despedimos-nos de nossos familiares e saímos no caminhão de Henrique P. Schmidt em direção a nossa casinha, chegando em casa às 22h. abrimos a porta de nosso lar nesta hora.

Aldo Kohls Schmidt

Nair Belletti Schmidt

(Aldo Schmidt, Diário nº 2, maio de 1976).



o restante dos preparativos do casamento
to e ~~de~~ a Obai e Serli foram para ajudar
na preparação de noite ficamos lá.
dia 29 levantamos às 4,30 h. sob forte garoa de
os últimos retoques para o nosso dia, às 7h fui me
mudar e as 8,30 h. saímos eu e a minha noiva para
o cantório na condução de Lindolfo Bachioni, che-
gando no cantório 9h. e as 9,15 h. nós casamos
sendo meus testemunhas Lindolfo Bachini e Paigi
Schiller Bachini e da Obair, Vitor Casari e Dark
Romano Casari; sendo que as 10h. saímos
do cantório casados passando a partir desta
hora a fazer parte de minha vida e entrando
no meu diário: chegamos em casa
de Ernesto Belletti 11h. e almoçamos e as
11,30 h. a Obair foi se vestir de noiva para o
ato religioso. saímos para Igreja as 12,30
chegando na Paróquia do Divino Salvador
as 13,30 h. ~~chegamos~~ e as 13,45 eu entrava
na nave da Igreja onde esperei ela que entrou
as 13,50 h. e as 14,15 estávamos casados
perante Deus ~~sendo~~ ^{nossos} padrinhos

Figura 33: Escrita do dia do casamento no diário de Aldo – Diário nº 2, 29/05/1976.

Flavio Schiller e esposa (do lado dela)
e sendo noiva a garotinha Vania
Mayer Schmidt, após recebermos as felicita-
ções ~~às~~ às 14,30h. retornamos
para o restaurante das festividades chegan-
do às 15,00h. daí até as 19,30h quando
iniciamos a reunir os nossos presentes,
e às 20,45h. ~~despedimos~~ despedimos
nossos familiares e amigos no caminho de
Henrique T. Schmidt em direção a nosso
carinho, chegando em casa às 22h. abrimos
a porta de nosso novo lar nesta hora
~~Aldo~~ Aldo Kahl Schmidt
Nair Belletti Schmidt

Figura 34: Escrita do dia do casamento no diário de Aldo – Diário nº 2, 29/05/1976.

Nair Belletti “entra na vida” e, portanto, no diário de Aldo. Além disso, a esposa assina, de próprio punho, o diário nesse dia, demonstrando a importância desse registro na vida de Aldo.

A esposa não se torna (co)autora dos diários, pois ele continua escrevendo na primeira pessoa. Contudo, a assinatura no diário no dia do casamento pode ter significado, de alguma forma, o esforço de Aldo no sentido de obter a “permissão” da esposa para continuar a escrever, já que essa não era uma prática dela, o que poderia, talvez, causar um “estranhamento” para ela. Com o ato, o autor pode ter buscado legitimidade da esposa para a prática da

escrita, afinal era/é uma atividade que realiza todas as noites, depois da lida diária na lavoura, antes de deitar-se.

Ao que tudo indica, nesse caso, o casamento fortaleceu o diário, ao contrário de exemplos de diários íntimos femininos que, geralmente, são queimados antes do casamento como forma de “apagar o passado”, “esconder” do marido as “letras em confiança”. Nas palavras de Perrot (2005), referindo-se às escritas femininas, “o casamento sempre mata o diário”. Para Aldo, contudo, o casamento solidifica a escrita na nova família.

O conteúdo dos diários, conforme percebemos através da análise, não foi alterado, mas é importante observar que, após o casamento, Aldo passou a realizar os registros na sua nova casa, o que implica em outros espaços, compromissos e novos sujeitos. Antes era um diário de Aldo enquanto solteiro, depois do casamento seu diário passa a ter registros de outras pessoas e de outros espaços.

Um fato bastante interessante referente à escrita de Aldo é o de ser uma prática continuada: o irmão costumava escrever, as irmãs solteiras, que continuam na casa do pai, atualmente escrevem seus diários, mas só Aldo escreve ininterruptamente. Ele casou e incluiu a esposa nos diários, e agora os filhos também escrevem seus diários. O fato é que a prática de escrita é, de certa forma, uma *herança cultural* da família Schmidt.

Depois do casamento, os relatos escritos nos diários de Aldo ficam cada vez mais detalhados, nos mais diferentes aspectos: a esposa, os filhos, o lazer, o trabalho. O fato é que, ao “entrar” no cotidiano da vida de uma pessoa, encontramos fatos que aparecem imbricados e de difícil separação, o privado, por ora, parece misturar-se com o íntimo. Ou seja, fatos da vida familiar e coletiva da família misturam-se com os sentimentos. Nesse caso, conforme afirma Foisil (1991, p.331), é preciso saber ler nas entrelinhas do escrito:

Não é fácil penetrar na vida privada nem na vida íntima situada no interior da vida cotidiana, ou porque se confundem com a vida pública, ou porque, ao contrário, se escondem atrás do próprio pudor em revelá-las. Pesquisá-las em memórias, diários e livros de *raison* visa não a construir, a partir de incidentes e fatos curiosos, uma vida privada contida no relato – muitas vezes

brilhante – de numerosas vidas cotidianas, e sim a entender como as mentalidades a percebem.

Na análise dos diários de Aldo, especialmente depois de seu casamento em 1976, é recorrente a escrita sobre a esposa, os filhos e alguns acontecimentos marcantes na vida deles, bem como fatos ligados ao trabalho rural. O cotidiano da vida e os aspectos sentimentais, embora às vezes implícitos, são recorrentes nos registros diários. Passo a seguir a observar os registros no que se referem à esposa e aos filhos, ou seja, o cerne da vida privada e íntima de Aldo Schmidt.

3.2.1. NAIR: a protagonista dos diários

Uma história sem as mulheres parece impossível. (PERROT, 2007).

Conforme já foi dito ao longo do texto, através da escrita conseguimos acompanhar desde o namoro ao noivado, até o casamento de Aldo Schmidt. Embora suas escritas em relação à namorada, noiva e depois esposa sejam breves e sucintas, os detalhes enriquecem os relatos. Sobre isso, Foisil (1991, p.349) escreve que:

Não faltam anotações sobre a presença e a vida da esposa, mas são sempre breves e elementares, apenas a revelam: nada informam sobre sua aparência, o tipo de entendimento existente com ela, os conflitos, seu comportamento como mãe.

Nos diários, Aldo, todos os dias, faz referência a sua esposa. A história de Nair também fica registrada lado a lado com a de Aldo. A história de Nair é a história de mulher rural que trabalha na enxada ao lado do marido, uma mulher que roça, capina, se ocupa de tarefas domésticas.

Dia 15 eu todo dia capinei soja de inchada e a Nair fez geléia de pêssego, e o Nilo trouxe a madeira. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, janeiro de 1983).

Dia 12 até as 4h capinamos milho na roça nova depois capinamos soja lá no Albino. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, janeiro de 1977).

Nair está “ao lado” de Aldo no diário. Isso se confirmou através da sua participação no dia da entrevista. Nair não escreve, mas dá apoio às escritas e sabe “justificar” as escritas do marido tanto quanto ele; é Aldo, entretanto, o responsável pelo “arquivamento” da história familiar:

De 76, do dia 29 de maio de 1976, foi quando nós casamos, né, aí entrou... aí entrou eu, né, aí era mais da família, eu e ele, antes era mais da família dele lá [família do pai]. (Nair Belletti Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Nair tem consciência de que a escrita é, também, a história da família. No dia da entrevista (08/02/2007), quando perguntada sobre o sentido das escritas diárias, ela revela sua visão sobre esses registros:

Pra nós, pra esses aqui [os filhos], meus netos ou bisnetos. Eu gosto muito de resgatar a coisa passada, eu gosto muito disso. Coisa que eu gosto é ver uma foto antiga, uma coisa antiga, eu gosto muito, não sei se os outros gostam, né. Pra mim é uma coisa até muito importante, eu tenho só até a 4ª série meu estudo foi só até a 4ª série, mas pra mim, né [é importante]... (Nair Belletti Schmidt, entrevista, 08/02/2007).

Assim como Aldo, ela revela a importância de trazer o “passado no presente”. Nair, embora, não realize a escrita, acredita que o ato de escrever sobre a vida permite o registro e a memória da história da família, que o diário manterá viva entre as gerações dos filhos e netos. Segundo Gomes (2004, p.12), “uma idéia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros”.

A “guarda da memória” realizada por Aldo aparece várias vezes, conforme se percebe no dia do casamento, no dia do noivado, e em inúmeras vezes ao longo das escritas:

Dia 1º; dia que pela 1ª vez colocava uma aliança em sinal de meu noivado com Nair Belletti: e os outros foram a dança no Joaquim Mayer e o Cleber voou para Canguçu. (Aldo Schmidt, Diário nº 1, janeiro 1973).

Aldo é atento a todos os fatos que acontecem pela primeira vez, como se fosse um rito de passagem no seu “arquivamento”: a 1ª visita na casa de Nair, a 1ª vez que colocava a aliança, a 1ª vez que vestiu a camiseta de seu time, a 1ª vez que pegou o filho nos braços, por exemplo. Sua maneira de dizer/escrever é uma maneira simbólica e de valor, como forma de referir a importância que o fato teve em sua vida pessoal. Os ritos do nascimento dos filhos, batizados, casamento, por exemplo, demonstram isso. Nos registros de Aldo, a 1ª vez é abordada como um “rito de passagem”.

Observamos isso com maior frequência, depois que Nair “entra” no diário:

Dia 1º de manhã eu fui ao Monte Bonito²⁶ na casa de Paulo Schaglhoni para arrumar negocio para uma junta de boi da Nair e de volta passei pela casa do Sogro velho de tarde trabalhei no galpão junto com o Clenderci e o Cledinei; e a Nair todo dia capinou a cebolinha e terminou; ao meio dia pela 1ª vez demos uma passiada na lavoura que nos pertencem para cultivar. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, junho 1976).

De certa forma, o casamento foi um rito de passagem para Aldo, pois o primeiro passeio na sua lavoura é algo que marca: terá que cuidar o que, agora, é seu e de sua esposa. Encontramos mais uma escrita semelhante, dessa vez, os detalhes estão voltados para o primeiro passeio com a esposa depois do casamento:

Dia 13 domingo de manhã biscateamos eu fui lá no Clóvis orientar ele na construção do chaminé, e de tarde fomos passear pela primeira vês depois de casados fomos lá no tio Francisco e na volta chegamos no Paulo. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, junho de 1976).

Para Bahia (2000), os ritos de passagem marcam os momentos críticos no ciclo de desenvolvimento e, também, a transformação do indivíduo, o que se observa para o caso de Aldo. A 1ª vez é fruto de uma transformação na sua vida: o primeiro passeio com a esposa nas suas lavouras, o primeiro passeio na casa

²⁶ Localidade da zona rural do município de Pelotas.

de parentes, entre outros. Tudo depois de uma transformação maior que veio com o casamento, um rito de passagem na vida de Aldo e de Nair.

Com o tempo, Nair, a mulher que nunca deixou de estar ao lado de Aldo nos acontecimentos do dia, muda de “lugar” nos registros, passando a ser chamada de “mãe”:

Dia 19 de manhã eu rachei lenha de cipreste e a mãe roçou nas peras do viveiro de tarde fizemos um tratamento de veneno nos Precocinhos e nos Aldrigues²⁷. (Aldo Schmidt, Diário nº 7, maio de 1995).

Dia 8 eu fui a Pelotas de carro levar o Vô Schmidt a mãe de manhã foi no dentista na Vila²⁸ e de tarde capinou vassoura. (Aldo Schmidt, Diário nº 9, novembro de 2000).

Dia 27 até (geada) as 9h eu e o Enoir derrubamos um eucalipto para uma linha no galpão a mãe podou as roseiras, e depois quebramos milho na costa. (Aldo Schmidt, Diário nº 7, junho de 1997).

A partir desses traços específicos da escrita de Aldo, ao folhear os diários, pôde-se ver uma escrita masculina viva de memória, história, sentimentos e “rituais”, como forma de justificar o tempo passado (ARTIÈRES, 1998) trazendo-o no presente, conforme Nair e Aldo afirmam em seus relatos.

3.2.2. FILHOS: herdeiros de Aldo e Nair

Os filhos são nomeados nos diários de Aldo desde o nascimento, inclusive no que diz respeito aos sentimentos entre pai e filho. Hoje, os dois filhos de Aldo, Enoir e Mateus, moram com o pai e trabalham no cultivo da terra. Concluíram o Ensino Médio em uma escola da zona rural. Atualmente Mateus está prestando o serviço militar.

O dia do nascimento do filho mais velho, Enoir, em maio de 1981, destaca-se com mais de uma folha de escritas no diário. Observamos um pouco da riqueza desse relato:

²⁷ Nomes dados a variedade de pêssegos.

²⁸ Localidade da zona rural de Pelotas, chamada de Vila Nova, onde há um pequeno centro com posto de gasolina, igreja, comércios, etc.

Dia 11 as 0,30h a Nair sentiu-se em movimento para o parto, aguardamos uns minutos para ter certeza, quando sai a procura do carro do Zildo Torres que chegou aqui 2,15h. e saímos para Pelotas as 2,45h e chegamos no Pronto Socorro da Stª casa as 3,45 e em seguida subi para a Enfermaria Rural e ali ficando até as 10h quando foi levada para o Bloco Cirúrgico para se submeter há uma intervenção Cesariana, e as 10,5 deu entrada na sala da operação e as 10,30h deu a luz ao nosso filho **ENOIR** (que a partir desta hora passa a ser nosso 1º erdeiro) às 11h foi levado para o 1º banho e colocado no berçário, às 11.20h, lá Nair entrou em recuperação saindo para a Enfermaria as 2,30h da tarde e as 5,15h pela primeira vez tomava o nosso filhinho nos braços e levei do berçário, até a Enfermaria para a Nair ver nosso pequeno Enoir esta hora o nosso primeiro, nós os três juntinhos e as 5,30 levei o Enoir de volta para o berçário porque a Nair encontrava-se com o soro no braço, sendo retirado as 4h do dia 12, e o Enoir só as 8h que iniciou sua vivencia com a mamãe. Eu às 5,35 tomava o ônibus de volta para casa onde o Rudis e a Marica tinham arrumado os animais. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, maio, 1981).

(O Gallego e a Nair tiveram aqui nos vizinhos
Dia 11. as 0,30h a Nair sentiu-se em
movimento para o parto, aguardamos uns
minutos para ter certeza, quando sai a
procura do carro do Zildo Torres que
chegou aqui 2,15h. e saímos para Pelotas
as 2,45h. e chegamos no Pronto Socorro
da Stª Casa as 3,45 e em seguida subi
para Enfermaria Rural e ali ficando até as
10h quando foi levada para o Bloco Ci-
rúrgico para se submeter há uma interven-
ção Cesariana, e as 10,5 deu entrada
na sala de operação e as 10,30h deu
a luz ao nosso filho ENOIR (que a partir
desta hora passa a ser nosso 1º erdeiro) às
11h foi levado para o 1º banho e colocado no
berçário, às 11,20h a Nair entrou em recu-
peração saindo para Enfermaria as 2,30h
da tarde e as 5,15h pela primeira
vez tomava o nosso filhinho nos braços

Figura 35: Excerto do Diário nº 3 - Aldo Schmidt / maio, 1981.

Esse exemplo nos mostra como o nascimento do filho “aflorou” em Aldo uma escrita carregada de sentimentos: o sentimento de ser pai e de tomar o “filhinho” nos braços, o primeiro banho, suas preocupações com a viagem de Nair até o hospital, a partilha da emoção do “primeiro herdeiro” com Nair... A escrita do dia 11 de maio de 1981 é rica de detalhes, contado em horas e minutos o sentimento de ser pai. Uma escrita que deixa transparecer o “coração” de Aldo, o sentimento e a emoção de ser pai.

Que tipo de homem, em uma sociedade patriarcal, se permite tal registro, levado de emoção e felicidade? Um homem como Aldo, agricultor, de baixa escolaridade, nascido e crescido na zona rural. Um homem sensível, emotivo e atento aos acontecimentos importantes da vida, como o nascimento dos filhos. Um homem que deixa registrado por escrito um dos acontecimentos mais intensos da vida e vivos da condição humana: o de ser pai.

No que diz respeito a registros sobre crianças, Foisil (1991) apresenta como exemplo as escrituras privadas no final dos séculos XVII e durante o XVIII, nas quais são raros os relatos sobre crianças e, quando aparecem, são breves:

As preocupações materiais com a criança nos primeiros anos de vida resumem-se essencialmente às despesas com nutriz, e, chegada a época da educação escolar, com coleio e pensão. Mas nada se diz sobre a graça ou a turbulência da criança, sobre seus progressos físicos, seus traços de caráter. Não há discurso afetivo.

Isso nos mostra que as escritas de Aldo sobre os filhos aparecem de um modo contrário ao que era comum nos séculos passados. Nos diários de Aldo há o sentimento de afetividade em relação aos filhos, principalmente no período da infância. Nos primeiros anos do filho, há registros sobre benzeduras, visitas dos familiares para conhecer o filho, batizado, primeiros passeios, entre outros. Observa-se algumas dessas escritas:

Dia 27 todo dia mudamos cebola no cerro, a Nair levou o Enoir, pela 1ª vez, para a lavoura, nos ajudaram o Nery, o Beto, a Vera, a Leia e a Maria Helena. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, julho de 1981).

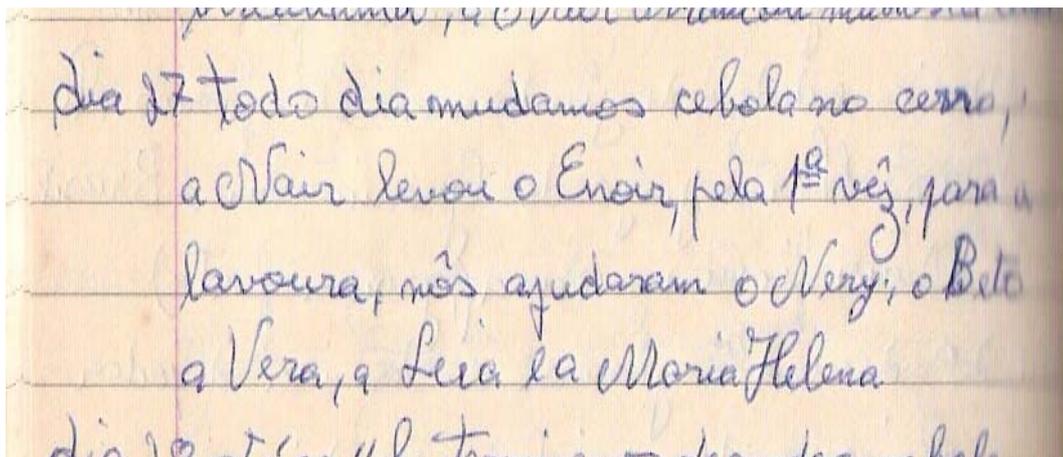


Figura 36: Excerto do Diário nº 3 – Aldo Schmidt / julho de 1981.

Passados dois meses Enoir vai à lavoura. Aldo registra esse fato em seu diário com extrema importância: o herdeiro da prática da escrita é, também, o herdeiro do trabalho e do bem maior – a lavoura. Além disso, a 1ª vez aparece novamente como o “rito que marca”, não só quando vai à lavoura, mas quando sai a passeio:

Dia 2 domingo de manhã dei umas volta para procurar uma vaca para comprar e na volta passei nos Pegoraros e olhei a pedra para o alicerce da casa, e de tarde fomos ao Culto na S. Paulo, sendo a 1ª vez que saímos com o Enoir a passeio. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, agosto de 1981).

Dia 28 (geadão) domingo de manhã eu biscatiei e levei as quitandas, a Nair fez limpeza em casa de tarde eu e o Enoir fizemos uma pandorga e levantamos ela ao vento e depois das 2h fomos lá no Vô Schmidt. (Aldo Schmidt, Diário nº 5, agosto de 1988).

De uma forma autêntica, Aldo produz a escrita do dia carregado de emoção. Isso fica evidente no relato do primeiro passeio com o filho, a primeira vez que levam a criança na lavoura, a brincadeira de pandorga entre pai e filho, além de outros relatos tomados pela sensibilidade; “é como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa” (GOMES, 2004, p.16).

Da mesma forma em que é relatado o nascimento do filho Enoir, também o é o dia do nascimento do segundo filho, Mateus: o registro no Cartório,

as visitas de parentes para conhecê-lo. As escritas de Aldo são um “misto” de trabalho na lavoura, filhos, passeios, saúde. Há dias em que o cuidado com a saúde e as doenças da infância mistura-se com o trabalho da lavoura:

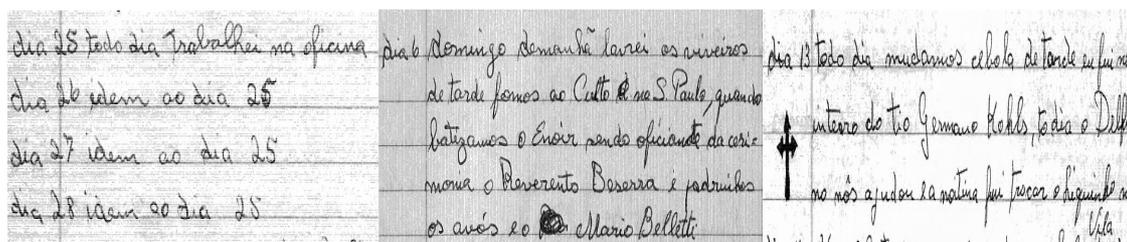
Dia 3 de manhã até as 9h eu lavrei a cabiceira da roça da divisa do Nilo e depois limpei o valo, a Nair ajeitou as coisas para nós ir a Pelotas de tarde, e depois do meio dia fomos a Pelotas consultar com o Mateus e o Enoir com a catapora. (Aldo Schmidt, Diário nº 5, julho de 1989).

Aldo é muito atento aos pormenores, sem deixar que nada passe despercebido. O que antes era visto como uma “função” feminina é tomado, nesse caso nos diários de Aldo, pela mão masculina. Poderia dizer que, segundo Perrot (1989, p.15), isso é uma exceção, visto que:

Pela força das circunstâncias pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltado para a família e o íntimo, os quais elas foram delegadas por convenção e posição. Às mulheres cabe conservar os rastros das infâncias por elas governadas.

Os estudos de Perrot indicam que manter a memória da família, escrever o íntimo, são práticas femininas, mas aqui, contraponho suas idéias. Aldo contraria essa “regra” feminina, na qual as mulheres é que “cuidam” dos arquivos familiares: “sobre a família e o cotidiano, que se pergunte às mulheres! Esse aspecto das coisas lhes cabe” (PERROT, 1989, p.17). No caso de Aldo, a “regra” é oposta: o homem é que é o guardião da memória e da história da família.

Isso é próprio de alguém que registra a vida, pois a vida é composta por acontecimentos diversos – *roçar, consultar* –, ou, como diz Peres (2006, p.51), “somos atravessados pelos desassossegos que nos fazem”. Registrar sua história, trazer o passado no presente, dar vida às suas lembranças, deixar sua herança, pois Nair, Enoir e Mateus fazem parte de sua história. Tudo isso é como o plantar e cuidar da lavoura: Aldo lançou uma semente, a qual cresceu e continua a se desenvolver entre seus cadernos, numerados um a um. A semente passou a dar mais frutos entre os filhos, pois Enoir e Mateus também começaram a escrita de seus diários.



PALAVRAS FINAIS

Esse estudo teve como objetivo principal analisar os sentidos das escritas de dois irmãos, agricultores com pouca escolaridade, moradores da zona rural. Caracterizou-se por uma pesquisa no campo da cultura escrita e teve como foco principal os diários escritos pelos agricultores. Usando como metodologia a análise dos registros diários e entrevistas semi-estruturadas, o trabalho procurou abordar a escrita em uma perspectiva cultural e social, o que tornou a análise dos dados uma tarefa complexa, exigindo o diálogo com diferentes áreas de conhecimento.

Trabalhar com as escritas de agricultores revela outros espaços e outras instâncias, desvelando alguns “mitos” da zona rural. Problematizar o tema da escrita numa perspectiva social e cultural não é tarefa fácil, pois envolve valores, crenças, usos dessa prática cultural. Nessa pesquisa, evidenciou-se que a escrita é tratada pelos irmãos como um bem simbólico, um valor, ou, como diz Lejune (1997), “o guarda memórias” de uma vida.

Por isso, a pesquisa procurou mostrar um caso singular: os sentidos da escrita não escolar de agricultores com baixa escolaridade. Nesse caso, podemos afirmar que os dois agricultores, embora possuam um baixo nível de escolaridade, apresentam um alto grau de letramento, pois fazem uso efetivo e cotidiano da leitura e da escrita. Nesse sentido, é interessante observar as escalas individuais

dentro da sociedade: quando falamos em história da cultura escrita, as fronteiras entre o popular e o erudito, alfabetizados e analfabetos, zona rural e zona urbana são aspectos que não estão tão distantes como parecem.

O que a escrita dos cadernos diários revela, quando se trata da história da cultura escrita? Poderíamos fazer uma analogia: os cadernos são a nossa biblioteca e as escritas desses são os objetos que “guardam” a história. Muitas vezes, cometemos “o erro” de pensar que é só nas bibliotecas que estão os grandes patrimônios ou até mesmos nos museus. Sem deixar de considerar a importância desses, refiro-me aos cadernos diários da pesquisa como um grande *patrimônio do escrito*. Um patrimônio do escrito que será preservado e passado através das gerações para os filhos de Aldo, que também começaram seus registros diários. Um patrimônio do escrito deixado por dois irmãos agricultores, com pouca escolaridade, mas que têm consciência de que podem “trazer o passado de volta ao presente” através de seus registros. Um patrimônio do escrito que nos dá nova significação para as práticas escolares de escrita: a escrita serve, além de tudo, para a vida!

Nesse sentido, se tornam de extrema relevância estudos que mostrem diferentes trajetórias sociais, escolares e individuais. A variedade de assuntos presentes nos diários desses agricultores nos mostra que para o entendimento da história da cultura escrita não se pode negar a amplitude das fontes nos estudos das práticas culturais. Há um conjunto de estudos oriundos de diários privados, cadernos de memórias, cadernos escolares, livros de contas, correspondências, demonstrando uma valorização das escrituras no seu uso cotidiano. Mas, o que esses estudos apontam dentro de uma história da cultura escrita? Qual é o destino das letras dos dois agricultores?

Os irmãos Aldo e Clemer construíram/reconstruíram sentidos diferentes para suas escritas; embora sejam parecidas na forma e no conteúdo, apresentam, para cada um, sentido diferente. Isso fica evidente na continuidade da prática da escrita por Aldo e no cessar das escritas de Clemer com o casamento, também pelo fato de Clemer chamar seus registros às vezes por cadernos, às vezes por diários. Já Aldo sempre assume sua escrita como “diário”, demonstrando um objetivo claro de trazer o passado ao presente.

Para Clemer, o diário é um “exemplo” de escrita do irmão Aldo, o registro de um período de sua vida (1975 a 1979). Já para Aldo é uma forma de existir no cotidiano, deixando as marcas do passado para trazê-lo no presente, como se Aldo “preparasse a terra tecendo os fios de sua existência”. Para Clemer Schmidt, significou uma passagem pela escrita que “morreu” com o casamento, pois era uma prática de registrar os acontecimentos coletivos da família. Isso se comprova quando Clemer escreve na terceira pessoa do singular “ele”, não assumindo sua autoria explicitamente. Seus diários não eram “seus”, *eram coletivos*, eram da família, Clemer era apenas o responsável pelas escritas.

Para Aldo Schmidt, os diários eram seus e assumidos dessa maneira por ele, quando escrevia em primeira pessoa “eu”. Aldo não registra apenas seus “25 verões”, registra a sua história e a de sua família. A escrita tem um significado pessoal que acaba como herança para seus filhos, constituindo o “livro registro” de sua história, caracterizando-se por ser o guardião das lembranças familiares. Arquivar a sua história, escrever para deixar os seus traços vividos e registrados, muito além do registro do trabalho na lavoura, eis a motivação de Aldo.

O certo é que, para os dois irmãos, a prática escrita é um diferencial na comunidade em que vivem: além da escrita dos diários, se envolvem em demais atividades em que a escrita é recorrente, como secretários da igreja, como mesários em períodos eleitorais, no aceite aos convites da professora para ir à escola falar com os alunos, entre outros.

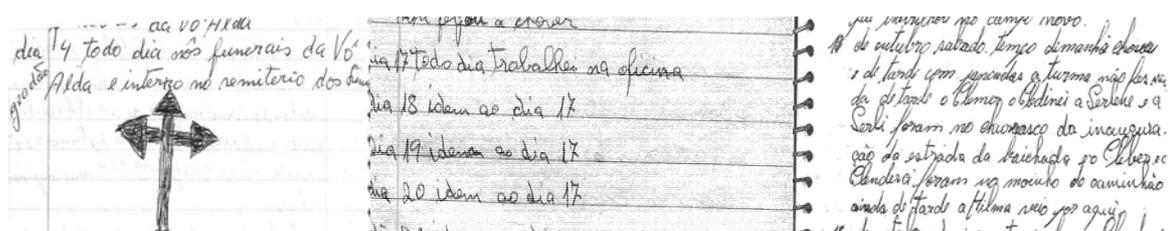
O registro do tempo, das atividades de lazer, do controle do trabalho e de acontecimentos sociais e comunitários demonstra uma forma organizada e consciente de registro, uma maneira intencional de deixar os traços do vivido, nos mais diferentes aspectos. Através desses registros, percebe-se a intenção de produzir e, também, de fortalecer as suas identidades. Uma forma de perceberem-se como sujeitos diferentes, em diferentes lugares e em diferentes tempos e temporalidades.

É importante dizer que esse estudo também pretende ressignificar o contexto escolar e suas práticas de escrita. Conforme Vóvio (1995) e Souza (1995), “o que se quer é deixar de lado estereótipos sociais nos quais são enquadrados sujeitos e que, na maior parte das vezes, não permitem reconhecer ou identificar possibilidades individuais trilhadas em um campo social

compartilhado”. Por isso que as práticas de Aldo e Clemer, sujeitos com pouca escolaridade, nos fazem repensar o contexto da escola e as diversas funções da escrita em nossa sociedade: escrita enquanto estratégia de memória, como organização do pensamento, como correspondência, escrita *da* e *na* vida, registro do que se fez ou do que se fará no dia.

A escrita, no contexto escolar, deve ser também pensada na perspectiva social, e não apenas em uma perspectiva individual. Deve levar em conta os usos e as práticas que os indivíduos utilizam cotidianamente.

Finalizando, ressalto a importância da pesquisa mesmo que com limitações, procurando trazer contribuições à História da Educação, especificamente à História da Cultura Escrita, tratando as escritas como uma prática cultural fruto da organização de uma sociedade. Através dessa prática cultural, Aldo e Clemer constroem uma identidade para si em um contexto singular: a zona rural. Para Gomes (2004, p.11), “o ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através dos seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado”, e isso, para os dois irmãos, é a certeza de existir através das palavras, contando de noite o que foi feito durante o dia: “arar a terra e registrar a vida”, deixando como semente um “patrimônio do escrito”.



REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. *História da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. *Revista de Estudos Históricos*, p.9-34, 1998.

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M.; BELTRÃO, Encarnação; WHITACKER, Arthur (orgs). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BAHIA, Joana D' Arc do Valle. *O "tiro da bruxa": identidade, magia e religião entre os camponeses pomeranos no estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2000. Tese de Doutorado.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de Campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. História do menino que lia o mundo. *Fazendo História* n° 7. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. ITERRA: 2001.

BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERTOLDO, Edna. *A categoria do trabalho em Marx e Marcuse*. Revista Novos Rumos, n° 47. Instituto Astrogildo Pereira. 1999. Disponível por: http://www.institutoastrojildopereira.org.br/novosrumos/artigo_show.asp?var_artigo=56. Acesso em: 28 dez. 07.

BLAS, Verónica Sierra. “Puentes de Papel”: apuntes sobre las escrituras de la emigración. In: LEWGOY, Bernardo e SEMÁN, Pablo (orgs). *Horizontes Antropológicos*. UFGRS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 10, n° 22, jul/dez., 2004. Porto Alegre: PPGAS, 2004.

BOLLÈME, Geneviève. *O Povo por Escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade - Lembrança de Velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAFIERO, Carlo. *O capital: uma leitura popular*. São Paulo: Editora Polis, 1981.

CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido*. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História: Conversas com Carlos Aguierre Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade. 1996.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COSTA, Vânia Aparecida e MARINHO, Marildes. Práticas de letramento em sala de aula de assentamento de Reforma Agrária. Caxambu, 29ª Reunião da ANPED, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro. RJ: Guanabara Koogan. 1991.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e LANG, Alice Beatriz da Silva. *Educando para o trabalho: família e escola como agências educadoras*. São Paulo: Loyola, 1985.

DIAS, Helena Caminhas. *Agricultores e Literacia: relação com a informação institucional e vida quotidiana no centro litoral*. In: BENAVENTE, Ana (coord.). *A Literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação – Conselho Nacional de Educação, 1996.

DIAS, Vânia Aparecidas Costa. *Práticas de leitura de professoras no meio rural*. Dissertação de mestrado: Belo Horizonte. Fae / UFMG. Fev. 1994.

Dicionário de sinônimos. Disponível por:

<http://baixaki.ig.com.br/download/Dicionario-de-Sinonimos.htm>. Acesso em: 15/12/2007.

ECO, Umberto. *Baudolino*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007.

ENDLICH, Ângela Maria. *Perspectivas sobre o urbano e o rural*. In: SPOSITO, M.; BELTRÃO, Encarnação; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. *Carregando água na peneira: escrita na vida, escrita na escola*. Caxambu, 28^a Reunião da ANPED, 2005.

FABRE, Daniel (org.). *Écritures Ordinaires*. Paris Centre Georges Pompidou. *Bibliothèque Publique d' Information*, p.11-94, 1993.

FRAGO, Antonio Viñao. *Alfabetização na Sociedade e na História: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. *Leer y Escribir: historias de dos prácticas culturales*. México: Fundación Voces y Vuelos, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). *Revista Brasileira de Educação*. Faculdade de Educação; Universidade Federal de Pernambuco (jan./ fev./ mar./ abr./ 2001 - nº 16). ANPED.

GARRIDO, Joan del Alcàzar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.13, nº 25/26. set. 92 / ago. 93.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOODY, Jack e WATT, Ian. *As conseqüências do letramento*. Trad. Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação – SBHE- Dossiê “O Público e o Privado na Educação Brasileira”*. Editora Autores Associados, jan./jun. 2003. nº 5.

JANOTI, Maria de Lourdes Monaco e ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia?. *Revista Brasileira de História: Memória, História, Historiografia: ANPUH: Marco Zero: SP*. v.13, n. 25/26, set.92/ago.93.

KLEIMAN, Ângela. *Os significados do Letramento*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

_____. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. 8.ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

KLEIMAN, Ângela e MATÊNCIO, Maria de Lourdes (orgs.). *Letramento e formação do Professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2005.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Espaços e Tempos de Educação (ensaios)* – Núcleos de Trabalhos e Estudos em Educação. (BRASA), 2004.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos*. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEJEUNE, Philippe. O Guarda-memória. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.19, 1997. Disponível por: <http://cpdoc.fgv.br/revista/arq/213.pdf>. Acesso em: 22 jun. 07.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedraço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. A Questão do tempo para Norbert Elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Universidade Estadual de Londrina. v.2, n.1, Jun/2000. Disponível por: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n14.htm>. Acesso em: 29 dez. 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (org.). *Refúgios do Eu: educação, história, escritura autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História/ 10*. Departamento de História. São Paulo: Editora da PUC, 1993.

NÓVOA, Antônio. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *Histórias e histórias de vida* – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado (2002). Universidade Federal da Bahia. Disponível por: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.html>. Acesso em: 21 abr. 2007.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Os caminhos e os Desassossegos no Tornar-se Professor(a)... In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de Oliveira. *Narrativas e Saberes Docentes*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

PERROT, Michelle. Caroline, uma jovem do Faubourg Saint-Germain durante o Segundo Império. In: PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v.9, n.18, p.9-18, ago.89/set.89.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 1999.

_____. PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

REVERBEL, Carlos (org.). *Diários de Cecília de Assis Brasil*. Porto Alegre: L&PM. 1983.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001*. 2.ed. São Paulo: Global, 2004.

SAMPAIO, Rosa Maria W.F. *Freinet – Evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 1989.

SILVA, Maria Emília Lins e BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Escritas para si, escritas para o outro nas memórias de um grupo de docentes. Caxambu. 28ª *Reunião da ANPED*, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociologia*. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível por: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 maio 2007.

_____. *Metamemória - Memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. Língua escrita, sociedade e cultura; relações, dimensões e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. n.10. set./out./nov./dez. 1995.

SCHWARTZ, Eda. A singularidade do viver das famílias do extremo sul do Brasil. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sonia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da. *O viver em família e sua interface com a saúde e a doença*. Maringá: Eduem, 2004.

THIES, Vania Grim. *Práticas de leitura de uma família de agricultores da zona rural de Pelotas*. Pelotas: FaE / UFPel, 2005. Artigo de conclusão do Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento.

ANEXOS



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Nome: Aldo Schmidt
Nacionalidade: Brasileira
Idade: 59
Estado civil: casado
Portador da Cédula de Identidade RG nº: 9009932683
Residente à: Belênia Santo Antônio nº s/nº
Bairro: Interior - 7º distrito CEP -
Cidade: Pelotas Estado: Rio grande do Sul

AUTORIZO o uso de meu nome, bem como o uso de meus materiais (diários/imagens) para os trabalhos de dissertação da aluna mestranda Vania Grim Thies, orientada pela professora Dra. Eliane Peres, da Universidade Federal de Pelotas, com sede na rua Alberto Rosa, nº 154, Pelotas – RS, sejam esses destinados à divulgação ao público em geral e/ou para alunos da universidade. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a meu nome, materiais/imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Pelotas, 08 de fevereiro de 2007

Aldo Kohls Schmidt
Nome



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Nome: Clemer Kohls Schmidt
Nacionalidade: Brasileiro
Idade: 56
Estado civil: casado
Portador da Cédula de Identidade RG nº: 1023252081
Residente à: Colônia Santa Bernardina nº sl nº
Bairro: Interior CEP 96150-000
Cidade: Monte Redondo Estado: Rio Grande do Sul

AUTORIZO o uso de meu nome, bem como o uso de meus materiais (diários/imagens) para os trabalhos de dissertação da aluna mestranda Vania Grim Thies, orientada pela professora Dra. Eliane Peres, da Universidade Federal de Pelotas, com sede na rua Alberto Rosa, nº 154, Pelotas – RS, sejam esses destinados à divulgação ao público em geral e/ou para alunos da universidade. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a meu nome, materiais/imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias de igual teor e forma.

Pelotas, 12 de março de 2008

Clemer Kohls Schmidt
Nome